

SÉRGIO PEREIRA COUTO

Sociedades Secretas

ILLUMINATI

Os segredos da sociedade oculta apresentada no livro
Anjos e Demônios, de Dan Brown

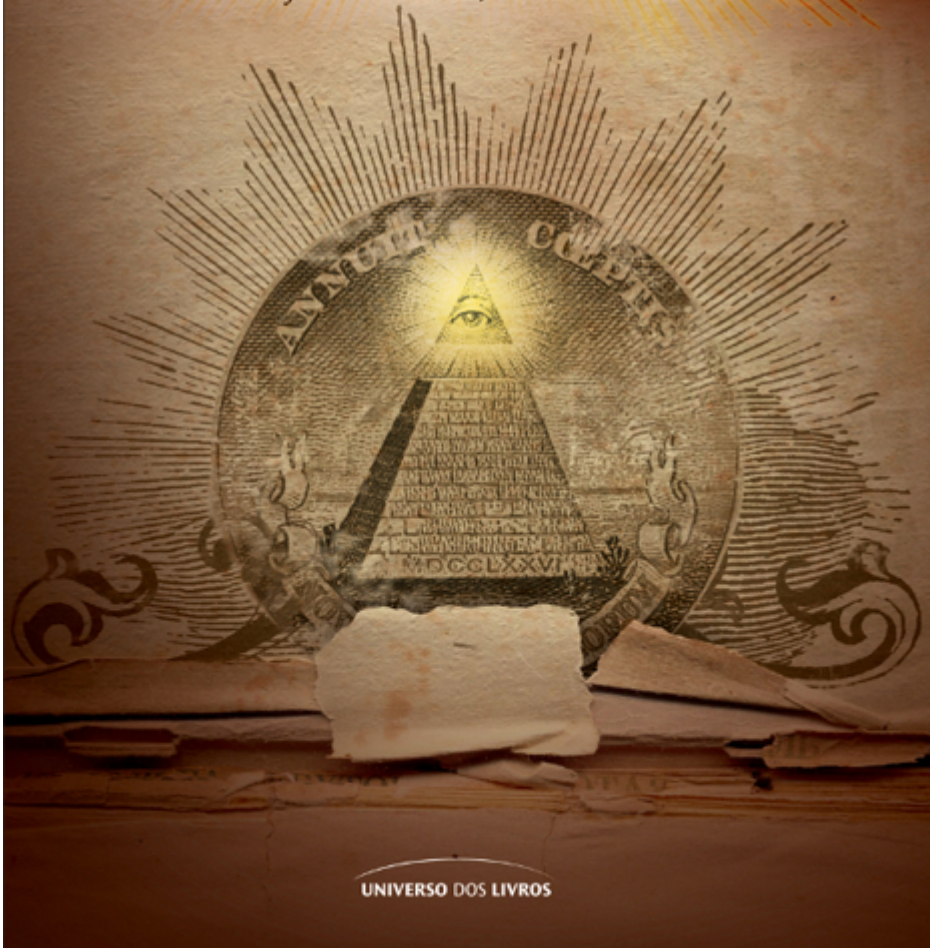


UNIVERSO DOS LIVROS

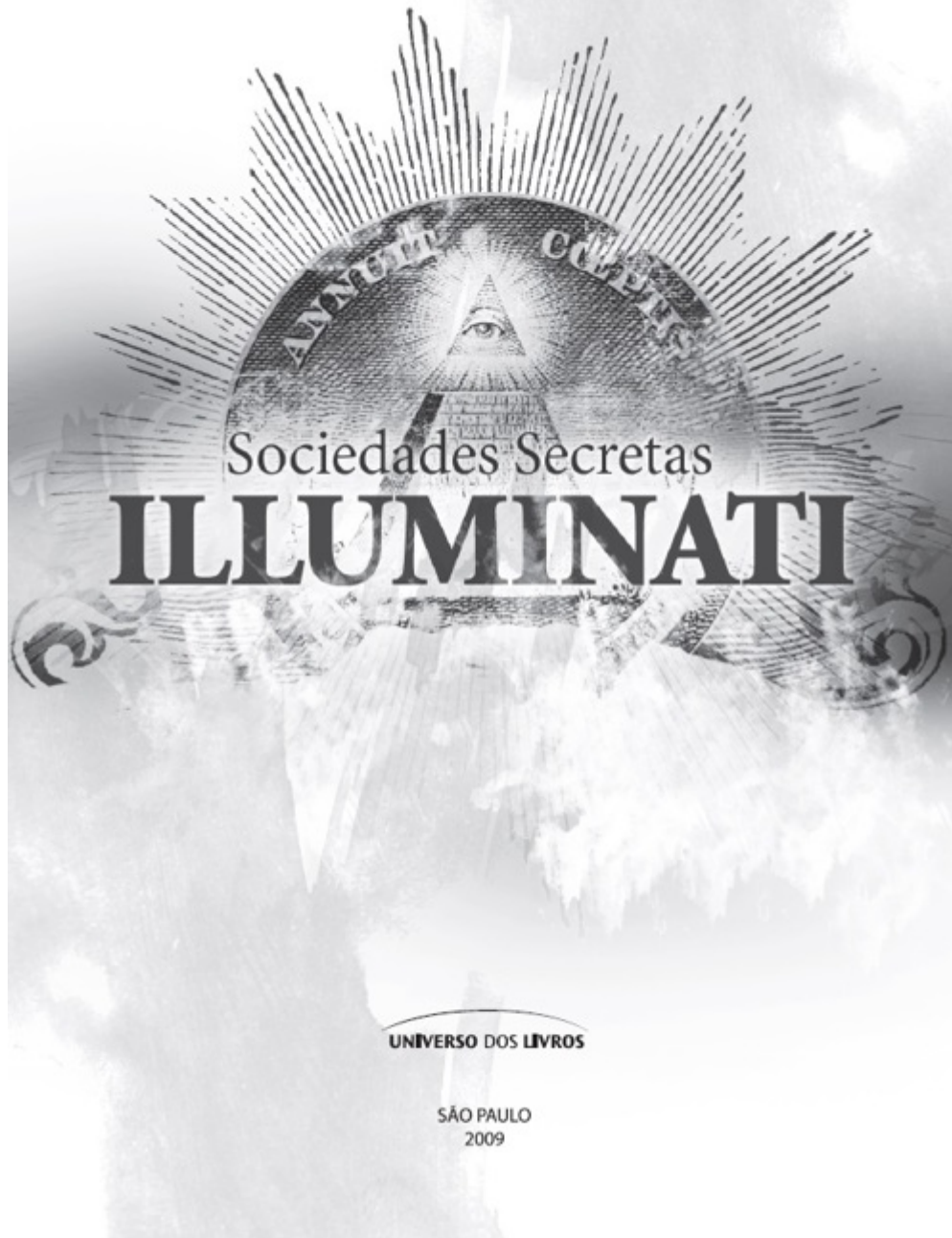
SÉRGIO PEREIRA COUTO

Sociedades Secretas ILLUMINATI

Os segredos da sociedade oculta apresentada no livro
Anjos e Demônios, de Dan Brown



SÉRGIO PEREIRA COUTO



Sociedades Secretas

ILLUMINATI

UNIVERSO DOS LIVROS

SÃO PAULO
2009

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua Tito, 1.609

CEP 05051-001 • São Paulo/SP

Telefone: (11) 3648-9090 • Fax: (11) 3648-9083

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

© 2009 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial

Luis Matos

Assistência Editorial

Tatiana Costa

Preparação dos originais

Dida Bessana

Revisão

Marília Ferro

Projeto Gráfico

Fabiana Pedrozo

Diagramação

Cláudio Alves

Capa

Daniel Brito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C871s Couto, Sérgio Pereira.

Sociedades Secretas Illuminati / Sérgio
Pereira Couto. – São Paulo: Universo dos
Livros, 2009.
128 p.

ISBN 978-85-7930-017-2

1. Illuminati. 2. Sociedades secretas.
I. Título.

CDD 133.06

As várias encarnações dos Illuminati



Capítulo 1

Obscura e com fama de impiedosa, a ordem secreta conhecida como Illuminati assombrou o imaginário popular desde seu surgimento oficial em 1776. E justamente por ter sido uma das mais misteriosas de que se tem notícia, é até hoje objeto de estudos acadêmicos e teses conspiratórias, que teimam em afirmar que havia muito mais no grupo do que os registros históricos apresentam.

Os leitores conhecem essa sociedade secreta mais por sua presença em jogos de RPG (*Role-Playing Game*, ou Jogo de Interpretação de Personagens) ou a extensão de mesmo nome do *GURPS* (*Generical Universal Role-Playing Game* ou Sistema Genérico Universal de Jogos de Interpretação), e do primeiro romance de Dan Brown, *Anjos e demônios*, com o personagem Robert Langdon, anterior ao megasucesso *O código da Vinci*. Porém o nome Illuminati é bem mais antigo do que se possa imaginar. E vem de muito antes de 1776, quando surgiu sua vertente mais famosa.

O termo significa “os iluminados” e está grafado em latim. Assim, é quase previsível que a história tenha mantido registros de grupos não relacionados entre si e que também adotaram esse nome. Na maioria das vezes, eles o faziam porque organizavam agremiações e alegavam possuir textos gnósticos ou outras informações secretas que não podiam deixar que fossem conhecidas pelo público.

Vamos, agora, ver alguns desses grupos pioneiros.

Um deles atuou entre os séculos XIII e XIV, no norte da Europa, sob o nome oficial de Irmandade do Espírito Livre. Dizia-se antinomiano (ou seja, contrário às leis da ética que se opõem aos princípios do cristianismo) e individualista. Assumiram então a denominação de “iluminados”.

Esse grupo entrou em conflito com a Igreja Católica e foi declarado herético pelo papa Clemente V, o mesmo que dissolveu os Templários, no Concílio de Viena, realizado entre 1311 e 1312. Essa irmandade foi considerada similar a um grupo mais antigo, os amalricianos, que atuaram

no século XIII e pregavam a chegada de uma Era do Espírito Santo, que sucederia a Era do Pai (os tempos patriarcais) e a do Filho (quando surgiu o cristianismo). Tiveram grande destaque em uma época em que a Europa passava por um turbilhão de acontecimentos históricos traumáticos, como o papado de Avignon (quando a sede da Igreja foi transferida de Roma), a propagação da Peste Negra e o surgimento de uma das heresias que mais se enraizaram naquele continente, o catarismo.

No século XV temos outro grupo que assumiu esse nome e afirmava categoricamente que a tal iluminação não vinha de uma fonte “autorizada e secreta”, mas sim do interior de cada indivíduo, sendo resultado de um estado alterado de consciência denominado iluminismo (é importante não confundir este com o movimento intelectual de mesmo nome que surgiu no fim do século XVII). Esse estado alterado era o resultado de um esclarecimento espiritual e psíquico.

Os próximos a usarem o nome, de acordo com o historiador espanhol Marcelino Menéndez y Pelayo, são conhecidos como *alumbrados* da Espanha. Pelayo afirma que encontrou o registro do nome oficial pela primeira vez em documentos datados de 1492 e do termo *Illuminati* em 1498. Porém, ele ligou esse grupo a uma origem gnóstica e deu a explicação que seus ensinamentos divulgados na Espanha originaram-se na Itália. Uma de suas líderes mais conhecidos foi Beata de Piedrahita, filha de um trabalhador de Salamanca, sua cidade natal. Ela chamou a atenção da Santa Inquisição em 1511 quando começou a afirmar que mantinha contato constante com Jesus e com a Virgem Maria. O historiador também conseguiu levantar que ela provavelmente só foi salva da fogueira por obra e graça de padrinhos poderosos.

E por que eles eram perseguidos? Não apenas por manterem supostos diálogos com os santos, mas por divulgarem seus ensinamentos que, obviamente, iam de encontro às noções pregadas pela Igreja Católica. Afirmavam que a salvação estava na bondade e na busca interior e praticavam a imobilidade do corpo e do espírito. O mais importante neste ponto é notar que esses conceitos são semelhantes aos preconizados pela meditação oriental, o que para os católicos da época era uma heresia. Os *alumbrados* também preferiam a recitação silenciosa da Bíblia em oposição à oral, e por isso eram acusados de ser protestantes.

Os *alumbrados* “iluminados” foram acusados ainda de terem influenciado até mesmo católicos como o fundador da Companhia de Jesus

(em latim *Societas Iesu*, S. J.), o basco Íñigo López de Loyola, conhecido posteriormente como Santo Inácio de Loyola (1491-1556). Essa companhia era uma ordem religiosa da Igreja Católica fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, liderados por Inácio de Loyola, e seus membros são os jesuítas.

Loyola teria mantido contato com os alumbrados quando era estudante em Salamanca, em 1527. Naquele ano foi levado perante a uma comissão eclesiástica que o acusou de simpatizar com os *Illuminati* da época. Embora tenha sido advertido, Loyola conseguiu escapar de uma punição mais severa, o que não ocorreu. Dois anos mais tarde, com um grupo de simpatizantes em Toledo, foi condenado à prisão e a chibatadas.

Logo a Igreja percebeu que tinha um adversário que poderia arrastar para suas hostes muitos dos religiosos atuantes. Dessa época em diante a Inquisição se dedicou a localizar, julgar e executar muitos dos *alumbrados*, especialmente na cidade de Córdoba.

Já na França, terra natal de muitas heresias condenadas pela Igreja, iremos encontrar, proveniente de Sevilha, Espanha, o movimento “iluminado” que chegou até a região da Picardia, no norte do país, por volta de 1623. Foi lá que Pierce Guérin, um pároco da cidade de Saint-Georges de Roye, inaugurou seu próprio grupo *Illuminati* em 1634. Seus seguidores, conhecidos como *gurinets*, foram perseguidos e dispersos no ano seguinte.

Cerca de um século mais tarde, surge uma versão mais obscura dos *Illuminati* franceses, dessa vez no sul da França, a mesma terra que acolheu abertamente os cátaros. O ano era 1722 e esses iluminados se autodenominavam *Les Prophets de Cevennes* (os profetas de Cevennes, nome este de uma cadeia de montanhas no centro-sul da França). Curiosamente, aqui já identificamos uma prática que se tornaria comum alguns anos mais tarde: enquanto um grupo não cresce e não se torna uma ordem independente, ele vive “encapsulado” dentro de outro movimento. Os “profetas iluminados” no caso eram um ramo do *Camisards* ou camisardos, nome pelo qual eram conhecidos os protestantes franceses calvinistas da época. O grupo parece ter estado em atividade até 1794. Uma curiosidade a respeito dos camisardos é o fato de alguns estudiosos afirmarem que o profeta Nostradamus pertencia a esse grupo. No entanto, não há provas que corroborem essa afirmação.

Rosa-cruzes e martinistas

A outros dois grupos foi atribuída a denominação *Illuminati*, ainda que em outro período: os rosa-cruzes e os martinistas. Os primeiros, como a maioria das pessoas sabe atualmente, tem seus primeiros registros históricos no ano de 1537, embora afirmem que sua origem remonta a 1422. Trata-se de uma sociedade secreta que combina ensinamentos de alquimia com elementos esotérico-religiosos. Para entender suas proposições, deve-se ler seus três manifestos clássicos, todos anônimos: o *Fama Fraternitatis* (forma abreviada de *Fama fraternitatis Roseae Crucis oder Die Bruderschaft des Ordens der Rosenkreuzer*) de 1614; o *Confessio Fraternitatis* (ou *Confessio oder Bekenntnis der Societät und Bruderschaft Rosenkreuz*), de 1615; e *O Casamento Alquímico de Christian Rosenkreutz* (ou de *Chymische Hochzeit Christiani Rosencreutz anno 1459*), de 1616.

Os rosa-cruzes afirmavam, entre outras coisas, ser herdeiros dos Cavaleiros Templários, e possuem um estágio de plenitude que é alcançado depois de anos de estudo e análise de materiais contidos em livros e documentos. Alguns ramos da Rosa-Cruz, como a famosa AMORC (Antiga e Mística Ordem Rosa-Cruz) têm o grau *Illuminati* em sua hierarquia. Para Ralph Maxwell Lewis, segundo imperator para o segundo Ciclo Iniciático da Ordem Rosa-Cruz (AMORC), no texto chamado “A Verdade Sobre os *Illuminati*”, publicado na revista *O Rosa-Cruz* de outubro de 1981, afirma que o termo é empregado para identificar os membros mais esclarecidos, mas também deve “ser entendido tanto no sentido intelectual como no de um fenômeno físico”.

Segundo o artigo, os “iluminados” mais conhecidos contariam com nomes históricos como Esclarmonde de Foix, Hildegarde de Bingen, Leonardo Da Vinci, Giordano Bruno, Louis-Claude de Saint-Martin, Helena Petrovna Blavatsky, Harvey Spencer Lewis, Rudolf Steiner, Jeanne Guesdon, Max Heindel, Mohandas Karamchand Gandhi, o papa João XXIII e Raymond Bernard. E o imperator acrescenta:

*“Os *Illuminati* tinham de demonstrar mais do que o domínio intelectual dos ensinamentos da Ordem mística ou metafísica de que eram membros. Seu caráter, do ponto de vista moral, também tinha de ser da mais alta qualidade. Estas qualificações constituem a característica original*

associada à palavra Illuminati e ao grau deste nome na Ordem Rosacruz (AMORC) Portanto, imaginar que um Illuminatus (singular de Illuminati) use em benefício próprio (ou de um grupo qualquer) os conhecimentos que adquiriu em decorrência de sua afiliação sincera a uma Ordem Mística é o que não pode ser imaginado. Um Illuminatus jamais (portanto, sob nenhuma alegação) usa o que aprendeu para obter qualquer tipo de vantagem pessoal ou para favorecer quem quer que seja. Eram e são livres-pensadores que trabalham exclusivamente para o bem da Humanidade e pela paz na Terra, e por isso no século XVI foram suprimidos na Espanha pela Inquisição Católica Romana, que nunca esteve interessada nem em uma coisa nem em outra”.

Conclusão: os verdadeiros Illuminati são aqueles que trabalham em segredo pelo bem-estar da raça humana, nunca pensando em outra coisa além disso. Para o *Imperator*, a figura do Illuminatus que quer conquistar o mundo não poderia estar mais equivocada.

Por último falemos um pouco sobre os martinistas. Ainda há muita confusão quando se pronuncia esse nome, já que poucos são os que se consideram martinistas “puros”. Os seguidores dessa corrente de pensamento são aqueles que adotam os princípios estabelecidos por duas personagens históricas importantes: Martinez de Pasqually (1727-1779), um maçom francês que fundou uma ordem não-maçônica (mas ironicamente composta apenas por maçons) chamada Ordem dos Cavaleiros Elus Cohen do Universo ou Ordem dos Cavaleiros Maçons, Sacerdotes Eleitos do Universo; e Louis Claude de Saint-Martin (1743-1803), pensador e ocultista francês. Há uma grande diferença entre essas duas escolas: a de Martinez restringiu-se à Teurgia (forma de magia ritual que incorpora a força divina em um objeto material, como uma estátua ou um ser humano), ao passo que a de Saint-Martin adotou o caminho místico, típico dos diversos grupos e ordens esotéricas.

Mas que relação os martinistas teriam com os Illuminati? Bem, o título foi atribuído aos seguidores de Martinez, em 1754, e também a seus imitadores, os martinistas russos, liderados pelo professor Schwartz, de Moscou, em 1790. Ambos os grupos eram considerados seguidores da cabala ocultista e influenciados pelos trabalhos do filósofo alemão Jakob Boehme (1575-1624) e do cientista e místico cristão Emanuel Swedenborg (1688-1772). Boheme relatava em prosa as suas visões celestiais e

acreditava que a vida era um processo de alquimia, ao passo que Swedenborg era um especialista no Livro do Apocalipse, o qual acreditava ser “o prenúncio e um catálogo de toda as catástrofes”.

Os Illuminati da Baviera

Quem acompanha os livros e mesmo os filmes sobre sociedades secretas, com certeza irá deparar com referências diversas sobre os *Illuminati* que, para quem não os conhece, pouco ou nada tem a ver com os grupos descritos acima. Isso porque o padrão utilizado pelos roteiristas, é mesmo o grupo que ficou mais conhecido sob esse nome, que hoje é chamado Os Illuminati (ou Os Iluminados) da Baviera.

A polêmica começa na própria redação deste texto. Verifiquei que é quase impossível estabelecer uma data padrão para o surgimento da ramificação bávara. Um livro afirma que começou em 1771, outro, em 1776, e um terceiro, em 1777. Mas parece ser consenso que o início de suas atividades ocorreu por volta de 1776.

Seja como for, todas as fontes concordam em indicar a data de 1º de maio como data do início das atividades do grupo. Seu mentor era o misterioso Adam Weishaupt (1748-1830), um maçom de ascendência judia que recebeu educação católica tipicamente jesuíta. Essa foi uma mescla que deu ao fundador Illuminatus grande amplitude de pensamento e aglutinação de opiniões diferentes. O autor A. Tenório de Albuquerque comenta em sua obra *Sociedades Secretas*, de 1970:

“Adam Weishaupt estudou com os jesuítas, ‘segundo um de seus biógrafos, era um homem ilustrado e zeloso, que se desvelava pelo bem-estar da sociedade e, por isso justamente, conquistou a malquerença dos discípulos de Loyola que, depois da supressão da Companhia (1773), tratavam de conseguir que cátedras de todos os grandes centros se ensino fossem ocupadas por pessoas suas, inutilizando e afastando delas os que não compartilhassem dos seus objetivos. Weishaupt, que não ignorava essas circunstâncias e o rumo que iam tomando as coisas, porque conhecia perfeitamente os princípios que sustentavam e os processos de que se valiam os seus adversários, pôs-se em guarda desde o primeiro momento e fez arras de sua posição de catedrático e da reputação que havia adquirido

para poder formar poderoso partido a fim de desfazer os ocultos trabalhos dos estatutos dos soldados de Loyola’”.

Por esse trecho é possível notar o quanto Weishaupt foi polêmico desde o início. Suas relações com os demais acadêmicos sempre foram polêmicas e cheias de tensão desde o começo, o que levou seus biógrafos a caracterizarem-no como um homem cheio de segredos e mistérios.

Weishaupt se formou em Direito pela Universidade de Ingolstadt, onde passou a exercer a profissão de professor-titular de Direito Canônico, além de ser decano da Faculdade de Direito. Foi durante seus estudos, pouco antes da graduação, que obteve os conhecimentos necessários a respeito de antigos rituais e religiões pagãs. Duas linhas de pensamento chamaram sua atenção: os Mistérios de Elêusis (os ritos de iniciação ao culto das deusas agrícolas Demeter e Perséfone, celebrados em Elêusis, próxima a Atenas) e os ensinamentos do filósofo e matemático grego Pitágoras (570/571-496/497 a.C.).

Albuquerque acrescenta a esses dados o fato de que Weishaupt também foi um estudioso do maniqueísmo, filosofia dualista ensinada pelo profeta persa Mani, fundador dessa religião. O autor afirma que ele negava a legitimidade política e religiosa vigente e julgava que o melhor método para alcançar resultados era “cercar os príncipes de pessoas idôneas, capazes de dirigi-los com seus sábios conselhos, induzindo-os a confiar o exercício da autoridade em mãos de homens de provada pureza e retidão”.

Assim, com essas ideias em mente, ele começou a esboçar uma sociedade que tinha em seus ideais os conceitos do paganismo e da tradição dos mistérios ocultos. Só após ter sido iniciado na Maçonaria (assunto de que trataremos no próximo capítulo) é que ele encontrou o ambiente propício para iniciar sua própria sociedade secreta. E foi assim que tudo começou.

Seu grupo teve como nome inicial Sociedade dos Mais Perfeitos. Weishaupt tinha um colaborador importante, o barão Adolph von Knigge (1752-1796), membro da baixa nobreza da Bavária. O nome do grupo logo mudaria para Antigos e Iluminados Profetas da Baviera, embora fosse conhecido informalmente como os Illuminati.

Essa sociedade não foi muito bem-vista em uma Bavária cujo o conservadorismo predominava e em uma época dominada quase totalmente pela Igreja Católica e pela aristocracia local. Dentro da ordem, seu principal fundador adotou o codinome Spartacus, forma latina do nome Espártaco,

imortalizado no filme homônimo do diretor Oliver Stone, de 1960, que retrata a história do escravo trácio que liderou uma rebelião contra o governo de Roma.

Embora os Illuminati não fossem democráticos por si mesmos, sua missão era estabelecer uma Nova Ordem Mundial, que seria representada pelo conceito da abolição de todos os governos monárquicos e de todas as religiões. Ele teria escrito que, para atingir seu objetivo, tudo deveria ser utilizado. “Os fins justificam os meios”, teriam sido suas palavras, razão pela qual a maioria dos autores prefere colocar os Illuminati no papel de vilões.

No início os Illuminati estavam divididos em três classes, que, por sua vez, se subdividiam em treze graus. A primeira classe era denominada *Formação* (ou *Berçário*) e compreendia os graus Preparatório, Novício Minerval, Iluminado (ou Illuminatus) Menor e Iluminado (ou Illuminatus) Maior.

A segunda classe, denominada *Maçonaria*, era composta por duas partes: a *Simbólica*, com os três graus maçônicos padrão Aprendiz, Companheiro e Mestre; e a *Escocesa*, com os graus Iluminado Maior e Iluminado Dirigente, também chamado de Cavaleiro Escocês.

Por fim havia a terceira classe, denominada *Mistérios*, também subdividida em dois grupos: o primeiro, *Mistérios Menores*, tinha os graus Eopt ou Sacerdote Iluminado (ou Illuminatus) e Regente ou Príncipe Iluminado (ou Illuminatus); o segundo, *Mistérios Maiores*, trazia os graus Mago e Aei.

Conforme os adeptos ascendiam na hierarquia, inteiravam-se dos verdadeiros objetivos da sociedade. A classe Mistérios incluía os estudos filosóficos segundo as concepções originais de Weishaupt.

Para se tornar um noviço a idade mínima requerida era de dezoito anos. O iniciado entraria com a indicação de alguém de confiança da Ordem e passaria a receber suas primeiras instruções. Para ter acesso aos graus seguintes havia um período de Provação de, pelo menos, um ano. Os graus superiores dos Iluminados eram, por meio de um processo simbólico, baseados em toda uma temática libertária, que objetivava impregnar seus Iniciados com tais ideais.

Outras particularidades dos graus conhecidas pelos pesquisadores incluem o juramento de absoluta obediência a seus superiores que o grau Iluminado Menor fazia. Depois disso o Illuminatus era exposto à doutrina

da instituição, que pretendia fazer da Humanidade um só corpo governando por seus superiores.

O Iluminado Dirigente fazia juramentos onde prometia lutar contra a superstição, a maledicência e a tirania, além de se comprometer a ser devoto da virtude, da sabedoria e da liberdade.

Quando atingia o grau de sacerdote, o iniciado inteirava-se de mais detalhes sobre sua Ordem. Albuquerque descreve:

“Faziam-lhe ver que o melhor meio de desvencilhar-se de dirigentes descritoriosos era, por meio de uma sociedade secreta, apoderar-se de todos os poderes do Estado. Príncipes e padres deviam ser exterminados. O patriotismo devia ser substituído pelo cosmopolitismo”.

Os Illuminados tratavam seus companheiros por irmãos e os portadores de graus elevados usavam pseudônimos históricos como Weishaput. Assim, o barão Knigge era Fílon (em honra a Fílon de Alexandria, filósofo judeu-helenista), ao passo que outro proeminente Illuminatus, o juiz Zwackh, assinava como Catão, conhecido como Marco Pórcio Catão ou Catão, o Velho, político romano.

E não apenas os nomes dos irmãos eram trocados. Os próprios nomes de cidades eram substituídos por equivalentes dos tempos clássicos. Assim a Baviera era conhecida entre eles como Grécia, ao passo que outra cidade alemã, Munique, era chamada de Atenas.

Os membros da Ordem eram recrutados entre maçons e ex-maçons. Esse fator contribuiu para que os Illuminati bávaros estabelecessem contatos sólidos com lojas maçônicas de Munique e Freising (capital do distrito de mesmo nome, também no estado da Baviera) por volta de 1780.

Embora tenham começado com apenas cinco membros e em pouco tempo tenham chegado a ter dois mil, os Illuminati nunca contaram em toda a sua história com um contingente superior a essa cifra. Tendo conseguido estabelecer filiais na maior parte dos países europeus, logo atraíram a atenção de literatos, como o escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), autor de obras clássicas como *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*, e o filósofo alemão Johann Gottfried von Herder (1744-1803), além dos duques reinantes das cidades alemãs de Gota (no estado da Turíngia) e Weimar (na época uma cidade independente).

Como veremos mais adiante, a vida útil dos Illuminati não foi motivo de preocupação para ninguém. Com suas ideias de estabelecer um Estado onde reinaria o bem comum, em que seriam abolidas a propriedade, a autoridade social e as fronteiras, pregavam uma espécie de anarquismo superior, saudável e utópico, em que o ser humano viveria em harmonia, em uma Fraternidade Universal, baseada na sabedoria espiritual, em franca Igualdade, Liberdade e Fraternidade. Curiosamente esse foi o lema adotado por uma das mais importantes revoluções mundiais, a Revolução Francesa, da qual trataremos no [Capítulo 5](#).

Entretanto, como é fácil perceber, tal sociedade, do modo como foi concebida por Weishaupt, estava fadada a desaparecer. Alguns historiadores insistem que os ideais de Spartacus iam de encontro aos poderes estabelecidos, ou seja, eles eram contra a monarquia como instituição política e contra a Igreja como instituição religiosa.

Esses foram os primeiros passos para a lenda dos Illuminati como a conhecemos hoje.

Adam Weishaupt e a Maçonaria



Capítulo 2

No no [Capítulo 1](#) discorreremos um pouco sobre a nebulosa história oficial dos Illuminati. Neste, vamos recapitular alguns dos acontecimentos já mencionados, acrescentando os detalhes divulgados em obras recém-publicadas para o grande público, como a do pesquisador alemão Paul H. Koch que em seu livro *Illuminati* esclareceu muitos pontos sobre as origens históricas dessa ordem.

Koch começa sua narrativa caracterizando os Illuminati como um grupo dedicado ao que ele chama de antitradição, ou seja, que tem por objetivo derrubar a ordem vigente de maneira radical, o que por si só não é nenhuma novidade, uma vez que outros grupos entre as sociedades secretas têm o mesmo objetivo, como a Rosa-Cruz original e os grupos modernos supostamente derivados dos Illuminati, como a Skull and Bones (a sociedade secreta norte-americana, fundada em 1832, que só aceita alunos da Universidade de Yale) ou o Clube Bilderberg (organização não-oficial, fundada em 1954 por, entre-outras, o príncipe Bernhard, da Holanda).

E esse também era um aspecto característico do grupo em que se destacou a personalidade obscura de Adam Weishaupt. O catedrático de Direito Canônico da Universidade de Ingolstadt nasceu em sete de fevereiro de 1748. Seu pai, George Weishaupt, também pertencia ao meio acadêmico e lecionava Instituições Imperiais e de Direito penal no mesmo centro universitário. Como já dissemos, sua família era judia e aos cinco anos de idade ele ficou órfão e foi acolhido por seu avô, o barão Johann Adam Ickstatt, que também seria seu tutor. De um modo ou de outro, ironicamente, ele tinha laços com a monarquia que tanto queria derrubar.

Por algum tempo Weishaupt se converteu ao cristianismo graças ao convívio com seu tutor e mais tarde ingressou no colégio dos jesuítas, onde se destacou graças à sua inteligência, considerada acima da média, e de sua memória, tida como excepcional. De lá foi para a Faculdade de Direito, a mesma em que seu pai havia ensinado anos antes.

Foi com o avô que ele tomou conhecimento de obras que muito o influenciariam. A biblioteca de seu tutor era composta por títulos de filósofos franceses e, livros sobre a Maçonaria e sobre outros grupos cujos princípios seguiam a mesma linha. Weishaupt chegou a fazer amizade com ninguém menos do que Maximilien de Robespierre (1758-1794), advogado e político francês que se destacou por ser uma das personalidades mais controversas da Revolução Francesa. Também mantinha contato com um obscuro místico dinamarquês, de nome Kolmer, que vivera muitos anos no Egito, terra dos faraós, como comerciante até voltar à Europa, quando tentou fundar, sem sucesso, uma sociedade secreta de linha maniqueísta. Kolmer tinha sua própria rede de contatos e descreveu muitos encontros com pessoas de destaque de seitas esotéricas, incluindo o até hoje polêmico e enigmático conde de Cagliostro (1743-1795), maçom, ocultista e alquimista.

Weishaupt ficou fascinado por Kolmer e seus conhecimentos, chegando a pedir-lhe que o iniciasse nos Mistérios dos Sábios de Mênfis, isto é, nos ritos iniciáticos dos mistérios egípcios, atividade que desenvolveu paralelamente aos estudos acadêmicos. Quando estava com 25 anos recebeu o título de professor universitário e, dois anos depois, se tornou catedrático em Ingolstadt.

Seus mentores jesuítas há muito já tinham percebido a capacidade mental de seu jovem pupilo e chegaram a orientá-lo em sua carreira para que se tornasse sacerdote de sua ordem. Mas descobriram seu envolvimento com as doutrinas esotéricas e terminaram por expulsá-lo. Em seu livro, Koch afirma:

“Não se pode dizer que ele tenha sentido muito esta expulsão; na época, estava convencido de que o plano de Deus para o desenvolvimento da sua criação era tão débil quanto impraticável em um mundo dominado pelo materialismo, e assim decidiu trocar de grupo e buscar outro tipo de iluminação, justamente o contrário daquele prometido pelo cristianismo”.

Já naquela época, tinha em mente definições de conceitos que evoluíram para a forma dos Illuminati da Baviera que conhecemos atualmente. Entretanto, sua primeira intenção não era formar sua própria sociedade secreta e sim encontrar um grupo de trabalho pronto que servisse a esse

propósito. Para ele, uma organização como os jesuítas ou a Maçonaria seria ideal, desde que lhe permitissem andar em uma direção diferente. Weishaupt apenas tomaria a decisão de fundar seu próprio grupo quando não encontrou nada parecido, mas não antes de se envolver com a Maçonaria.

Foi durante seu período com os filhos da viúva que ele criaria um simbolismo considerado curioso e passaria a adotar o nome simbólico Espártaco.

Havia, porém, pontos de divergência entre ele e o grupo que adotara. A. Tenório Albuquerque define:

“A Maçonaria sempre considerou a existência de um Ser Supremo, Deus, e combateu, portanto, o ateísmo; ao passo que Weishaupt pretendia destruir todas as religiões, propósito absurdo, de vez que o homem não pode viver dignamente sem uma religião, sem crer em um Ser Supremo”.

O próprio Weishaupt escreveria:

“O primeiro atentado contra a igualdade foi desferido pela propriedade e que o primeiro atentado à liberdade foi levado a efeito pelas sociedades políticas ou governos e que os únicos apolos da propriedade e dos governos eram as leis religiosas e políticas. Portanto para reintegrar o homem na plenitude dos seus direitos primitivos, é necessário começar por destruir toda a religião, toda a sociedade civil e acabar por abolir a propriedade”.

Para quem frequenta a Maçonaria, esse é um pensamento extremamente perigoso. O próprio Albuquerque, que é maçom, argumenta em seu livro que a Maçonaria não é anti-religiosa e considera legítimo o direito de propriedade, tanto que é contra as usurpações. Ela se posiciona contra a manutenção de bens conservados improdutivos quando seu aproveitamento poderia resultar em benefícios para a humanidade.

O começo dos Illuminati

Koch considera que o regulamento inicial dos Illuminati é um meio-termo entre as regras maçônicas e jesuítas com elementos do que ele chama de “falso rosa-cruzismo”. Foi logo no início de suas atividades que surgiu o que hoje é o símbolo mais famoso dessa sociedade secreta: a pirâmide com um olho aberto em seu interior (cuja variante é do olho por cima da pirâmide).

Os primeiros adeptos são quatro alunos que conhecera enquanto dava aulas em sua própria cátedra. Como já dissemos, eles só aceitavam pessoas bem colocadas nos meios sociais e/ou econômicos. O lema de Weishaupt era “poucos, mas bem colocados”.

Os historiadores, em geral, chamam a atenção para um detalhe: o Fundador Illuminatus nunca quis presidir uma organização numerosa, mas dava muita atenção ao fato de seus recrutados serem representantes de uma parcela considerável do poder. Por isso teria tentado obter apoio econômico de um banqueiro que mais tarde se tornaria um dos mais ricos do mundo: Meyer Amschel Rotschild (1744-1812) - o banqueiro alemão de origem judaica fundador do império bancário da família Rotschild, posteriormente envolvida em boatos sobre teorias conspiratórias. Imaginem só o quanto sua presença comprovada historicamente no meio Illuminati não contribuiria para a construção do mito que conhecemos hoje.

Como já vimos a estratégia de crescimento empregada pelo grupo não demorou a dar frutos através do barão Von Knigge, cujo nome completo era Adolph Franz Friedrich Ludwig Von Knigge, um protestante oriundo de Hannover. Como um maçom iniciado na linha regular, introduziu Weishaupt na loja de Munique. E foi a ambição do barão que orientou o grupo para um crescimento rápido. Depois de sua adesão, outros nobres o seguiram, entre eles o príncipe Ferdinand de Brunswick, os já citados duques de Weimar e Gotha, o conde Stolberg, o barão de Dalberg e o príncipe Karl, de Hesse. Outra grande ironia era esse grupo defender a queda da monarquia tendo entre seus integrantes membros da nobreza.

A primeira coisa que vem à mente do leitor atento é saber exatamente o que os Illuminati pregavam a ponto de atrair interessados pertencentes ao mesmo grupo que juraram destruir. Os novos membros entravam sabendo que o propósito do grupo era a substituição da velha ordem reinante por outra nova, em que eles mesmos seriam uma espécie de comando supremo devotado a “conduzir a humanidade para uma era jamais vista de paz e prosperidade racional”. A ideia era uma só: criar um governo de ordem

mundial onde cada homem teria a mesma importância, sem discriminação de classe social, nacionalidade, credo, ofício ou mesmo raça.

Sobre seus objetivos Weishaupt escreveu:

“Qual é em resumo a nossa finalidade? A felicidade da raça humana! Quando vemos como os mesquinhos, que são poderosos, lutam contra os bons, que são fracos... quando pensamos como é inútil combater sozinhos contra a forte corrente do vício... nos vem à mente a mais elementar das ideias: devemos trabalhar e lutar todos juntos, estreitamente unidos, para que deste modo a força esteja do lado dos bons. Pois, uma vez unidos, nunca voltarão a ser fracos”.

Como podemos observar nas palavras de Weishaupt, seus ideais eram os mesmos que escritores e roteiristas contemporâneos podem transformar em grupos de vilões perfeitos. E não é para menos: qualquer um que leia as afirmações do Fundador Illuminatus acredita que suas intenções eram louváveis. Koch, em seu livro, vai mais longe e cita Nesta Helen Webster (1876-1960), uma historiadora ocultista polêmica e autora de vários livros sobre conspirações. Segundo ele, de acordo com os escritos de Webster, as seis metas dos Illuminati da Baviera eram:

1. aniquilação da monarquia e de todo governo organizado segundo o Antigo Regime;
2. abolição da propriedade privada para indivíduos e sociedades;
3. supressão dos direitos de herança em todos os casos;
4. destruição do conceito de patriotismo e substituição por um governo mundial;
5. desprestígio e eliminação do conceito de família clássica; e
6. proibição de qualquer tipo de religião tradicional.

A julgar pelas observações de Weishaupt, ele acreditava piamente que seria fácil convencer países do Oriente a participarem dessa unificação mundial. E como ele obteria esse intento? Segundo Koch, por meio da possibilidade de manipular as conexões intrínsecas que há nas culturas daqueles países por meio do misticismo, do ritualismo e do ecletismo.

Havia um porém nesse pensamento: o modo de vida ocidental estava há muito tempo dominado pelo cristianismo, principalmente pela influência que a Igreja Católica tinha ao “cortar pela raiz qualquer mínimo desvio do dogma”. Porém, graças ao movimento protestante que estava nascendo, havia uma esperança de estabelecer um movimento para acabar com a religião, já que os dissidentes da Igreja Católica eram encarados como “um movimento católico sem papa”.

Assim, Weishaupt decidiu que o primeiro passo era atacar a cultura ocidental. Como tanto ele, quanto seus servidores, eram parte integrante do Ocidente, a melhor maneira para combater esse modo de vida era se valer do segredo. Dos escritos de Weishaupt extraímos este trecho:

“Trata-se de infiltrar nossos iniciados na Administração do estado sob a cobertura do segredo, com o objetivo de que chegue o dia em que, embora a aparência seja a mesma, as coisas sejam diferentes.”

Somente agindo na surdina eles conseguiriam estabelecer um regime de dominação global. E tudo de acordo com o plano supremo da Nova Ordem Mundial, conhecido apenas por Weishaupt e seus associados mais íntimos.

Para colocar seu plano em andamento, ele decidiu infiltrar seus membros na Maçonaria para recrutar pessoas acostumadas a agir em segredo e conforme certos rituais. Eles seriam os seguidores mais indicados, pois teriam facilidade em se readaptar aos conceitos *illuminati*. Em seu livro, Koch afirma:

“Como algumas das velhas escolas da Antiguidade, os maçons ficavam muito tempo pregando que o sentido fundamental da existência humana passa pelo aperfeiçoamento espiritual e pessoal até o ponto de, em algum momento do futuro, o homem ter evoluído o suficiente para não necessitar de Estado nem de sociedade, segundo os parâmetros conhecidos, pois todos os homens seriam irmãos”.

Esse sistema global seria do conhecimento de todos, já que chegaria de forma pacífica e a partir de uma evolução natural. O que os diferenciava era o fato de Weishaupt e seu grupo supostamente oferecer “atalhos” para que esses objetivos fossem mais rapidamente concretizados e assim ninguém

precisaria esperar centenas ou milhões de anos. Isso, segundo ele, ocorreria no período de uma geração, embora para tanto fosse necessário recorrer à violência, uma vez que a velha ordem não seria tão facilmente desmantelada. Para poder participar de tal empreitada bastava apenas oferecer obediência cega a seu comando e não prestar atenção ao fato de que, em um primeiro momento, suas ordens pareceriam sem sentido.

Embora soe um tanto absurdo ou mesmo prepotente para nós atualmente, a julgar por alguns registros datados de 1789, essa proposta foi aceita de imediato pela maior parte das lojas maçônicas de países como Suécia, Espanha, Irlanda, Rússia, no recém-criado Estados Unidos e em boa parte do território do norte da África. Koch afirmava que, se a maioria dos envolvidos, incluindo os próprios iniciados Illuminati, soubesse dos planos de Weishaupt, provavelmente teriam desistido de apoiá-lo.

Assim, os Illuminati passaram por sua fase áurea. Com o apoio do barão de Knigge e em busca de novos adeptos, Weishaupt iniciou intensa campanha na Alemanha. O barão partiu para o norte do país enquanto seu sócio-administrador se concentrou na região central. Como ambos eram maçons, foi fácil entrar em contato com as lojas e com os maçons locais e entre esses ambos conseguiram expressivo número de adeptos. Naquela época chegou-se a registrar a adesão de membros do clero, outro detalhe irônico, pois os clérigos aderiam apesar do caráter anti-religioso da ordem. Entre eles estavam o prelado Hoeslein, vice-presidente do Conselho Espiritual de Munique, e o bispo de Kherson, cidade portuária do sul da Ucrânia.

Reação da Maçonaria

A reação a essa investida não tardou. É claro que a Maçonaria se manifestou contra os Illuminati, mesmo porque eles passaram a ocupar quase todos os cargos e empregos importantes da Baviera, onde o catolicismo predominava. A Maçonaria não admitia o combate à religião e era rígida em seus princípios morais, o que não se verificava com os seguidores de Weishaupt.

A loja maçônica alemã Três Globos, uma das mais famosas na época, divulgou uma circular em que declarava que excluiria da ordem todas as lojas que “degradassem os princípios da Maçonaria ao introduzir nelas o iluminismo”, forma pela qual a filosofia dos Illuminati era conhecida.

No caso de lojas que já haviam adotado o iluminismo, a Grande Loja Alemã proibiu o ingresso de maçons ainda não convertidos. Daí a confusão ainda hoje predominante, pois muitas pessoas afirmam que os Illuminati eram originalmente um ramo da Maçonaria ou que os Illuminati tinham o apoio da Maçonaria, uma concepção totalmente errada.

Como resposta à sua investida, os “iluminados” começaram a enfrentar diversas dificuldades, o que de modo algum amedrontava Weishaupt, que se lançou em um projeto arriscado. Em julho de 1782, várias obediências maçônicas (outra designação para lojas) se reuniram no convento de Wilhelmsbad, atualmente um resort próximo de Hanau. Confiante no fato de que adquirira certo conhecimento e prestígio nos últimos anos, Weishaupt tentou dar um golpe que lhe permitiria unificar e controlar todos os ramos europeus da organização. Entretanto, tudo que conseguiu na ocasião foi um acordo para refundir os três primeiros graus de todas as obediências, deixando os demais ao livre-arbítrio de cada uma. Nas palavras de Koch:

“Muitos franco-maçons de outros grupos decidiram ingressar na loja iluminista, enquanto um número importante desta faixa fazia o mesmo em outras lojas, duplicando assim sua filiação. Naquela época já defendia abertamente uma iniciação muito distante das influências judaico-cristãs e algumas propostas políticas que implicavam a revolução como elemento irrenunciável no caminho para o êxito”.

Nem a Grande Loja da Inglaterra ou o Grande Oriente da França, que começaram a combater abertamente sua influência, nem mesmo os teósofos adeptos de Swedenborg se manifestaram a favor de Weishaupt. Esse resultado, somado à frustração que obtiveram com as tentativas no convento de Wilhelmsbad, levaram o barão Von Knigge a renunciar. É importante ressaltar que esse nobre terminou seus dias em Bremen, no norte da Alemanha, onde morreu em 1796 após publicar alguns livros com sermões visando a atingir os templos protestantes.

Weishaupt, portanto, encontrava-se em uma posição difícil que praticamente o impedia de dar andamento a seus planos. Os maçons ingleses atacavam constantemente os Illuminati, e áqueles logo se uniriam os martinistas. O pior golpe, porém, veio de Joseph Utschneider, um ex-

Illuminatus que, após abandonar a ordem, enviou uma carta para a grã-duquesa Maria Anna da Baviera, em que advertia:

“Se dá o nome de Iluminados (Illuminati) a estes homens culpados que, em nossos dias, ousaram conceber e inclusive organizar, mediante a associação mais criminosa, o horroroso projeto de extinguir da Europa o cristianismo e a monarquia”.

Assim, em junho de 1784 veio o golpe fatal. O duque Karl Theodor Dalberg, acuado pela grande quantidade de reclamações e sinais que recebia dos opositores dos Illuminati, promulgou um édito por meio do qual tornou terminantemente proibida a constituição de qualquer tipo de fraternidade, sociedade secreta ou grupo iniciático que não se enquadrasse na legislação vigente. Mais tarde os Illuminati foram identificados em outro comunicado como um ramo da Maçonaria, o que acarretou o fechamento de todas as lojas desta sociedade secreta.

Em seguida, Weishaupt foi destituído de sua cátedra e exilado, embora o duque de Saxe, que como já vimos era um Illuminatus, tenha lhe oferecido em sua corte, tornando-o conselheiro oficial encarregado da educação de seu próprio filho.

Os demais dirigentes da ordem procuraram refúgio em lojas maçônicas antes do início das perseguições, em maio de 1785. Os membros inferiores também foram perseguidos, presos e torturados.

No entanto, um dos casos mais estranhos ligados aos Illuminati é relatado por Koch. Em 10 de julho desse mesmo ano um enviado de Weishaupt, o abade Lanz, cavalgava em meio a uma tempestade quando foi atingido por um raio. Ao contrário do que se pode imaginar, o cadáver não foi recuperado por membros da ordem mas, sim, segundo relatos, por pessoas locais que o recolheram com cuidado e o levaram para a capela de São Emmeran. Entre as roupas do morto, estavam importantes documentos comprometedores que teriam revelado os planos “iluminados” para a conquista mundial. Alertadas, as autoridades usaram isso para selar de vez o destino dos Illuminati da Baviera e a polícia bávara ficou a par de todos os detalhes da conspiração. Segundo Koch:

“O imperador Francisco da Áustria tomou conhecimento do que estava se tramando contra todas as monarquias, especialmente contra a francesa, encabeçada por seu genro, Luís XVI e sua filha Maria Antonieta”.

Foi desse modo que se passou-se a acreditar que os Illuminati eram a verdadeira força por trás da Revolução Francesa. No [Capítulo 5](#) faremos uma recapitulação desse sangrento episódio e analisaremos com cuidado essas possíveis influências.

Antes, porém, vale a pena lembrar que é aqui que realmente começa a se difundir em todo o mundo o malefício que essa ordem havia se tornado.

Koch afirma também que os governantes franceses tiveram oportunidade de examinar um grupo de documentos conhecido como *Os Protocolos ou escritos Originais da Ordem e Seita dos Illuminati*, que o governo bávaro publicou a fim de alertar o clero e a nobreza de toda a Europa dos perigos que corriam. Porém, ninguém entre autoridades, nobreza, clero e até mesmo entre as pessoas comuns da época, acreditava que os Illuminati da Baviera estavam extintos. Era opinião corrente que, uma vez que eram adeptos do silêncio como arma para atingir seus objetivos, a conspiração continuava, mesmo sem Weishaupt à frente.

O problema maior foi a relação entre os iluminados e a Maçonaria e desde essa época fala-se de laços estreitos entre essas duas ordens. Além disso, embora esteja comprovado historicamente que a Maçonaria combateu os ideais iluministas, por muito tempo essa instituição foi considerada o verdadeiro esconderijo dos seguidores de Weishaupt. Até hoje há quem ouça falar, em meios alternativos, como jornais independentes e sites na internet, em uma possível conspiração liderada por uma aliança entre franco-maçons e Illuminati. Entretanto, nada jamais foi comprovado.

Os Rotschild



Capítulo 3

Por mais estranho que possa parecer, a ideia de que há uma conspiração envolvendo sociedades secretas e a queda desse ou daquele governo perdurou por séculos, mesmo depois que os Illuminati saíram oficialmente de cena. Para muitos pesquisadores, o plano de derrubar os governos vigentes (e não mais apenas a monarquia) e a Igreja Católica não desapareceu, apenas ficou adormecido por algum tempo para depois voltar com força total.

O maior problema, quando se estuda esse assunto, é que os dados históricos são relativamente escassos e a maioria das informações que se tem atualmente estão mais no campo da especulação. No entanto, a maioria parece concordar que, mesmo que estejamos apenas imaginando, seria necessário haver alguém que sustentasse financeiramente as atividades Illuminati que estivessem em andamento. E essa pessoa, como vimos no capítulo anterior, tem um nome que, justamente por ser um dos mais conhecidos do mundo, em certa medida assusta: a família Rothschild.

Como esse envolvimento teria começado? Para analisar essa parte da história dos iluminados é necessário dar passos pequenos num terreno pantanoso, já que fatos históricos e especulações se mesclam de tal forma que se torna difícil separar o joio do trigo. Começemos por definir a família de banqueiros. Os trechos a seguir foram extraídos de fontes diferentes, tanto impressas quanto eletrônicas, e servem para que verifiquemos o *status* dos Rothschild:

“A Família Rothschild é uma dinastia bancária e financeira que estabeleceu negócios internacionais e foi nobilitada pelas coroas britânica e austríaca. Como banqueiros, os Rothschild participaram dos negócios mais dinâmicos da época, em especial a indústria têxtil, que florescia em plena Revolução Industrial”.

“A célebre dinastia Rothschild, de banqueiros judeus-alemães, exerceu durante mais de um século e meio poderosa influência sobre a economia da Europa e, de forma indireta, sobre a evolução política do continente”.

“Mais de 250 anos depois, o nome Rothschild ainda é sinónimo de poder e riqueza”.

Em um ponto todos concordam: os Rothschild são uma das famílias mais influentes, antigas e poderosas do mundo. Sua história é estudada até hoje em universidades de diversos países para que cada vez mais pessoas entendam como o poder pode estar concentrado em um grupo de pessoas e se tornar uma arma respeitável na sociedade.

A história dessa família tem início em em 1743, quando um ourives chamado Amschel Moses Bauer abriu uma casa de moedas em Frankfurt, Alemanha. E acima da porta da sala em que fazia seus negócios, ele pendurou uma placa que mostrava uma águia romana num escudo vermelho. Por causa desse símbolo, o estabelecimento se tornou conhecido como a firma do Escudo Vermelho (em alemão *rot* = vermelho e *schild* = escudo).

Segundo Koch, a tradição afirma que o vermelho é uma cor solar, vivificante, fortalecedora e de caráter positivo, o que levaria a crer que a tal representação teria um significado muito maior do que uma simples decoração. Tanto é que, de acordo com o pesquisador, até hoje “o escudo ou a bandeira dessa cor transformou-se no emblema das sucessivas revoluções de esquerda que abalaram o mundo”.

Já a história dos Rothschild tem início com o patriarca, Mayer Amschel Rothschild, nascido em 23 de fevereiro de 1744. Alemão de origem judaica, foi considerado em 2005 pela revista *Forbes* o sétimo da lista dos Vinte Homens de Negócio Mais Influentes de Todos os Tempos, referindo-se a ele como “um pai fundador das finanças internacionais”.

Desde pequeno Mayer já demonstrava grande habilidade intelectual e aprendia com grande rapidez e facilidade tudo que lhe ensinavam. O desejo de seu pai, Moses Amschel Bauer (um cambista, usuário itinerante e ourives que se estabeleceu em Frankfurt porque estava cansado de perambular pela Europa ocidental), era que o filho se tornasse rabino, mas faleceu antes de ver esse sonho concretizado.

Órfão de pai, Mayer foi trabalhar no banco de outra família influente, os Oppenheimer, em Hannover, na baixa Saxônia, onde foi reconhecido como um jovem promissor e se tornou sócio-júnior do estabelecimento. Mais tarde, ao retornar a Frankfurt, assumiu a direção do banco que fora de seu pai. Foi nessa ocasião que apareceu o escudo que se tornaria a marca registrada de sua família.

Essa mudança, até hoje, é tida como uma espécie de mistério pelos pesquisadores. A maioria deles considera estranho que um representante de família judaica, povo conhecido por ser muito apegado às suas tradições, decida mudar de nome sem um motivo aparente e adotar um escudo com determinada simbologia. Para alguns, isso já poderia ser um indício da influência dos Illuminati; já outros discordam e afirmam que o envolvimento com a sociedade secreta de Adam Weishaupt só ocorreria anos depois.

Seja como for, os registros históricos afirmam que grande parte da riqueza de Mayer foi obtida com participações em negócios realizados com Guilherme IX, o *Landgrave* (um título de nobreza alemão remanescente da Idade Média) de Hesse-Cassel, principado que surgiu em 1567. O nobre herdara uma das maiores fortunas da Europa e dependia de Mayer para administrar e controlar seus bens, sobretudo durante a invasão de seu pequeno reino por Napoleão.

Mayer conheceu Guilherme IX por meio do general von Estorff, para quem entregava recados quando ainda trabalhava com os Oppenheimer. O militar era ligado ao *Landgrave* e armou um plano engenhoso: sabendo que o general colecionava moedas raras e ofereceu-lhe peças valiosas a preços baixos. Com esse artifício, em pouco tempo se tornou amigo não só do general mas também de outros membros influentes da corte. Certo dia foi levado à presença do *Landgrave*, que adquiriu grande quantidade de moedas e medalhas raras, tendo sido essa a primeira transação oficial entre um Rothschild e um governante.

Após a Batalha de Iena, em 1806, quando Napoleão derrotou o imperador alemão Francisco e conquistou Hesse-Cassel, Guilherme IX se refugiou na Dinamarca e deixou sua fortuna em dinheiro e obras de arte (cerca de 3 milhões de libras esterlinas) aos cuidados de Mayer, que se esforçou para ampliar seus ganhos. Assim ele se tornou o primeiro banqueiro de cunho e atuação internacionais.

A prole Rothschild e os Illuminati

Mayer casou-se em 29 de agosto de 1770 com Gutlé Schnaper e teve dez filhos, parte deles responsável pela expansão financeira iniciada pelo pai. São eles:

- Schönche Jeannette Rothschild (1771-1859);
- Amschel Mayer (1773-1855);
- Salomon Mayer (1774-1855), fundador do ramo austríaco;
- Nathan Mayer (1777-1836), fundador do ramo inglês;
- Isabella Rothschild (1781-1861);
- Babette Rothschild (1784-1869);
- Calmann (Carl) Mayer (1788-1855), fundador do ramo napolitano;
- Julie Rothschild (1790-1815);
- Henriette (“Jette”) Rothschild (1791-1866); e
- Jacob Mayer de Rothschild (1792-1868), fundador do ramo francês.

Enquanto a família crescia e se desenvolvia, o patriarca dedicava-se aos negócios. Quando passou a trabalhar para Guilherme IX, se dedicou a ganhar dinheiro de todas as formas possíveis, em especial com as guerras que assolavam a Europa na época. Enquanto o príncipe recrutava os mercenários de que diversos ramos da monarquia europeia necessitavam para se envolver em conflitos diversos, Mayer os equipava e alojava até que partissem para os combates, cobrando uma porcentagem de cada operação realizada.

Essa atividade logo lhe rendeu uma pequena fortuna pessoal que aumentou com os investimentos feitos em vários negócios, que iam desde a venda de antiguidades até o comércio de vinhos, sem se esquecer de sua atividade principal, o ofício de banqueiro, que consolidou tão logo voltou para Frankfurt. Sobre esse assunto Koch afirma:

“O dinheiro não é um fim em si, mas um simples meio de pagamento para conseguir outros objetivos verdadeiramente importantes na vida. Muitas pessoas não conseguem compreender exatamente o que significa isso até que chegam a uma idade avançada ou até que, em alguns poucos casos,

amealham uma grande fortuna como a que Meyer conseguiu reunir em um tempo recorde”.

Seja como for, os pesquisadores dos Illuminati deleitam-se com essas passagens da vida do patriarca Rotschild. E poderíamos nos perguntar: qual teria sido a verdadeira intenção de Mayer ao se dedicar a explorar negócios durante as guerras europeias? Fornecer mercenários, argumentam eles, parece uma tentativa de fazer que a monarquia guerreasse entre si até que terminassem por se aniquilar. E esse, perguntam, não é o objetivo dos Illuminati?

Os historiadores, claro, não levam a sério essas teorias e simplesmente argumentam que, mais uma vez, os fatos não estão de acordo com a ordem cronológica. Na verdade, como veremos mais adiante, há registros de financiamento da Ordem dos Iluminados pelos Rothschild datados de 1786. Porém, um fato chama a atenção: por que Mayer apoiaria os Iluminados da Baviera se era de seu interesse se relacionar bem com os membros da nobreza? Essa aparente divergência é explicada por pelo menos três pesquisadores diferentes: os Illuminati queriam derrubar os governantes, mas barões, duques e condes, em geral, não são governantes, o que explicaria a aproximação deles com essa ordem.

Koch, por seu lado, acredita ser possível que Mayer fantasiasse com a possibilidade de usar sua fortuna para adquirir um reino em algum lugar do mundo. Naquela época era fácil encontrar um nobre falido que estivesse tão desesperado a ponto de vender seu reino a preços razoáveis. É claro que, numa época em que as grandes dinastias ligadas aos tronos europeus pregavam o absolutismo, manifestar tal pensamento em voz alta poderia resultar em sérias consequências, como prisão. Além disso, havia a questão da hereditariedade, característica da maioria das casas reais. Se levarmos esse ponto em consideração, começaremos a ver razões pelas quais Mayer poderia ter se decidido a apoiar os Illuminati. Assim, se não fosse possível conquistar um espaço por meios normais, a alternativa seria recorrer a um esquema que lhe permitisse chegar ao poder de outra forma: pelos bastidores.

E assim surgem os Illuminati. Mayer chega a abrir sua própria casa para que eles se reúnam e, segundo especialistas, expliquem em detalhes os preparativos para fomentar a Revolução Francesa, que aconteceria alguns anos depois. Nessa e em outras reuniões alguns detalhes teriam sido

discutidos, como o processo de agitação pré-revolucionária, o julgamento e a execução do rei Luís XVI e criação da Guarda Nacional republicana.

Convém, entretanto, abrir um parêntese: embora este livro seja especificamente sobre os Illuminati, vale lembrar que outras sociedades secretas, incluindo a Maçonaria, a Rosa-Cruz e até mesmo os Templários, já reivindicaram para si créditos por serem os verdadeiros mentores desse acontecimento. Talvez jamais saibamos a verdade sobre quem foi a grande força inspiradora por trás dessa revolução, mas uma coisa é certa: talvez essa seja a pista certa. Afinal, como os registros históricos podem confirmar, há uma declaração de um deputado e membro do Comitê de Saúde Pública da Assembleia Nacional chamado Joseph Cambrom em que ele denuncia o envolvimento de grupos secretos no processo revolucionário e declara que, a partir de 1789, “a grande Revolução golpeou o mundo todo, exceto os financistas”. De fato, qualquer livro de história registra que os principais alvos dos revolucionários foram os monarcas e os religiosos, provavelmente um eco de filosofia ao estilo dos Illuminati.

Seja como for, a verdade é que, segundo o suposto projeto original dos seguidores de Weishaupt, havia um plano para estender o processo revolucionário da França para os demais países europeus, a fim de provocar uma verdadeira convulsão social que seria um canal para os interesses dos “iluminados”.

Nunca foi encontrado nenhum documento histórico que comprova o envolvimento direto de Mayer nas atividades Illuminati, mas, em compensação, há alguns detalhes em sua biografia que deixam os pesquisadores em alerta. Por exemplo, sabemos que Meyer se concentrou em seus cinco filhos (Amschel, Salomon, Nathan, Carl e Jacob) e os instruiu em suas técnicas secretas de negociação e manipulação. Conforme os filhos cresciam e começavam a se interessar pelos negócios familiares, o patriarca sentia que o terreno para a continuação de seu trabalho estava preparado. Assim, transformou todos os cinco em acionistas da própria empresa, que passou a se chamar Meyer Amschel Rothschild e Filhos. Em seu testamento excluiu completamente a participação de suas filhas, deixando tudo a cargo dos filhos, que administrariam toda a fortuna, cabendo ao mais velho o voto de minerva em caso de desacordo. Todas as contas deveriam ser mantidas em absoluto segredo, em especial longe dos olhos do governo.

Seu próximo passo foi enviar cada um dos filhos para uma cidade diferente a fim de abrir seu próprio estabelecimento e montar assim a primeira rede financeira europeia de grande alcance, sendo que cada novo estabelecimento representaria um quinto da propriedade geral. Amschel ficou em Frankfurt, Carl foi para Nápoles, Nathan, para Londres, Salomon iniciou suas atividades em Paris, sendo substituído depois por Jacob, até se estabelecer em definitivo em Viena. Koch observa:

“Os irmãos haviam se comprometido a prosseguir o trabalho do pai, com a vantagem de que cada um deles podia contar com o apoio incondicional dos demais, e decidiram assim que dirigentes de uma ou outra nação serviam melhor à sua causa e, em consequência disso, lhes emprestavam ou não o dinheiro solicitado”.

Para os historiadores, a segunda geração dos Rothschild seria apenas outra versão de famílias tradicionais, como os Médici de Florença, mas sem o interesse por obras de arte ou estudos científicos. Com certeza suas origens estão envoltas em mistério, já que é impossível verificar até onde teria ido a influência Illuminati nesse caso. O fato é que as cidades não foram escolhidas pelos irmãos por acaso, já que se tratava dos centros comerciais mais importantes daquela época, onde poderiam se reunir de tempos em tempos para trocar informações e obter uma visão de conjunto do desenvolvimento econômico e político europeu.

O estilo Rothschild de negócios

Segundo alguns pesquisadores, pouco antes do período de expansão dos negócios, em 1773, Mayer teria-se encontrado secretamente, em Frankfurt, com “doze sócios capitalistas judeus abastados e influentes”. Para alguns, esses sócios seriam os conhecidos Sábios de Sião, e tal reunião teria por objetivo “colocar em estudo um projeto que controlaria toda a fortuna mundial”. Tal história teria sido o ponto de partida para que, anos mais tarde, surgisse a polêmica obra *Os protocolos dos Sábios de Sião*, que exporia supostos planos de uma elite judaica para dominar o mundo.

Os pesquisadores Herbert G. Dorsey e William Guy Carr, bastante citados nos textos sobre os Illuminati, acreditam que:

“Esses sócios capitalistas haviam enfatizado, entre outras coisas, o fato de que a fundação do ‘Banco da Inglaterra’ teria permitido exercer uma influência considerável sobre a fortuna inglesa. Eles declararam também que seria necessário que esse banco exercesse um controle absoluto, a fim de que pudessem criar as bases que permitiriam controlar a fortuna mundial. Eles registraram por escrito as grandes linhas desse projeto. Esse plano iria ser conhecido finalmente pelo nome de Os Protocolos dos Sábios de Sião. A origem dos protocolos remonta, de fato, a séculos, e teriam sido reformados por Rothschild antes de adquirir seu verdadeiro significado”.

Em 1804 Nathan Rothschild foi para a Inglaterra assumir os negócios da família e se tornou o banqueiro responsável por aquela cidade. Investiu muito na Companhia Britânica das Índias Orientais, organização formada por mercadores londrinos que durante dois séculos e meio transformou os privilégios comerciais na Ásia em um império centrado na Índia. Empréstou ouro para o governo britânico em troca de promissórias, compradas por 50% de seu valor nominal e, mais tarde, resgatadas aos pares. Os lucros obtidos nessa transação foram investidos na abertura das filiais já citadas, a cargo dos seus irmãos. Daí em diante a sede da Casa Rothschild passou a ser em Londres.

Desse modo, tudo estava pronto para que seus filhos seguissem em diante sozinhos. Mayer morreu em 19 de setembro de 1812, em Frankfurt, e cinco anos mais tarde foi tornado nobre pelo Império Austríaco. Seus descendentes ampliaram a fortuna da família por toda a Europa, o que originou as cinco setas que hoje fazem parte do brasão Rothschild.

Alguém, com certeza, pode colocar em dúvida a maneira como os descendentes de Mayer obtiveram suas informações. Koch relata um caso no mínimo interessante: quando da eclosão das Guerras Napoleônicas, a família apoiou tanto Bonaparte quanto o duque de Wellington, seu oponente em Waterloo. E, ao fazê-lo, estavam seguindo uma das velhas regras de Mayer: apostar no rei e no monarca rival ao mesmo tempo.

Quando Napoleão tentou recuperar seu prestígio após o exílio na ilha de Elba, tanto ingleses quanto prussianos, austríacos e russos organizaram rapidamente um exército para derrotar definitivamente o ex-imperador francês. Em pleno confronto em Waterloo, ocorrido em junho de 1815, um dos Rothschild (embora não esteja claro qual deles) testemunhou a batalha e

logo percebeu qual seria o resultado. Saiu de lá a galope e a muito custo conseguiu chegar à costa francesa, onde pagou uma soma elevada para atravessar com urgência o canal da Mancha. Seu objetivo: chegar a Londres o mais rápido possível.

Quando finalmente estava em seu destino, entrou na Bolsa de Valores de Londres e começou a vender de maneira frenética ações a qualquer preço até se ver livre de todas as que tinha em seu poder. Como os agentes da Bolsa sabiam do alcance da rede de informações dos Rothschild, deduziram, erroneamente, que os aliados haviam sido derrotados em Waterloo. Com medo da volta da França de Napoleão e de uma possível vingança contra a Inglaterra, todos se deixaram tomar pelo pânico e fizeram com que o mercado caísse a um nível não visto antes.

Em meio ao caos criado, havia apenas uma meia dúzia de agentes autônomos que compraram as ações, adquiridas a preços muito baixos.

Quando a vitória do duque de Wellington e demais aliados chegou à cidade, a Bolsa começou a se recuperar vagarosamente e tudo voltou ao normal. Ou melhor, quase tudo, uma vez que as ações mais importantes estavam nas mãos do Rothschild, que as comprara dos agentes autônomos. Em outras palavras: o banqueiro usara informações privilegiadas para provocar pânico na Bolsa e obter uma pequena fortuna em apenas um dia de transação.

Sobre os banqueiros, Koch conclui:

“Instalados na respeitabilidade concedida às grandes fortunas a partir desse momento, os Rothschild só fizeram aumentar seu poder, até que ficaram sem rivais na Europa. Então estabeleceram um novo desafio: a conquista financeira da América. Um grupo de Illuminati havia fugido para lá depois da perseguição desencadeada em 1785 e estava se reorganizando com rapidez, a salvo do longo braço das forças monárquicas e católicas”.

E quais são os ensinamentos extraídos de Mayer que permitiram a constituição do poder dos Rothschild? Para alguns pesquisadores, quatro pontos principais podem ter sofrido influência da filosofia Illuminati:

1. O patriarca acreditava que um dos patrimônios da família é seu capital humano. Em vez de manter todos os filhos em uma única fonte de

- capital, garantiu que todos fossem bem educados e trabalhassem em mercados diferentes. Assim, cada um obteve experiências de culturas diferentes.
2. Mayer sabia que seu capital humano podia gerar juros em forma de capital intelectual. Com a compreensão de que toda experiência individual extraída de diversas praças deveria ser compartilhada em família, facilitou o crescimento econômico.
 3. Para ele era mais providencial emprestar, em vez de simplesmente dar dinheiro a seus filhos. Dessa forma, obrigava-os a desenvolver as habilidades necessárias para tornar seus próprios negócios viáveis.
 4. Por fim Mayer criou um sistema de controle familiar bem-sucedido. Mesmo que os ramos de cidades como Frankfurt, Viena e Nápoles tivessem caído diante dos acontecimentos sociais que sacudiam aqueles dias, a família em geral teria prosperado com o estabelecimento das filiais de Londres e Paris.

O fato é que, com ou sem a ajuda dos Rothschild, a influência dos Illuminati chegou aos Estados Unidos e, a partir dela, se espalhou pelo resto do continente americano. Certamente será muito difícil saber com certeza se houve algo mais complexo entre a família de banqueiros e os seguidores de Weishaupt, mas os historiadores não se cansam de procurar pistas sólidas. Enquanto isso, os adeptos das teorias de conspiração tiram vantagem e continuam a espalhar histórias sobre o envolvimento desses dois grupos.

Os Illuminati na América



Capítulo 4

Quem estuda as sociedades secretas deve perceber que, quando uma ordem é fadada à extinção, sempre há boatos de que uma parte dela fugiu do continente europeu e se instalou na América do Norte. Um exemplo clássico são os Templários. Em uma tentativa, por vezes infundada, de explicar o porquê de seu tesouro ter desaparecido, os pesquisadores arriscam dizer que eles teriam levado suas posses para pontos diferentes dos Estados Unidos e de lá se espalhado para conquistar um novo território.

Afirmção similar é feita com os Illuminati, mas com algumas diferenças. A primeira questão é como eles teriam conseguido. Lembremos que, segundo as teorias (muitas delas sem nenhum respaldo histórico), os adeptos dos “iluminados” teriam encontrado refúgio na Maçonaria, a qual, de fato, possui um grau Illuminati até hoje. As mais excêntricas afirmam que Weishaupt teria introduzido os “iluminados” na Maçonaria de sua época, formando uma elite de “supermaçons” também conhecida como Grande Fraternidade Branca, composta apenas de mestres maçons de 33º grau, o mais alto na hierarquia maçônica.

O fato é que há mesmo diversas ordens modernas que mantêm o grau Illuminati, algumas delas aqui entre nós. Por exemplo, o site da Ordem Illuminati nacional, que está claramente ligada à Maçonaria, até pelo próprio endereço eletrônico (www.grandorient.org). Ali podemos ler os chamados 13 pontos para o estabelecimento da Nova Ordem Mundial:

1. Estabelecimento de uma moeda mundial.
2. Estabelecimento de uma linguagem universal.
3. Segurança total, com monitoramento e vigilância.
4. Fornecimento de assistência social completa e contínua (renda mínima, pleno emprego, ensino gratuito, saúde pública).
5. Desconcentração da renda e poder do Estado (impostos mínimos, colaboradores mínimos, enxugamento).

6. Igualdade absoluta dos seres: posição social, étnica, econômica, dos costumes, inexistência da autoridade.
7. Justiça Internacional: repressão total à contravenção, ao crime, à tirania e à corrupção.
8. Saneamento e saúde em nível mundial.
9. Planejamento familiar.
10. Fim da fome e da miséria.
11. Liberdade irrestrita de opinião e manifestação.
12. Moralização do ser: fim da mendicância, da prostituição, do trabalho infantil e demais fatores.
13. Criação da Polícia e do Exército da Nova Ordem.

No mesmo site é possível ter acesso a diversos conceitos pregados abertamente por esses “iluminados”, como os elencados a seguir:

Deus - Existência de Deus como criador, organizador e mantenedor do Universo.

Religiões/Credos - respeito a todas as religiões e credos, independentemente se antigos ou modernos.

Espírito - formado por Deus inicialmente puro e simples. “Dorme no mineral, sonha no vegetal, acorda no animal, vive no homem e brilha nos anjos.”

Aborto - contra qualquer forma de eliminação da vida intra-uterina.

Eutanásia - contra, seja a eutanásia passiva, seja a ativa.

Embriões - a favor da pesquisa utilizando embriões.

Imperialismo e colonialismo - sendo a igualdade um dos pilares dos iluminados, nenhum país, seja por qual motivo for, ideológico, político ou religioso, seja usando a força, a astúcia ou a ameaça, pode sobrepor-se a outro em detrimento dos interesses deste, de seu povo ou de sua população. A riqueza de um país não deve ser resultado da miséria de outro. Todo país tem direitos internacionais e não pode ser oprimido por decisões unilaterais

de um grupo de países, em especial dos que detêm muito poder econômico ou militar.

Guerra - toda guerra é abominável. Geralmente são realizadas por motivos escusos - econômicos ou conquista territorial - camufladas pela falsa virtude e por ideologias fascistas.

Sobre outras ordens - uma grande família. É assim que são as ordens. Mantemos o respeito a todas. Assim consideramos os templários nossos irmãos, com os quais temos grandes afinidades. Os rosa-cruzes, teósofos e maçons consideramos primos, com uma relativa afinidade.

Igualdade - igualdade absoluta, independentemente de raça, cor, credo, religião, situação social, situação financeira, situação marital, escolha sexual, costumes, tradições, enfim, as diferenças não existem.

Política, políticos e partido - a análise a esse respeito é se o político está realmente comprometido com as necessidades da população e se mantém suas promessas quando no poder.

Governo e poder - a análise de um governo ou governantes deverá ser nos pontos seguintes: 1º liberdade de manifestação; 2º liberdade de imprensa; 3º saneamento básico, rede de saúde compatível; 4º amparo à criança, ao adolescente e ao idoso; 5º ensino gratuito; 6º alimentação básica para a classe desfavorecida; e 7º evolução social e econômica.

Se analisarmos os conceitos acima com cuidado podemos perceber que esses Illuminati estão bem longe da imagem diabólica que pesquisadores, escritores de ficção e adeptos das teorias de conspiração fazem deles. O leitor mais desavisado (e crente) pode até mesmo arriscar dizer que se trata de uma manobra para desacreditar o que se conhece e propaga da ordem. Alguns ramos da Maçonaria afirmam, por exemplo, que o grau Illuminati tem pouco ou nada a ver com os conceitos de Weishaupt, ao passo que há grupos maçônicos que dizem que os Illuminados da Baviera de fato se imiscuíram em seu meio, mas que foram controlados e atualmente estão integrados à filosofia maçônica. Seja como for, para quem conhece as sociedades secretas, os Illuminati de fato estão entre nós. Ou, pelo menos, é

assim que entendemos. Se são ou não herdeiros diretos dos seguidores de Weishaupt, é outra questão a ser debatida.

Influências norte-americanas

Depois de vermos os pontos mencionados, é difícil acreditar que os “iluminados” possam de fato ter atravessado o oceano Atlântico para se estabelecer na América? Qualquer estudo sério sobre os Illuminati demonstra que essa é a crença da maioria deles. E, como não poderia deixar de ser, é no que milhares de norte-americanos acreditam.

Que os Estados Unidos tiveram, desde o princípio de sua história, influência maçônica, não é novidade. Mesmo os historiadores mais ortodoxos admitem isso, mesmo a contragosto. Filmes já exploraram o poder maçônico na construção da hoje superpotência ocidental e alguns, como o escritor Dan Brown, prometem ir mais a fundo para “desvendar a conspiração maçônica”. Mas o que isso tem a ver com os Illuminati?

Em 4 de julho de 1776 delegados dos treze estados norte-americanos, que administravam o território até então conhecido como Nova Inglaterra, proclamaram sua independência dos britânicos e assinaram não só a Declaração como também a Constituição da nova nação, que recebeu o nome de Estados Unidos da América. Segundo algumas fontes, isso aconteceu apenas dois meses após o surgimento dos Illuminati da Baviera. Outras fontes vão mais longe e relacionam o número de delegados dos estados (treze) com o número de graus seguidos por Weishaupt e seus adeptos.

Um levantamento geral indica que nove das treze assinaturas pertenciam a franco-maçons. A presença de Benjamin Franklin, William Hooper, George Walton, William Ellery, John Hancock, William Whipple, Joseph Hewes, Richard Stockton e Robert Treat Paine demonstram uma participação inegável da Maçonaria no processo de independência.

Mas há mais detalhes que os pesquisadores descobriram, como outros nove signatários que participaram da redação dos artigos da nova confederação e pertenciam a lojas maçônicas; entre eles, estão John Dickinson, Henry Laurens, Cornelius Harnett, Jonathan Bayard Smith e Daniel Roberdau. E na assinatura da Carta Magna, que retrata a Constituição dos Estados Unidos, todos os signatários eram maçons, incluindo alguns dos nomes já citados.

Além desses dados temos outros ainda mais intrigantes: cerca de 50 dos 55 integrantes da Assembleia Nacional Constituinte, que ratificou os acordos entre os ex-colonos e a Inglaterra, além de quase todos os comandantes do Exército republicano que derrotou as tropas britânicas, também eram maçons. A influência de tal sociedade secreta na formação daquele país é inegável. Mas a pergunta que permanece na mente dos curiosos é: se os Illuminati estavam abrigados pela Maçonaria, não teriam aproveitado para atravessar o oceano com sua organização protetora e se “apropriado” dos dirigentes daquela nação, a fim de consolidar os ideais de Weishaupt no Novo Continente?

Para muitos leitores, incluindo aqueles que, de um modo ou de outro, são ligados à Maçonaria moderna, isso pouco ou nada prova de concreto. Ser um maçom norte-americano não implicaria ser necessariamente um Illuminati. Porém, os pesquisadores pensam de maneira diferente. Vejamos alguns antecedentes que, segundo eles, justificariam essa desconfiança:

No capítulo anterior, mencionamos o livro de William Guy Carr, *Pawns in The Game*. Carr era um ex-agente do serviço secreto britânico e reuniu parte da correspondência entre Guiseppe Mazzini e Albert S. Pike, também já citado. Esses documentos, que podem ser encontrados no acervo do British Museum, em Londres, têm um valor histórico inegável, sendo fontes seguras.

Uma das cartas está datada de 15 de agosto de 1871 e Pike relata um plano que seria seguido pelos Illuminati. O trecho da carta em questão afirma:

“Fomentaremos três guerras que implicarão o mundo inteiro. A primeira delas permitirá derrotar o poder dos czares na Rússia e transformar esse país na fortaleza do comunismo ateu, necessária como antítese da sociedade ocidental”.

Koch afirma que os agentes iluminados provocariam divergências entre os impérios britânico e alemão, ao mesmo tempo que eclodiria uma guerra entre o pan-germanismo e o pan-eslavismo. A explicação para tal estratégia não poderia ser mais simples: o mundo, que àquela altura estaria esgotado pelo conflito, não iria interferir no processo de constituição da chamada

Nova Rússia que, uma vez consolidada, seria usada para destruir outros governos e religiões.

Em seguida eles desencadeariam um segundo conflito que aproveitaria as diferenças entre fascistas e sionistas políticos. Assim, dariam apoio a regimes europeus que gerariam ditaduras fortes que se oporiam às democracias e provocariam novos conflitos. Desse segundo esforço resultaria a criação de um “Estado soberano de Israel na Palestina”, algo que só ocorreria alguns séculos depois.

Por último, fariam eclodir um novo conflito, dessa vez envolvendo sionistas políticos e dirigentes muçulmanos. Esse passo teria sido concebido para que o sionismo, que por definição é um movimento político defensor do direito à autodeterminação do povo judeu e à existência de um Estado judaico, destruísse o Islã, e vice-versa. Assim, outras nações entrariam na guerra até “o esgotamento físico, mental, espiritual e econômico”.

Quando essa terceira guerra terminasse, de acordo com Pike, os Illuminati “iniciariam o maior evento social jamais visto no mundo”: lançariam uma onda revolucionária que reduziria o famoso período do Terror, da Revolução Francesa, a uma brincadeira de criança. Pike escreveu:

“Os cidadãos serão obrigados a se defender contra uma minoria de niilistas ateus, que organizarão as maiores bestialidades e os tumultos mais sangrentos. As massas, decepcionadas diante da ausência de reação das autoridades políticas e religiosas, serão levadas a tal nível de desespero que destruirão ao mesmo tempo o cristianismo e os ateísmos e vagarão sem direção em busca de um ideal”.

Somente aí os Illuminati apresentariam ao mundo um novo líder, capaz de colocar ordem no caos e levar o planeta à normalidade perdida. Esse líder teria de ser alguém tão bem preparado que seria visto ao mesmo tempo como uma nova encarnação de Jesus Cristo, como o messias esperado pelos judeus e como o mahdi, o redentor do Islã.

Koch afirma categoricamente, que os Illuminati foram para a França, onde se integraram à Maçonaria, em um processo que se repetiria em outros países europeus e finalmente atingiria a América. Ele diz:

“A ordem encontrava refúgio onde podia e cada vez se estendia mais em seu seio a crença de que os novos passos a dar teriam de ter lugar em um cenário diferente, fora da França e da Alemanha, onde haviam atuado preferencialmente”.

Mazzini, para quem Pike escreveu as cartas, foi designado como novo chefe dos Illuminati em 1834. Ele era um maçom italiano que alcançara o almejado 33º grau quando estava ligado à Universidade de Gênova. Fomentou os italianos para que mantivessem uma dupla militância que, no caso, o ligou à outra ordem, a dos Carbonários, nacionalistas extremistas.

E por que eles? Porque tinham uma meta que havia sido declarada em 1818 e a qual, segundo pesquisadores, era idêntica à de Voltaire e da Revolução Francesa: exterminar o catolicismo e, por meio disso, acabar com todas as formas do cristianismo. Vale lembrar também que, durante o século XIX, os Carbonários abrigaram em seu meio diversos refugiados políticos, entre eles maçons e Illuminati. Há, até mesmo, quem acredite que os Carbonários eram controlados pelos seguidores de Weishaupt, assim como seriam algumas ordens mais modernas, de que trataremos no [Capítulo 7](#).

O Novo Mundo

Ao levarmos todos esses fatores em consideração, não seria tão absurda a ideia de que Illuminati, infiltrados na Maçonaria, teriam influenciado diretamente o conflito que resultou na Declaração de Independência dos Estados Unidos. Por exemplo, o que desencadeou o movimento? O incidente em Boston conhecido como Festa do Chá. Em dezembro de 1773 o governo britânico, sob o comando do rei George III, instituiu um imposto novo para o chá importado pelas colônias. Essa nova pressão fiscal era inconcebível para os colonos que resolveram tomar uma atitude: vestiram-se de índios, abordaram três barcos que haviam acabado de chegar no porto daquela cidade e jogaram todos os fardos da planta ao mar.

Mais tarde soube-se que as autoridades locais culparam os maçons por tal baderna. E, aparentemente, estavam certos, já que a taberna *Dragão Verde* (*Green Dragon*), que ficava próxima ao cais de Boston, era o ponto de encontro de uma loja maçônica chamada *Saint Andrew's*. Naquela noite em

especial havia um pequeno número de presentes, o que provocou o adiamento da reunião. Um detalhe histórico e misterioso: a mesma sala foi utilizada, algumas horas mais tarde, por um grupo conhecido como *Filhos da Liberdade (Sons of Liberty)*, cujos membros, entre os quais vários maçons militantes, foram os mesmos que se disfarçaram de índios. Como vimos, uma das características marcantes dos “iluminados” era justamente o nacionalismo exacerbado, que estaria presente na Revolução Francesa (a qual abordaremos em detalhes no próximo capítulo).

Pouco depois houve a famosa cavalgada de Paul Revere, tão citada em desenhos animados. Maçom e ourives, Revere era conhecido por suas corridas noturnas a cavalo e lembrado pelos historiadores como “o modelo de um norte-americano industrial” por ter reconhecido o potencial dos produtos metálicos para a produção em massa de certos itens. Foi ele quem avisou as tropas do movimento de independência que os britânicos estavam prestes a atacar. No conflito resultante morreram cerca de trezentos soldados britânicos. E os pesquisadores advertem: Revere pertencia à mesma loja Saint Andrew's que os “índios do chá”.

A influência maçônica norte-americana é tamanha que cerca de quinze de seus presidentes eram franco-maçons. A lista engloba George Washington (iniciado na loja Fredricksburg 4 de Virgínia), Theodore Roosevelt (mestre da loja Matinecock 806 de Nova York), William Taft (grão-mestre de loja de Ohio) e Franklin D. Roosevelt (que era do grau 32 do Rito Escocês).

Mas há outras marcas da influência maçônica. A Casa Branca, a mesma que hoje é símbolo do poder presidencial, foi projetada por James Hoban, também maçom. Em Alexandria, no estado da Virgínia, há o George Washington Masonic National Memorial, inaugurado em 1932 e construído com as contribuições de diversas lojas maçônicas. Lá é possível ter acesso a uma impressionante biblioteca de 20 mil livros e visitar a réplica de uma loja.

Koch afirma que o movimento de maçons e Illuminati ocorrido nos dois lados do Atlântico foi possível graças a duas personalidades históricas famosas: Benjamin Franklin, que contatou as sociedades secretas de Londres e Paris (o que, por si só, já justificaria um contato com os Illuminati europeus), e o marquês de Lafayette, líder de uma expedição militar voluntária de ajuda aos colonos norte-americanos. É importante: Lafayette era maçom e participou da Revolução Francesa, já que foi sob suas ordens que ocorreu a Derrubada da Bastilha. Uma vez que o antigo

bastião da monarquia veio abaixo, ele recolheu as chaves da prisão e enviou-as de presente para George Washington, que contudo, parecia temeroso em se relacionar com os maçons franceses. A prova disso está em uma carta escrita de próprio punho em 1798 para um pastor protestante de nome G. W. Snyder, em que ele dizia:

“Não tenho a menor intenção de duvidar que a doutrina dos Illuminati e os princípios do jacobinismo tenham-se ampliado nos Estados Unidos. Ao contrário, ninguém está mais convencido do que eu. O que pretendo expor é que não acredito que as lojas do nosso país tenham buscado, assim como as associações, propagar as diabólicas doutrinas dos primeiros e os perniciosos princípios dos segundos, se é que é possível separá-los”.

Os símbolos

O que mais chama a atenção dos pesquisadores, entretanto, é o uso de símbolos supostamente Illuminati na bandeira, no grande selo e no escudo norte-americanos. Essa análise, que é uma grande diversão também para os “conspirólogos” (os chamados pesquisadores de teorias de conspiração), já foi muito divulgada nos círculos acadêmicos e é obrigatória em qualquer livro que se proponha a explorar o tema. Por isso, apresentamos os símbolos a seguir .

Em junho de 1777 foi aprovada pelo congresso norte-americano a bandeira oficial. As cores utilizadas são as mesmas adotadas pela Revolução Francesa: vermelho, branco e azul. E novamente vemos elementos em número de treze, no caso as barras e as estrelas. Com o tempo as estrelas aumentariam devido aos novos territórios incorporados.

Já o selo e o escudo norte-americanos surgiram de maneira diferente. John Adams, Benjamin Franklin e Thomas Jefferson foram encarregados de apresentar esboços do símbolo oficial. As atas do comitê que coordenava o assunto registram que Adams apresentou um desenho com o herói grego Hércules, ao passo que Franklin e Jefferson foram buscar inspiração no Antigo Testamento: o primeiro mostrou um desenho inspirado em Moisés que conduzia o povo escolhido (no caso eles mesmos) pelo mar Vermelho, enquanto o segundo se concentrou na marcha dos israelitas rumo à Terra

prometida (que seria os Estados Unidos). Mas outras versões foram propostas até ser escolhido o desenho oficial, de autoria de Charles Thomson, mestre de uma loja maçônica na Filadélfia, dirigida por Franklin.

O desenho escolhido ostenta uma águia calva de asas abertas e com um escudo sobre o peito, com o campo superior azul e o inferior repartido em treze barras brancas e vermelhas. Numa das garras vemos um ramo de oliveira e, na outra, treze flechas. Sobre a ave está um desenho circular com treze estrelas no interior, referência à nova constelação (ou seja, o nascimento do país) também presente na bandeira.

A águia ainda tem no bico uma faixa onde se lê (em latim) o primeiro lema oficial da nova nação: *E pluribus unum* (de muitos [fez-se] um). Koch lembra que esse foi o mesmo *slogam* adotado por Weishaupt quando do ápice de suas atividades com os “iluminados”.

O símbolo que mais chama a atenção, entretanto, é o triângulo com um olho em seu interior. É importante estabelecer que se trata de dois desenhos: o do triângulo, que fica no topo, e o da pirâmide, logo abaixo. A explicação mais comum é a de que se trata de uma representação do olho da consciência que vê tudo e domina uma base cega, feita de tijolos idênticos, que seriam a população dos Estados Unidos. Acima se lê *Annuit Coeptis*, que significa *Nosso Projeto Será Coroado de Sucesso*. Abaixo da pirâmide vemos a frase *Novus Ordo Seclorum*, ou *Nova Ordem Mundial*. A explicação para esta última frase é que foi tomada do poeta romano Virgílio, autor do poema épico *Eneida*, sobre Enéias, o príncipe troiano que parte da cidade arruinada pelos gregos para fundar Roma. A interpretação mais aceita para a escolha de tal frase é a de equiparar os Estados Unidos com a Roma dos Césares.

Seriam esses símbolos uma prova de que os maçons que dominaram o processo de independência norte-americano eram Illuminati? A preocupação expressa de George Washington na carta antes mencionada parece ir contra esse pensamento, mas o fato é que em 1785 os Illuminati abriram sua primeira loja formal e independente na cidade de Colúmbia, no estado de Nova York. Muitos foram os políticos que se associaram a ela, incluindo o antepassado do presidente Roosevelt, Clinton Roosevelt, e o próprio Thomas Jefferson. Nada é conclusivo, mas, com certeza, dá muito no que pensar.

Um último detalhe: no século XX a loja Illuminati mudou seu nome para Grande Loja Rockefeller. Teria alguma relação com o famoso clã que

muitos apontam como a versão norte-americana dos Rothschild? Veremos mais sobre o suposto envolvimento dessa poderosa e influente família no [Capítulo 6](#).

A Revolução Francesa



Capítulo 5

De todos os eventos que marcaram a história da humanidade, com certeza a Revolução Francesa foi um dos mais impressionantes. Além de ter sido a mola propulsora que levou ao fim do absolutismo monárquico e pôs fim à invulnerabilidade dos governantes da época, foi o cenário para o surgimento de nomes notáveis como Danton, Robespierre, Marat e, pouco depois, de um certo general chamado Napoleão Bonaparte.

O fato é que muitos tentaram levar o crédito pela eclosão de tal evento e, no que diz respeito às sociedades secretas, isso também é verdadeiro. Maçons, Templários, Rosa-Cruzes e até o mítico Priorado de Sião se apresentaram ao longo dos anos como as reais forças por trás da revolução. Apesar de sua enorme importância histórica, já que foi o primeiro grande evento que colocou o povo contra seus governantes tradicionais, não podemos esquecer que o número de pessoas que morreram durante seus dias “gloriosos” também foi grande. Que o diga Madame Guilhotina, que cortou a cabeça de milhares, incluindo a do rei Luís XVI e de sua consorte, Maria Antonieta.

Todos os que participaram daqueles dias afirmaram unanimemente que havia uma força oculta que movia as pessoas como se fossem peões num jogo de xadrez. Mesmo os atuais pesquisadores divergem sobre esse ponto e cada um prefere apontar para uma força-motriz diferente. Para eles não basta apenas o contexto histórico, tem de haver algo a mais. E isso deu margem a muitas especulações, incluindo a suposta participação dos Illuminati. Por isso muitos concordam que, se houve mesmo o envolvimento de uma sociedade secreta, esta teria um perfil mais próximo dos seguidores de Weishaupt do que das demais existentes.

Para o articulista e pesquisador esotérico francês Serge Hutin (1929-1997), autor de *Governantes invisíveis e sociedades secretas*, o envolvimento dos “iluminados” na revolução era tão evidente que foi retratado por ninguém menos que o escritor francês Alexandre Dumas, pai (1802-1870), na série *Memórias de um médico*. No primeiro romance,

chamado *Joseph Balsamo*, vemos relatada a história do personagem-título, que não é outro senão o malfadado conde de Cagliostro (1743-1795), ocultista, alquimista, curandeiro e maçom, polêmico e muitas vezes confundido com personagem de ficção. O livro relata uma viagem do conde para a Alemanha, onde, em uma caverna, encontra três chefes mascarados da “Ordem dos Iluminados” e recebe deles a missão de preparar de modo sistemático a derrubada da monarquia francesa.

É claro que houve quem apontou algumas liberdades históricas no romance de Dumas, como a impossibilidade de Emmanuel Swedenborg, o famoso vidente sueco, ser um dos três iniciadores de Cagliostro, já que naquela época ele já havia falecido em Londres.

Por outro lado, e isso é ressaltado no texto de Hutin, o escritor era bastante conhecido por suas habilidades em obter informações privilegiadas de fontes históricas inéditas. Assim, mesmo para o romance em questão, Dumas teria se valido de diários da época da Revolução Francesa para dar credibilidade a suas histórias. Por exemplo, quando descreve um certo “doutor Gilbert”, ele teria se valido das memórias inéditas de um tal Siaffert, médico da princesa de Lamballe. Esse doutor teve na vida real uma carreira tão misteriosa e movimentada quanto a do personagem. E da mesma forma que o doutor Gilbert, Saiffert era um discípulo de Cagliostro, além de ter sido formado pelos Illuminati da Baviera.

Em defesa de Dumas, Hutin afirma categoricamente que o escritor, quando queria, sabia ser um historiador fiel. Como prova, cita o livro *A estrada de Varennes*, considerado não só por ele, mas por outros pesquisadores, a melhor análise já feita da famosa fuga de Luís XVI quando a revolução eclodiu e começou a ameaçar a vida dele e a de sua família. Hutin diz que Dumas teve acesso a fontes inéditas que teriam sido ignoradas pelos verdadeiros historiadores.

Em sua obra Hutin afirma:

“Até os livros de história mais sumários mencionam que as origens dos acontecimentos de 1789 devem ser procuradas muitos anos antes. Insiste-se, porém, por demais em apontar como única causa a fraqueza de Luís XVI, que não conseguiu vencer a oposição das classes privilegiadas a todas as reformas econômicas e sociais sugeridas pelos seus ministros. Apesar de perceber a necessidade dessas reformas, o monarca demonstrou-se totalmente incapaz de levá-las a efeito”.

Profecias

Talvez essas observações não sejam tão despropositadas como parecem. As várias fontes históricas consultadas para a redação deste livro apontam casos de pessoas que teriam, de um forma ou de outra, previsto o advento revolucionário de maneira, no mínimo, suspeita. Por exemplo, cerca de catorze anos antes do início da baderna o abade de Beauregard, no sudoeste da França, fazia em público um discurso estranho:

“Sim, Senhor, Vossos templos serão destruídos, Vossas festas esquecidas, Vosso Nome será blasfemado e Vosso culto proibido”.

Aparentemente, o discurso do abade também previu a vinda dos Sem-Culotes (uma organização política urbana constituída por trabalhadores pobres, pequenos artesãos, lojistas e pequenos empresários que empregaram esse nome em referência aos culotes, calções rendados que eram o traje característico da nobreza) e o banimento da religião católica. É fácil para muitos desavisados imaginar de onde teriam vindo essas informações, uma vez que há quem acredite que Adam Weishaupt, depois de perseguido e pouco antes de ir para o exílio, teria infiltrado agentes (em outras versões ele mesmo teria atuado) no meio francês e fomentado as ideias revolucionárias.

Outro caso de uma previsão suspeita veio de um tal Jean Cazotte (1720-1792). Em uma noite, em meados de 1788, ele teria anunciado para quem quisesse ouvir, durante uma festa, que a revolução estava próxima. O interessante é que o público só teria conhecimento disso tempos depois sua morte, em 1805, quando suas obras completas foram publicadas.

A cena seria mais ou menos esta: quando ele anunciou o advento, os presentes teriam replicado que Cazotte estaria “decidido a acabar com tudo”, ao que o acusado teria respondido que não era ele que decidiria. Aparentemente ele teria admitido a existência de governantes secretos que haviam decidido acabar com a estrutura da França monarquista. Em conversa com a marquesa de Argéle sobre o acontecimento, ele teria respondido:

“Se você soubesse quanto sangue e quantas lágrimas e vergonhas a revolução vai custar à França, você levantaria os olhos ao Céu para suplicar-lhe que ela não aconteça”.

Um dos mais bizarros incidentes foi localizado por Hutin em um boletim mimeografado da Igreja da Normandia, chamado *Bulletin Confidentiel*, datado de 1º de julho de 1970. Em sua 81ª edição, é possível ler sobre uma vidente chamada Catherine Théot (1716-1794), que havia sido trancada na Bastilha em 1779 e conseguira sair de lá apenas algumas semanas antes da chegada dos revolucionários em 14 de julho de 1789. Ela foi levada, por ordem de Maria Antonieta, para entreter a rainha e algumas princesas com seus “poderes mágicos”. O documento afirma:

“Ele então fez aparecer todos os antigos chefes ‘descalços’ (referência à revolta autonomista dos descalços na Normandia, quando camponeses famintos enfrentaram as tropas reais em 1639 e foram executados por elas) ... entre eles Questel, o chefe dos insurretos, que apontou o dedo para Maria Antonieta e disse que sua morte estava próxima. As imagens desapareceram de repente, sendo substituídas pelo patíbulo, e a rainha assistiu à própria execução”.

O artigo continua descrevendo a reação da rainha, que mandou a “bruxa” de volta à Bastilha, de onde sairia na data já mencionada. Vale lembrar que ela se dedicou de corpo e alma à revolução e se tornou uma seguidora de Robespierre. Porém, como sabemos, ser revolucionário não era uma tarefa fácil: terminou presa, julgada por um tribunal e morreu na cadeia de Petite Force um mês após a execução de Luís XVI.

A questão permanece em estudo: como todas essas pessoas sabiam do advento de algo tão dramático como a Revolução Francesa? Para muitos pesquisadores há a possibilidade, embora um tanto remota, de que muitos deles (ou talvez todos) eram agentes Illuminati a mando da Ordem ou do próprio Weishaupt. É claro que tudo não passa de conjecturas e, na maioria das vezes, serve de material para que “conspirólogos” escrevam suas teorias exóticas.

Causas

Dizer o que foi a Revolução Francesa é repetir material divulgado em milhares de outros livros e não é o propósito deste livro. Aqui trataremos apenas das possibilidades de envolvimento dos Illuminati no conflito e até que ponto os fatos históricos podem nos dar uma pista sobre o que realmente aconteceu.

É sabido que o período anterior à revolução foi marcado por críticas pesadas à monarquia que já vinham sendo feitas há algum tempo. Porém, nunca houve uma rebelião organizada como aquela que invadiu a França e nem foi registrada qualquer convulsão políticosocial parecida. Pesquisadores como Koch e Hutin acreditam que o crescimento da burguesia, a crise do absolutismo ou qualquer das razões sociais, econômicas ou políticas apresentadas normalmente pelos historiadores seria suficiente para justificar um movimento tão forte, já que nenhuma delas era novidade e já se manifestavam havia anos, talvez décadas. Sobre isso Koch afirma:

“A única grande diferença entre 1789 e outros momentos parecidos de épocas anteriores está na preparação consciente do processo revolucionário, que foi calculado em detalhes durante vários anos antes de sua explosão”.

Se levarmos tal pensamento em consideração, todos os acontecimentos poderiam fazer sentido, embora haja um aspecto importante a ser notado: o fato de a violência e brutalidade registradas terem mostrado que seja lá quem tenham sido seus organizadores, com certeza perderam o controle da situação rapidamente.

Especialistas em guerras e revoluções são unânimes em concordar que, para produzir um processo revolucionário bem-sucedido como a Revolução Francesa, é necessário dispor “de uma situação prévia de grave alteração generalizada que obrigue a população não a pedir, mas a exigir uma mudança”. E vão ainda mais longe ao afirmarem que, caso isso não ocorra, os motins e revoltas tendem a se multiplicar, embora se torne impossível chegar à revolução em si, a menos que haja dois fatores que a canalizem: um clima cultural e intelectual que alimente as forças que se acumulam e

um grupo organizado que mobilize as massas e as dirija para os diversos objetivos do movimento.

Com o barão de Montesquieu (Charles-Louis de Secondat, 1689-1755) esse clima começou a se tornar realidade. Um dos principais inspiradores do movimento, ele era um maçom iniciado durante uma estada em Londres e, segundo uma tradição maçônica, é considerado até hoje o primeiro verdadeiro maçom da França. Há também a influência de outro maçom reconhecido, François de Salignac de La Mothe-Fénelon, também chamado apenas de Fénelon (1651-1715), arcebispo de Cambrai, cidade do departamento de Nord, no norte da França. Seu secretário e executor testamentário foi Andrew M. Ramsay, um dos grandes destaques da maçonaria moderna.

Quanto ao grupo organizado, mais uma vez temos apenas palpites que povoam a mente dos “conspirólogos”. Há muito se sabia da voz dominante que a maçonaria exercia na França. Para muitos havia pelo menos dois tipos de maçons, os normais e os que também eram Illuminati. O jornalista radical e político defensor da revolução, Jean-Paul Marat (1743-1793), escreveu muito sobre a presença de “agitadores estrangeiros”, sobretudo de origem inglesa ou prussiana (este último estado exerceu forte influência sobre os alemães) que dirigiam as pessoas em episódios como a Tomada da Bastilha ou o Assalto ao Palácio das Tulherias.

Esses estrangeiros seriam Illuminati? Com certeza nada pode ser provado. No entanto há depoimentos suspeitos colhidos em processos posteriores ao início da revolução, como o de um banqueiro prussiano de nome Koch (não relacionado com o pesquisador citado), e de dois australianos de nome Junius e Emmanuel Frey, entre outros, que afirmam ter certas influências maçônicas. Também é possível que a própria maçonaria tenha deixado os Illuminati agirem para depois ficarem com o crédito de sua participação na Revolução Francesa.

Outro ponto lembrado é a já comentada reunião que teria disparado o processo revolucionário, supostamente ocorrida na casa dos Rothschild. Alan Stang, outro pesquisador recente dos Illuminati, afirma que um dos delegados franceses que esteve naquele encontro era o político e escritor francês Honoré Gabriel de Riqueti (1749-1791), conde de Mirabeau. Ele foi o introdutor dos Illuminati na França e assumiu o cargo de presidente da Assembleia Nacional Francesa em 1789. Seu nome simbólico era Leônidas,

o rei que liderou o ataque dos trezentos de Esparta contra o exército persa de Xerxes.

Graças à influência de Mirabeau os Illuminati puderam entrar na loja maçônica parisiense *Os Amigos Reunidos*, que depois mudaria seu nome para *Philalethes (Buscadores da Verdade)*. Supostamente, entre os mestres conduzidos para a “iluminação” estavam nomes revolucionários como o advogado e jornalista Lucie-Simplice-Camille-Benoist Desmoulins (1760-1794), o político Louis Antoine Léon de Saint-Just (1767-1794), o poeta André Marie Chénier (1762-1794) e, claro, Marat. E aqui surge outra dúvida: se Marat era um Illuminati, por que acusaria em seu jornal a presença dos “agitadores estrangeiros”? Por outro lado, usar um jornal para dar “indiretas” sobre a presença illuminati talvez fosse um meio seguro de propagar sua presença. Novamente caímos no campo das especulações.

Mais um detalhe que passou despercebido a muitos pesquisadores: entre os supostos iniciados estava um bispo chamado Charles Maurice de Talleyrand Périgord, cuja carreira religiosa foi longa, mas cheia de desvios. Foi ele que teria seguido os planos originais de Weishaupt para a reorganização da Igreja Católica Francesa em 1793, motivo pelo qual foi excomungado pelo Vaticano. Anos depois foi encarregado de aprovar a coroação de Napoleão Bonaparte como imperador e, posteriormente, se tornou ministro de Negócios Estrangeiros na corte de Luís XVIII durante a breve restauração da monarquia francesa.

A Tomada da Bastilha

A grande quantidade de historiadores que conseguiu chegar à conclusão de que a Tomada da Bastilha não aconteceria até que o povo fosse incitado a isso leva a crer que de fato havia um grupo de “agitadores profissionais”, como Hutin e Koch definem. O pesquisador Christian Funck Bretano, citado por Koch, em um livro intitulado *As lendas e arquivos da Bastilha* (inédito em português) analisa que tais agitadores seriam agentes Illuminati. Segundo ele:

“Esses agentes mobilizaram autênticos bandos de criminosos recrutados na Alemanha e na Suíça para aumentar as desordens em Paris nos dias anteriores à revolução. Em todo caso, a turba se apresentou diante dos

muros daquela autêntica fortaleza e exigiu simplesmente que seu comandante governador, De Launay, se rendesse e abrisse as portas da prisão”.

O militar certamente recusou-se a abrir as portas e a multidão começou o ataque que o batalhão encarregado da segurança da prisão conteve facilmente. Nesse grupo de soldados havia apenas veteranos que sofreram mutilações em outros conflitos, inclusive o próprio De Launay, que por isso mancava.

Num raro momento de lucidez, os atacantes propuseram que respeitariam a vida dos soldados e os deixariam ir para casa se estes entregassem os presos e abandonassem o local de maneira pacífica. Como De Launay avaliou a situação e viu que estava em uma posição difícil e, de fato, corria grande risco, para evitar um derramamento inútil de sangue, aceitou. Abriu as portas e a multidão irrompeu no interior da fortaleza. O trato não foi respeitado, pois os soldados foram esmagados pela turba enfurecida que, em superioridade numérica, matou os soldados e os esquartejou, exibindo seus restos espetados em baionetas pelas ruas de Paris. A própria cabeça de De Launay foi pendurada numa lança e levada até o Palácio de Versalhes para ser exibida nas janelas do palácio, de onde Maria Antonieta a viu com o horror estampado em seu rosto.

Quando se analisa a Tomada da Bastilha como um evento, vemos que a importância foi mais simbólica. No geral acredita-se que os revolucionários a escolheram para “libertar os muitos e torturados presos políticos que lá agonizavam”. Porém, os historiadores já comprovaram que quando a tomada aconteceu, havia apenas sete pessoas detidas: dois loucos, um libertino e quatro condenados por falsificar letras de câmbio. Alguns pesquisadores arriscam a presença de um oitavo homem, que seria ninguém menos que Donatien Alphonse François de Sade (1740-1814), o marques de Sade, que ali escreveu algumas de suas obras mais famosas, como *Aline* e *Os 120 dias de Sodoma*.

Pouco depois da tomada um construtor chamado Pierre François Palloy, que os estudiosos consideram um maçom-illuminatus, fez uma proposta que hoje estarreceria muita gente: usar os tijolos da Bastilha para construir uma pirâmide que, em suas palavras, “imitaria aquelas construídas pelos egípcios”. Os registros históricos demonstram que o projeto foi recusado

por apresentar várias dificuldades técnicas, mas a maioria especula se tal pirâmide não teria em sua fachada o olho que tudo vê.

A Gloriosa

Os maçons sempre se consideraram uma “sociedade de pensamento com influência cristã”. Porém, ao seguir sugestões de ideólogos ingleses, logo renunciaram à sua posição inicial para herdar o racionalismo mecanicista característico de Voltaire e de seus círculos alemães. A primeira loja maçônica surgiu na França em 1725 e se chamava São Tomás de Paris. Logo a nobreza local aderiu e amigos dos reis franceses, como o duque de Villeroy, ligado a Luís XV, estavam entre os primeiros iniciados. O próprio rei chegou a ingressar na Loja de Versalhes com seus dois irmãos.

Porém, a partir de 1737, a Maçonaria foi proibida, por causa de conflitos entre britânicos e franceses, o que causou certo receio por parte da monarquia de Paris de que esse meio poderia fomentar algum tipo de traição.

Os maçons, conhecidos por serem fieis às suas tradições, não desistiram e continuaram seus encontros em um hotel situado no mesmo bairro em que ficava a Bastilha. Sua direção, até 1771, esteve a cargo de um grão-mestre que era primo de Luís XV. Logo a organização tinha poder e influência que se estendiam por todo o território francês. Um dos pontos mais debatidos pelos adeptos naquele período era se a maçonaria deveria se concentrar em seus próprios trabalhos ou se seria mais vantajoso se dedicar a assuntos mais terrenos como a política.

Quando o duque de Chartres assumiu o comando da organização, por volta de 1767, houve a cisão definitiva entre os órgãos reguladores franceses, incluindo o Grande Oriente da França. Uma vertente queria esquecer as questões religiosas e se concentrar apenas na política, ao passo que outra insistia em que os rituais maçônicos foram concebidos para o desenvolvimento espiritual e era nessa área que deveriam se concentrar.

Pouco antes do início da Revolução Francesa havia o equivalente a 620 lojas maçônicas em toda a França, das quais 63 em Paris. O número de maçons na ativa, segundo cálculos de historiadores, seria algo em torno de 75 mil, não menos que isso. Quando o período revolucionário ordenou a Convocatória dos Estados Gerais, integrados por representantes do clero, da nobreza e do povo, o chamado Terceiro Estado, composto apenas por quem

não era nobre nem religioso, tinha 578 membros. Desses, 477 haviam sido iniciados em diferentes lojas maçônicas. Isso sem contar pelo menos uns noventa maçons nobres e uma quantidade desconhecida e não comprovada de religiosos que também pertenciam a essa sociedade secreta.

Para os pesquisadores, os símbolos da revolução, tidos como originais, na verdade eram típicos da maçonaria, como o barrete frígio (espécie de touca ou carapuça, originariamente utilizada pelos moradores da Frígia, antiga região da Ásia Menor, atual Turquia, adotado pelos republicanos franceses que lutaram na Tomada da Bastilha), as cores da bandeira (azul, vermelho e branco, que seriam os distintivos dos três tipos de lojas existentes na época) e o emblema tricolor, inventado por Lafayette, que, como vimos, era maçom e carbonário. O hino nacional francês, chamado A Marselhesa, foi composto por um maçom de nome Rouget de L'Isle e interpretado pela primeira vez na loja maçônica dos Cavaleiros Francos de Estrasburgo.

Muito mais pode ser dito sobre as influências maçônicas (e Illuminati) sobre a Revolução Francesa, chamada até hoje pelos maçons franceses de A Gloriosa. De fato, muitos livros já foram escritos sobre esse tema com alguns argumentos bastante convincentes. Provavelmente nunca saberemos se o evento foi de fato um plano dos adeptos de Weishaupt (ou dele mesmo), como uma espécie de laboratório para plantar conflitos que servissem aos seus propósitos. O que se sabe, com certeza, é que, além de ser um acontecimento importante, também foi um dos mais sangrentos da história. E se esse era o intento de Weishaupt, não é de admirar as histórias de conspiração que logo tomaram conta da mitologia Illuminati.

Os Rockefeller



Capítulo 6

Nos capítulos anteriores pudemos ver o papel que uma família abastada poderia ter na consolidação dos objetivos de uma sociedade secreta como os Illuminati. As especulações sobre a ligação dos Rothschild com os seguidores de Weishaupt ainda são objeto de debates acalorados entre historiadores e pesquisadores, entre os quais se incluem os “conspirólogos”.

O envolvimento maçônico no processo de independência dos Estados Unidos é, atualmente, inegável. Assim, não é de espantar que encontremos, nos registros da época, a existência da já citada primeira loja formal e independente em território norte-americano. Para muitos estudiosos aquela era mais que uma simples loja maçônica: a Columbia de Nova York foi também a primeira loja Illuminati daquele país. E o nome que recebeu, já no século XX, não poderia ser mais sugestivo: Grande Loja Rockefeller.

Essa família pode ser comparada em termos de poder e influência à sua contraparte norte-americana, os Rothschild. Até hoje se discute quem teve mais contato com as mentes e corações dos membros daquela nação, se os Kennedy ou os Rockefeller. A diferença é que os Kennedy são mais associados a outros tipos de organizações, como a Máfia (acredite se quiser), mas, até onde se sabe, nunca teve nenhum tipo de sociedade secreta em seu encalço, embora se cogite que John F. Kennedy e Robert Kennedy tenham sido maçons. Já os Rockefeller sempre estiveram ligados a esse assunto desde que se tornaram figuras públicas.

A saga começou em 1733, quando uma família de imigrantes judeus-alemães (praticamente a mesma origem dos Rothschild) chegou ao território dos Estados Unidos. John Davidson Rockefeller nasceu em 1839 em Richford, Vermont, Nova Inglaterra. O começo de suas atividades foi bastante humilde, mas desde o início já mostrava inclinação para lidar com dinheiro quando começou a trabalhar como contador na empresa Hewitt & Tuttle. Ele é descrito por seus biógrafos como “uma pessoa tão inteligente e ambiciosa quanto fria e austera em suas necessidades pessoais”, o que já

deixou pesquisadores e “conspirólogos” de cabelos em pé, uma vez que era o perfil psicológico mais valorizado pelos Illuminati.

Sua personalidade é quase lendária: possuía grandes perspectivas para o futuro ao mesmo tempo que se destacava com uma grande vontade de se tornar rico e demonstrava uma capacidade de trabalho bem acima da média. Esse retrato teria servido de modelo para que Walt Disney e sua equipe criassem um de seus personagens mais emblemáticos, o Tio Patinhas.

Quando ele finalmente conseguiu se associar a um homem de negócios britânico, fundou sua primeira empresa, chamada Clark & Rockefeller, na época em que eclodiu a Guerra de Secessão (entre 1861 e 1865). Foi esse primeiro empreendimento econômico que lhe proporcionou uma primeira vitória no caminho da fama e da fortuna. Porém, a consolidação só viria algum tempo depois, quando fundou sua própria empresa petrolífera, chamada Standard Oil, e a South Improvement Company, que atendeu aos petroleiros norte-americanos mais importantes.

Origem do nome

De certo, temos a origem judaico-alemã, mas o nome ainda é motivo de debates entre os pesquisadores. Uma das origens, a mais aceita, diz que se trata de uma versão alemã de Rokkenfelder ou Rockenfeller, que teria se originado a partir da palavra Rockenfeld.

E o nome? Alguns “conspirólogos” vão longe e alegam que, devido à sua ligação com os Illuminati, John Davidson teria mudado seu nome logo no começo para não ser reconhecido e até mesmo criado sua origem humilde. É claro que os historiadores sérios nem levam essa hipótese em consideração, mas insistem em investigar como o nome assumiu a forma atual. Para eles, é possível rastrear as origens até as aldeias de Ehlscheid, Segendorf e Fahr, todas localizadas na região periférica de Neuwied, cidade ao norte do estado da Renânia-Palatinado, no sudoeste do país. Todas as localidades são fronteiriças com um pequeno povoado chamado Rockenfeld. Na Alemanha, Rockenfeller, que seria a forma tradicional, é conhecida como um antigo nome de família. Portanto, o que a teoria tem mesmo de invenção é a opinião dos “conspirólogos”, que, para variar, viajam nas mais estapafúrdias teorias.

Vejam os dados históricos sobre o nome da família. De acordo com pesquisas realizadas em registros de paróquias que remontam ao fim da

Guerra dos Trinta Anos (entre 1618 e 1648), os primeiros antepassados conhecidos são Goddard Rockenfeller, Johann Wilhem Rockenfeller e Johannes Rockenfeller. O filho deste último, Peter, foi para Ringoes, Nova Jersey, em 1723. E a mudança de ares da família começou.

Mais recentemente William Avery Rockefeller (1810-1906) procurou por uma ascendência nobre e uma possível ligação com um francês huguenote (nome dos protestantes franceses) da família de Roquefeullie. Essa ligação, entretanto, parece pouco ou nada provável, uma vez que há registros que mostram que o nome Rockenfeld já era usado naquela região muito antes dos huguenotes fugirem para a França, em 1685.

Para tornar uma longa história mais curta e não entediar o leitor, basta dizer que os Rockefeller, após algumas aventuras e desventuras próprias de uma família grande, terminaram por se estabelecer em Cleveland, Ohio, onde seu império de renome foi fundado. Portanto, antes que alguém pergunte ou pense que tudo não passou de uma farsa, há sim provas incontestáveis de que os Rockefeller são uma família tradicional norte-americana e não um produto criado pelos maquiavélicos Illuminati.

Isso não impede, entretanto, que os pesquisadores continuem a revirar o passado do patriarca dos Rockefeller a fim de descobrir mais sobre as raízes da família. Há quem alegue que John Davidson teria utilizado meios legais (e alguns ilegais) para eliminar seus concorrentes um a um enquanto consagrava seu lema, uma frase que viria a se tornar sua marca registrada: *God bless the Standard Oil (Deus salve a Standard Oil)*, que curiosamente é uma paródia da saudação usual que os britânicos fazem para seus monarcas. Também é conhecida a fama que ele tinha de “depredador de negócios”, que incluía episódios em que coagia os clientes de outras empresas, subornava os empregados delas e chegava ao cúmulo de comprar alguns parlamentares corruptos.

Como se tudo isso não bastasse para olhar Rockefeller com um ar desconfiado, ainda há o fato de que sua empresa foi construída de uma forma que aparentava uma complexidade legal e jurídica a ponto de tornar inútil qualquer tentativa de acusação de monopólio. Ele era, em resumo, um comerciante temido a ponto de muitos de seus concorrentes preferirem se unir a ele em vez de enfrentá-lo.

A Standard Oil

A produção e a participação de sua empresa no setor petrolífero era, em 1870, de aproximadamente 4%. Em apenas seis anos ela detinha 95%. Manter um império desses não era uma tarefa fácil e ele precisava de ajuda. E para quem se voltaria? Justamente para os Rothschild. Foi quando procurou um modo de baratear o transporte de cada barril de petróleo que embarcava com destino aos estados da Pensilvânia, Maryland e Ohio, todos controlados pelo Banco Kuhn, Loeb & Company, fundado em 1867. Foi a partir dessa época que sua empresa se consolidou em definitivo, embora, em 1882, tenha se tornado tão grande que se viu obrigada a tornar-se a Standard Oil Trust, considerada até hoje o primeiro truste conhecido da economia. E o que isso tem a ver com os Illuminati? Simples: os pesquisadores afirmam que ter o controle de determinado setor econômico nada mais é do que colocar em prática, no terreno industrial, o sonho pregado por Weishaupt de ter uma liderança unificada.

Seriam essas poucas pistas o suficiente para acusar os Rockefeller de serem Illuminati? Já sabemos que o lado esotérico de tal sociedade secreta era pouco se comparado com seus verdadeiros interesses, que se ocultaram da perseguição que sofriam em outras irmandades. E que se imiscuíam em planos para deflagrar guerras e conflitos dos quais podiam tirar vantagem de inúmeras e diferentes formas. A questão é se qualquer pessoa que age assim no mundo pode ser considerada um adepto de Weishaupt. Os pesquisadores acreditam que basta lembrar que a filosofia dos Illuminati incluía obter seus objetivos a qualquer custo. E no caso dos Rockefeller não foi uma exceção. Em seu trabalho, Koch observa:

“Essa posição de predomínio não deteve a avalanche de demandas judiciais contra seu negócio petrolífero; muito ao contrário. Mas de todas as que se apresentaram em seu momento, somente uma pareceu prosperar, em 1907, quando um juiz chamado Landis o condenou nada menos que por 1.642 casos de extorsão. A sentença incluía o pagamento de indenizações num valor de mais de 29 milhões de dólares na época. Sua reação quando ficou sabendo da sentença foi surpreendente, pois se limitou a comentar: ‘O juiz Landi estará morto muito antes de termos saldado a dívida’. Os fatos deram-lhe razão porque os advogados de Rockefeller recorreram e a sentença foi finalmente anulada vários anos mais tarde”.

Vale lembrar que esse caso não é citado apenas por Koch, mas por outros pesquisadores, o que deixa qualquer um desconfiado. Com certeza isso poderia significar que algo desonesto aconteceu, mas não há como se ligar tal fato ao ideal Illuminati. Porém, os fatos falam mais alto, como uma nova tentativa realizada com o objetivo de dismantelar esse monopólio. Um juiz federal do Missouri abriu um processo e acusou a Standard Oil de “complô contra o livre comércio”. Dessa vez, entretanto, a coisa não passou em brancas nuvens, mas seguiu um caminho lento e espinhoso com diversos recursos e contra-recursos levados a um tribunal. Em 1911, a empresa foi desmembrada em nada menos que 39 outras, que funcionariam de formas diferentes e deveriam, pelo menos na teoria, competir umas com as outras. O truste deixou de funcionar como tal, mas, na prática, como as ações continuavam nas mãos dos mesmos antigos acionistas, incluindo o próprio Rockefeller, que, claro, era o sócio majoritário, a situação continuou a mesma. Ou seja, deixou de ser um grande bloco monopolista para se tornar um bloco de empresas que agiam entre si e combinavam as táticas a serem adotadas. Mais um sintoma Illuminati, segundo algumas fontes.

Por mais que quisesse evitar problemas com a justiça e objetivasse se tornar mais conhecido pelo grande público, Rockefeller sabia que estava pisando em ovos e resolveu abrir várias fundações filantrópicas. Doou boa parte de sua fortuna a várias instituições, principalmente à Universidade de Chicago. Foi graças às suas doações que foi fundado, em 1901, o Instituto Rockefeller, em Nova York. É lá que cientistas dedicam-se a realizar pesquisas médicas.

Porém, para muitas das fontes pesquisadas para este livro, essas atividades filantrópicas nada mais eram do que uma manobra. As leis norte-americanas, argumentam, eximem as fundações de pagar impostos e não as impedem de possuir, comprar ou vender todo tipo de bens normalmente vendidos na Bolsa de Valores. Além disso, os fundos de uma fundação podem ser deduzidos da declaração de renda e os bens entregues também se isentam de direitos de sucessão. Isso pode ser corroborado por um artigo publicado em jornal e datado de 1967 onde se fala sobre a quantidade insignificante de imposto de renda que o clã pagava, apesar da posse conhecida de inúmeros bens. Esse mesmo texto denunciou que um Rockefeller chegou a pagar 685 dólares de impostos, apesar de ter uma fortuna pessoal que incluía imóveis, iates e aviões particulares, entre outros

bens. Oficialmente os itens mencionados estavam todos sob o nome das instituições sem fins lucrativos, mas eram utilizados apenas por ele.

A *Revista Dinheiro* publicou o seguinte texto em 1999 sobre o patriarca da família:

“Rockefeller parecia indestrutível, até que o governo decidiu quebrá-lo. Em 1890, o Congresso aprovou a Lei Antitruste, a mesma que agora tira o sono de Bill Gates e da Microsoft. Seguiu-se uma longa batalha judicial que terminou em 1911 com a divisão da Standard Oil em 33 empresas. Rockefeller não ficou pobre. Pelo contrário, sua fortuna se multiplicou com a valorização das ações que manteve em várias das empresas tiradas da costela da Standard Oil, como a Shell, a Mobil e a Amoco. Em 1913, seu patrimônio era estimado em US\$ 900 milhões, o equivalente a 2% do PIB americano. Se a mesma conta fosse feita hoje, seriam necessários quase três Bill Gates para igualar a marca. Visto pelos contemporâneos como um capitalista frio e diabólico, Rockefeller era um homem religioso. ‘Ganhar dinheiro é um dom de Deus’, dizia. Era também um sujeito contraditório. Viu a primeira peça de teatro quando tinha 60 anos de idade, mas terminou seus dias como o maior mecenas de seu tempo, e doou mais da metade de sua fortuna para empreendimentos culturais e filantrópicos. Odiava os sindicatos, mas pagava salários acima da média e defendia a aproximação entre os Estados Unidos e a União Soviética. Tinha mais dinheiro do que qualquer outro habitante do planeta, mas não se desfazia de um terno enquanto o tecido não estivesse puído”.

Essa fortuna toda não era um sonho. Há quem estime que chegava a 3 trilhões de dólares, o que o torna homem mais rico do século e da história da humanidade de que se tem registro. Morreu em 1937, dois meses antes de completar 98 anos. Porém, seu legado continuou e proporcionou um contato mais íntimo com personalidades da economia, da religião e da política mundial. John Davidson Rockefeller Junior (1874-1960), seu filho, introduziu ao método de trabalho familiar uma nova categoria de trabalhadores chamada *associados*, que, por um lado, agiam como consultores e, por outro, organizavam uma rede de influência bem ampla que incluía pessoas bem situadas na época para apoiar o trabalho das fundações filantrópicas.

Propriedades

Koch afirma que Junior, como era conhecido em oposição ao pai, chamado de Sênior, também se tornou o principal promotor do ecumenismo protestante, ao promover a “incorporação dos princípios religiosos às teses do capitalismo expansionista e progressista”. Para conseguir isso aplicou parte de seu dinheiro e de seu tempo em contribuições dadas a instituições como o Movimento Mundial Inter-Igrejas, o Conselho Federal de Igrejas e o Instituto de Investigações Sociais e Religiosas. O pesquisador acrescenta:

“Talvez estivesse seguindo o velho esquema Illuminati de unificar não só os governos e as economias, mas também as almas de todos os seres humanos”.

Seja como for a lista de locais nos Estados Unidos que possuem o nome Rockefeller é impressionante, conforme pode ser visto na tabela a seguir, que traz apenas os principais:

Nome do prédio	Fundação
Rockefeller Center	Prédio de 22 acres (cerca de 89 mil m ²) no centro de Manhattan. Instituído por Júnior. A casa mais antiga data de 1930-1939. A mais recente seção do local foi erguida entre 1960 e 1970.
Rockefeller University	Anteriormente conhecido como Instituto de Investigação Médica Rockefeller, criado por Sênior em 1901.
Fundação Rockefeller	Fundado em 1913, é a famosa entidade filantrópica criada por Sênior e Júnior.

Fundo Rockefeller Brothers	Fundado em 1940 pela terceira geração de cinco filhos e uma filha de Júnior.
Fundo Família Rockefeller	Fundado em 1967 por membros da família da quarta geração.
Grupo Rockefeller	Órgão de gestão familiar e desenvolvimento imobiliário, estabelecido em Nova York. Inicialmente geria o Rockefeller Center. Hoje é detido pelo Mitsubishi Estate Co. Ltd.
Rockefeller Research Laboratories Building	Importante centro de pesquisa sobre câncer criado em 1986.
Rockefeller Center	Lar do Serviço de Estudantes Internacionais, serve de escritório e Departamento de Filosofia, Política e Direito na Universidade Estadual de Nova York.
Capela Rockefeller	Concluída em 1928, é o edifício mais alto no câmpus da Universidade de Chicago. Foi criada em 1889 por Sênior.
Rockefeller Hall	Criado por Sênior em 1906. Abriga o Departamento de Física da Case Western Reserve University.
Rockefeller	Outro imóvel criado por Sênior em 1887, que

Hall	concedeu 2,34 milhões de dólares para sua construção. Abriga salas multiusos e escritórios departamentais para os Departamentos de Ciência Política, Filosofia e Matemática da Faculdade Vassar.
Rockefeller Hall	Um terceiro prédio que recebeu esse nome. Criado por Sênior em 1886. É o mais antigo prédio no câmpus da Faculdade College.
O Colégio Rockefeller	Apelidado de John D. Rockefeller III, é um colégio residencial na Universidade de Princeton.
Michael C. Rockefeller Center Arts	Concluído em 1969 em memória do filho de Nelson Rockefeller. É um centro cultural ligado à Universidade Estadual de Nova York.
Michael Collection C. Rockefeller	Concluído em 1982, é uma ala do Metropolitan Museum of Art.
David and Peggy Rockefeller Building	Tributo a esposa de David Rockefeller, Peggy. Inclui seis andares do edifício habitacional e de coleta das principais galerias de exposições temporárias da família no Museu de Arte Moderna.
Abby Aldrich Rockefeller Sculpture Garden	Concluída em 1949 por David Rockefeller, é um importante recurso ao ar livre do Museu de Arte Moderna.

Abby Aldrich Rockefeller Folk Art Museum	Inaugurado em 1957 por Júnior, é um museu popular de arte localizado no complexo da Junior's Colonial Williamsburg.
Abby Aldrich Rockefeller Hall	Residência dos calouros no câmpus da Faculdade Spelman.
Edifício Memorial Laura Spelman Rockefeller	Concluído em 1918, é uma residência estudantil no Spelman College.
Parque Estadual de Preservação Rockefeller	Parte dos 14 km ² dos estabelecimentos familiares no condado de Westchester foi oficialmente entregue ao estado de Nova York em 1983
Marsh-Billings-Rockefeller/ Parque Histórico Nacional	Estabelecido como museu histórico de conservação durante a década de 1990.
John D. Rockefeller, Jr.	Instituído em 1972 por autorização do Congresso.

Memorial Parkway	
Floresta Rockefeller	Financiada por Junior, localizada no Parque Estadual de Redwoods, na Califórnia.
Rockefeller Park	Parque com jardins paisagísticos dedicada ao mundo e a várias nações. Fica junto ao Martin Luther King, Jr. Boulevard, à Universidade de Cleveland, em Ohio, e o Lago Erie.
Winthrop Rockefeller Institute	Criado em 2005 com um subsídio da Winthrop Rockefeller Charitable Trust.

Quando o século XX começou, as atividades da família Rockefeller concentraram-se em duas linhas básicas, que muitos insistem em chamar de “filosofia illuminati”: a econômica e a política, representadas pelos irmãos Nelson e David, respectivamente, e que por mais de uma vez se entrelaçaram. Em 1930 o clã já controlava o Chase National Bank e o transformou na primeira instituição bancária do país. A consolidação financeira viria em 1955, quando fundiram o estabelecimento com o Bank of Manhattan Company, ligado ao grupo Warburg, originando o Chase Manhattan Bank, que durante séculos foi presidido por David Rockefeller, o atual patriarca da família.

Ligações

Tudo o que vimos neste capítulo foram apenas especulações. Não há como provar a ligação entre os Rockefeller e os Illuminati nos Estados Unidos, nem mesmo com o nome de um deles em uma de suas lojas. O fato é que a Grande Loja Rockefeller pode ter sido apenas uma homenagem a um filantropo conhecido e respeitado (para não dizer temido) pela maioria.

Porém os “conspirólogos” vão longe em seus delírios. Muitos deles afirmam que hoje os Rockefeller possuem cerca de 190 membros e que muitos deles estariam envolvidos com ocultismo e com o desejo de controlar as instituições cristãs. E afirmam que os Illuminati mantêm relações não apenas com os Rockefeller, mas também com cerca de quinhentas famílias poderosas no mundo todo. A relação dos edifícios da família é apenas uma amostra, já que aquela, segundo eles, possui “trustes dentro de trustes dentro de trustes ainda mais secretos”. E vão mais além: as finanças dos Rockefeller são tão bem conservadas que Nelson não pagou um centavo de imposto em 1970, embora seja o homem mais rico dos Estados Unidos.

E como seria a tal influência que os Rockefeller exerceriam? Eis a lista de itens debatidos à exaustão pelos “conspirólogos”:

1. Fornecimento de grande quantidade de dinheiro que seminários norte-americanos necessitam para operar.
2. Fornecimento de substanciais quantias das quais as universidades necessitam para operar. “A educação influencia os valores religiosos de nosso povo”.
3. Grandes doações para vários grupos religiosos.
4. Os Rockefeller fornecem influência e controle que determinam quem obterá a publicidade em grandes revistas jornalísticas e na televisão.
5. A influência da família contribui com vários grupos não-cristãos para seu estabelecimento e operação.
6. Seu auxílio ajuda a controlar grupos religiosos.

É claro que tudo não passa de especulação. Não há uma única prova histórica que ligue esta ou qualquer outra família rica e influente com as atividades dos Illuminati da Baviera. Porém, a lenda persiste e há quem afirme ser apenas uma questão de tempo para que os seguidores de Weshaupt se revelem em sua grande conspiração e consigam, assim, derrubar a monarquia e a Igreja Católica com a ajuda do dinheiro obtido com esses banqueiros. É algo que, com certeza, deverá chamar a atenção mundial quando, e se, acontecer.

Os Illuminati na atualidade



Capítulo 7

Uma das tarefas mais ingratas, quando escrevemos sobre os Illuminati, é conseguir traçar um panorama sobre exatamente o que era essa sociedade secreta, seus hábitos e até mesmo sobre o que acreditava. Como já foi citado várias vezes ao longo deste livro, muito do que se sabe (ou acredita-se que se sabe) sobre esse grupo vem de puras especulações e cruzamentos de fontes históricas com absurdas teorias de conspiração. O fascínio que os Illuminati exercem na cultura moderna (principalmente em livros e jogos) é uma forma excelente para que o pouco que se conhece deles encontre um público cativo.

Desde a condenação dos Illuminati na Bavária e a perseguição a seus membros, iniciada em 2 de março de 1785, listas com os nomes verdadeiros de cada participante foram divulgadas na esperança de impedir os membros de levar adiante seus planos. O professor de história moderna da Universidade de Nice Sophia-Antipolis, Pierre-Yves Beaurepaire, escreveu um artigo sobre a Ordem para a revista *História Viva*, em que afirma que a única maneira possível de os “iluminados” continuarem seria pela clandestinidade. Como isso significaria se tornarem foras-da-lei, muitos adeptos recuaram de imediato e abandonaram o barco. Apenas três anos após ter sido acolhido na Ordem, o escritor Johan Wolfgang Von Goethe declarou:

“Que todas as associações secretas sejam erradicadas; o que importa o que resultará disso?”.

Vale lembrar que nos anos em que agiram em público, boa parte da elite reinante foi seduzida por uma promessa feita pelos seguidores de Weishaupt, de uma reforma voluntariosa e radical do Estado e da sociedade. Muitos estavam em sociedades de leitura e clubes patrióticos, justamente esses que se animaram e, segundo alguns, teriam levado os ideais

iluminados que desembocaram na Revolução Francesa para a França. Outros afirmam que havia outras regiões europeias que se “beneficiariam” desses ideais, como a região do Reno, a Hungria, a Polônia e as províncias bálticas do Império Russo.

Já foi citado nos capítulos anteriores, que os Illuminati modernos continuam sob a proteção da maçonaria e que colocam no ar sites na internet onde defendem abertamente seus pontos de vista. Algumas observações parecem responder a algumas perguntas que todos fazem sobre a Ordem atualmente, das quais três são reproduzidas a seguir:

Segmentos advindos da Ordem Illuminati - dos Illuminati originais derivaram diversos movimentos. Entre eles, o anarquismo, o carbonismo, o marxismo, o socialismo, o trabalhismo (que elegeu o dia 1º de maio como Dia do Trabalho), os democratas e outros diversos partidos, organizações e ordens. Todos são filhos “dessa poderosa ideia original”, como eles mesmos definem.

A Ordem Hoje - no fim do século XX os Illuminati como Ordem foram reativados novamente pelo mestre Paolo Bortel (maçom/rosa-cruz). Os conhecimentos da tradição foram organizados conforme as antigas instruções milenares, igualando caracteristicamente as organizações de Hassan ibn Sabbath (xeque persa que viveu de 1034 a 1124 e conhecido como o Velho da Montanha), de Bayezid Ansari (1525-1580, criador de uma escola de mistério em Peshawar, no Paquistão) e Adam Weishaupt.

Tradição Iniciática da Ordem - os governantes invisíveis da humanidade escolheram nos tempos antigos o mestre Hassan ibn Sabbath como o chefe supremo dos Iluminados. Sucedeu-se essa mesma hierarquia até que quatrocentos anos mais tarde surgiu outro líder designado para a nova dinastia dos Illuminati, o mestre Bayezid Ansari. Duzentos anos depois (1776), muda-se para o Ocidente a chefia da Ordem, sendo o novo mestre supremo Adam Weishaupt. Em 1999, duzentos anos depois desse grande chefe, os governantes invisíveis escolhem o mestre Paolo Bortel para receber a milenar herança e fundar a nova geração da Illuminati.

Antes que o leitor se veja em um aranhado é necessário explicar mais essa discrepância na história dos Illuminati. Há atualmente uma corrente de pesquisadores que acredita que os ensinamentos usados por Weishaupt para estruturar seu grupo vieram principalmente do xeque persa (que era ligado a um grupo chamado nazarins, em 1090) e do líder espiritual afegão (que participava dos *roshynaya* em 1550), citados pelo texto do website. Porém,

mais uma vez não podemos seguir essa linha de informação por ser extremamente carente de mais dados.

Mas os conceitos do que seriam os Illuminati modernos continuam a invadir a internet e as páginas de revistas ocultistas de maneira assustadora, a ponto de ninguém saber com certeza o que são. Um desses conceitos afirma:

“Os Illuminati são uma instituição baseada na obediência e no sigilo. A hierarquia e os rígidos princípios morais prevalecem na Ordem. Para essa nova geração, estabeleceram-se novas formas de atuação, ação e reação e sistemas diferenciados de instrução. Modernos métodos de influência e conscientização são utilizados, assim como técnicas avançadas de mudança social. Atualmente a administração internacional da Ordem Illuminati está com o soberano mestre Paolo Bortel, que ocupa a presidência, dividindo a administração com seu Conselho de Ordem. Como se dividem hoje os grupos Illuminati: 1º Da nova geração ocidental do mestre Paolo Bortel; 2º Dos iluminados do Oriente: islâmicos e indianos; 3º Remanescentes de Weishaupt; e 4º Pequenos grupos ocidentais da tradição iluminista”.

A pergunta que fica agora é: quem seria esse que lidera os Illuminati modernos? Curiosamente, é difícil encontrar alguma referência a esse senhor em qualquer veículo. Como é citado na página oficial da Ordem moderna, é de se supor que exista, mas como tudo com eles é nebuloso, nunca se sabe...

Isso porque, em outro texto encontrado, assinado pela “verdadeira Ordem Illuminati”, fala-se de um grupo falso que usa a internet desde 2000 para divulgar suas mensagens e seria gerido por um “extremista de direita norte-americano” chamado Solomon Tulbure, que teria plagiado o nome da Ordem Illuminati e cujo grupo nada teria a ver com a ordem herdeira da tradição de Weishaupt ou com a Grande Loja Rockefeller. O texto vai mais além e afirma que esses Illuminati não praticam o Rito Bávaro (saiba mais sobre os rituais no [Capítulo 8](#)) e defende uma ideologia pitalista extrema e conservadora, em total oposição aos “verdadeiros ideais” dos “iluminados”. Esse personagem é o responsável pela divulgação da ordem nos Estados Unidos e no Brasil, onde adota nomes como o do misterioso

Paolo Bortel para se fazer passar por “verdadeiros” seguidores de Weishaupt.

Seja como for, há mensagens que são divulgadas por Bortel e que parecem ter algo da ideologia “iluminada”. Vejamos uma delas, postada na página do grupo, datada de novembro de 2008:

O Estado mundial versus o Estado nacional

“Nossos pressupostos são o crescimento e o progresso. Não podemos admitir nenhum retrocesso, seja no campo econômico, político ou jurídico. Toda ação prática e estudos sobre uma globalização justa fazem parte dos estudos da Nova Ordem.

O Estado nacional, anacrônico, será, paulatinamente, substituído por um Estado democrático mundial, de perfil representativo diverso, respeitador das culturas e costumes. Porém, nada irá suplantar a crença nos valores humanos, valores de família e da evolução que a Nova Ordem trará para o mundo. Esta será uma grande luz para todos, saindo da opressão e exageros de Estados nacionais falidos e usurpadores; esses Estados não têm mais saída para a situação.

Assim faz-se necessário, esse Estado Mundial, para que primeiro em nível de governo tenhamos exigências de responsabilidade e metas a cumprir. Em termos básicos, que todos sejam obrigados a cumprir as leis da democracia, distribuição justa de renda, respeito ao meio ambiente, observação dos direitos humanos e justiça imparcial e implacável contra os criminosos de qualquer classe e em qualquer lugar que se encontrarem.

Uma *Lex Mundi* seria um bom início para a implementação do novo Estado.

Esperamos que os legisladores mundiais - dos diversos países - estejam atentos às novas necessidades do povo, e que os agentes de representação ou administração apoiem todos os movimentos evolutivos de nosso planeta.”

Outra mensagem é um tanto estranha, já que fala em “reino de Deus”, um termo que é mais próprio do catolicismo, que os Illuminati supostamente combatem. Vejamos o texto, datado de julho de 2008:

O Reino de Deus é chegado

“Estamos nos preparando para iniciarmos uma nova fase da humanidade. Na verdade, esta já começou, e foi anunciada, por célebres arautos. Para o momento, nós, da Illuminati, semeamos o bom trigo ou nossas excelentes ideias para colhermos um mundo melhor no futuro.

Entendemos que o esforço constante de progresso social e autoaperfeiçoamento devem seguir juntos, para a finalização e a obtenção de resultados da Obra.

Nossa expectativa é criar o Reino da Fraternidade, onde a Lei da Igualdade será aplicada de coração, sem coerções. Haverá, certamente, os dissimulados, os materialistas, os ambiciosos; esses, sim, serão coagidos a mudar de comportamento e mesmo impedidos de exercer qualquer função pública ou social.

São esses com os segregadores religiosos e políticos que infestam governos e outras importantes organizações pelo mundo afora e prejudicam o progresso. ‘Os bons, em predomínio, devem pressionar fortemente contra a falsa virtude dos governantes.’

Há muito que lutar e combater: juntos, como dizemos, poderemos produzir efeitos extraordinários, e o mundo será outro com a completa união dos bons e dos caracteres fortes e verdadeiros.”

Por fim, há esta terceira mensagem, que retrata o que os Illuminati modernos esperam do novo adepto, daquele que consegue chegar até eles e se entrega aos ensinamentos da Ordem. Vale notar que o tom é ligeiramente diferente das notas anteriores e mais próximo do que deveriam ser os “iluminados” de hoje. Está datado de outubro de 2007:

Características do adepto

“O adepto, fase posterior do iniciado, deve caracterizar-se como alguém comprometido com o bem da humanidade.

Obrigatoriamente espiritualizado, não deve, por exemplo, pensar unicamente em si. Não deve, por isso, procurar, como um apavorado, o lucro exagerado, mesmo que isso acabe até por lhe resultar algum prejuízo mundano. Não deve buscar prazeres nem os benefícios exagerados do luxo.

Não deve também estabelecer como meta a riqueza pérfida, principalmente aquela advinda da exploração do próximo. A ganância

material dos membros das ordens iniciáticas tem posto tudo a perder e essas a desmoralizar-se. Quando vemos um materialista em nossas hostes, ficamos chocados que tal pertence ao seletivo grupo da Reflexão.

Muitos iniciados e adeptos têm assim se perdido exatamente pelo amor ao dinheiro, ao poder e a posições, e pelos servilismos políticosideológicos.

Cabe a nós o equilíbrio salutar, material e espiritual, e este último, como chave principal para o outro. É bom parar e refletir sobre seu próprio caminho.

Para os governos e políticos indicamos a colaboração com os metaobjetivos globais para uma humanidade fraterna e justa.

Os objetivos maiores da humanidade são superiores aos objetivos políticos ou de governos. Não há ideologia maior que a justiça, e não há bem maior que a verdade. E não há nada mais belo que a igualdade.”

Em busca dos Illuminati modernos

Para quem está de fora a forma romantizada dos Iluminados da Baviera ainda predomina a tal ponto que é difícil entender o porquê de brigas entre grupos apenas para se definirem como herdeiros de uma tradição antiga como a de Weishaupt. Porém, é bom lembrarmos de que isso não é novidade no círculo das sociedades secretas. Que o digam os maçons, os rosa-cruzes, os templários e outros que sempre geraram dissidências e até hoje proclamam ser os verdadeiros descendentes deste ou daquele grupo histórico.

Para a maioria dos pesquisadores não há dúvida de que, se há um grupo que vem diretamente de Weishaupt, ele está dentro da Maçonaria. Os demais, com certeza, são organizados por pessoas no mínimo aproveitadoras e, que insistem em conseguir fama e, em alguns casos, fortuna, graças à credibilidade de terceiros.

Para os Iluminados de Kemet, um grupo que diz ser herdeiro da escola de mistérios do faraó egípcio Akhenaton (o que, com certeza, deve provocar a ira e algumas maldições da Antiga e Mística Ordem Rosa-Cruz Amorc, que prega serem eles os verdadeiros depositários do conhecimento dessa figura histórica), conforme prega um livro eletrônico distribuído pela internet chamado *O governo oculto do mundo*, e em que há um trecho que fala sobre a briga entre esses grupos. Para eles o mundo sempre dispôs de um Governo Oculto desde muito antes de o próprio conceito ter tido alguma

publicidade. O autor afirma que o atual governo secreto possui participação tanto de Illuminati verdadeiros quanto de falsos. Diz ele sobre os falsos seguidores:

“(Os falsos Illuminati são) uma elite assim denominada por verdadeiros paranoicos, que entenderam simbolizar na palavra Illuminati as forças do imperialismo, da globalização desumana, de uma Nova Ordem Mundial totalmente centrada nos números e na economia de mercado. Por obra do Vaticano os Illuminati foram relacionados ao Anticristo bíblico, quando, na verdade, eles estavam harmonizados e alinhados com o autêntico Espírito Crístico enquanto a Igreja marchava lado a lado com as forças do imperialismo, como restou largamente demonstrado ao longo da História”.

A explicação continua ao citar organizações como a Maçonaria e os rosacruzes como os verdadeiros guardiães do espírito, dos princípios e dos ensinamentos dos autênticos Illuminati. Estes, segundo o texto, teriam ainda um lugar cativo no Governo do Mundo ao lado dos “senhores da guerra que manipulam governos pretensamente democráticos”, como o dos Estados Unidos.

É de esperar que as pessoas acreditem que os Illuminati modernos não assumiriam um nome que estivesse marcado há tanto tempo. Mesmo porque há quem os acuse de tentar passar uma impressão de fim de mundo, de apocalipse, com suas manobras supostamente subterrâneas. Assim, alguns dos grupos modernos que são fraternidades ou mesmo ordens menores, já foram acusados de ser os “iluminados” modernos.

Um deles é a malfadada Russell Trust Association, mais conhecida como Skull and Bones (Caveira e Ossos), a fraternidade fundada em 1832 e que funciona na Universidade de Yale. Foi introduzida no meio universitário por William Huntington Russell, descendente abastado de família tradicional, e Alphonso Taft, secretário de Guerra do presidente norte-americano Ulysses S. Grant.

O escritor Ron Rosenbaum, que conseguiu publicar um dos poucos trabalhos que traz referências sobre essa irmandade, afirmou que é a “sociedade secreta mais influente deste país”. Não é para menos: seus *bonesmen*, como são conhecidos seus membros, incluem presidentes e políticos de renome. A sede é um imóvel discreto localizado na High Street,

no *campus* da universidade, e possui o nome de The Tomb (A Tumba). O prédio possui estilo greco-egípcio, quase não tem aberturas e é protegido por uma porta com pesadas fechaduras. Todo ano, por volta do mês de abril, quinze estudantes do terceiro ano de Yale são convidados a entrar mediante um procedimento bastante simples: eles recebem um tapa no ombro. Se aceitar se unir ao grupo, ele deverá comparecer à porta da Tumba e passar por uma iniciação bem teatral que ocorre em duas noites: na primeira ele contará, diante de uma plateia conhecida como “assembleia”, suas experiências sexuais. Na segunda, deverá relatar sua vida pessoal.

O fato de os membros dessa fraternidade serem avessos a admitir em público que pertencem a ela levou muitos a considerar sua ligação com os Illuminati. A coisa torna-se ainda mais suspeita quando se sabe que, entre 1831 e 1832, Russell estudou na Alemanha e foi lá que se iniciou em um grupo que seria a real inspiração para a criação da Skull and Bones. Detalhe: ele nunca revelou como era esse grupo nem seu verdadeiro nome.

Mais estranho é saber que os Illuminati podem mesmo estar por trás disso. Durante obras recentes realizadas no salão de convenções da Skull and Bones foi encontrado um material não especificado pelas fontes históricas que de fato referencia a fraternidade como “o capítulo de Yale de sociedade alemã Illuminati”. Tudo, com certeza, estranho e suspeito.

A Skull and Bones, porém, não é a única sob suspeição. Como vimos nos capítulos anteriores, a ação dos Rothschild para financiar os Illuminati é conhecida por diversas fontes e citada, até mesmo, como um fato. Obviamente, a Revolução Francesa seria apenas o começo e, desde essa época, várias guerras (embora não se especifique exatamente quais) tiveram a ação Illuminati e o dinheiro dos Rothschild envolvidos. Os “iluminados” teriam agido sob diversos nomes e disfarces para que pudessem continuar na clandestinidade e se apresentar como diversos grupos. Um desses seria criado logo após a Primeira Guerra Mundial e receberia o nome de Conselho das Relações Exteriores, comumente referido como CFR (Council on Foreign Relations). Para muitos é essa organização que realmente representa os Illuminati nos Estados Unidos. Alegam que os nomes que estão no controle são descendentes dos conspiradores originais e que, para esconder essa verdade, mudaram o nome de suas famílias. Por exemplo, o verdadeiro nome dos Dillons, Clarence e Douglas Dillon (este último já foi secretário do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos) é Laposky, o que por si já justificaria acusá-lo de troca de identidade.

Todos os diretores da CIA foram membros do CFR. Desde 1953, o país foi governado por pelo menos sete membros do CFR: Dwight D. Eisenhower (1953-1961), John Kennedy (1961-1963), Richard Nixon (1969-1974), Gerald Ford (1974-1977), James Carter (1977-1981), George Bush pai (1989-1993) e Bill Clinton (1993-2001). O presidente Ronald Reagan (1981-1989) não era do CFR, mas seu vice-presidente, George Bush pai, sim. Vale lembrar que após ser eleito, Reagan colocou em cargos do governo 313 membros do CFR. Na gestão de George W. Bush houve algo semelhante: ele mesmo não era membro do CFR, mas seus principais assessores no governo, incluindo Condoleezza Rice, Dick Cheney, Paul Wolfowitz, Colin Powell, Richard Perle, Lewis Libby e Robert Zoellick, são.

À parte tanto Reagan quanto Bush filho, o único presidente que não pertenceu ao CFR foi Lyndon Johnson, mas, da mesma forma que os dois citados, ele também entregou a maior parte dos cargos mais importantes do governo àqueles que eram membros. É claro que os boatos sobre os membros do CFR serem os verdadeiros Illuminati norte-americanos nunca foram confirmados e os próprios pesquisadores admitem que isso pode ser mais uma tentativa dos “conspirólogos” de transformarem os políticos em figuras mais humanas e menos intocáveis.

Como se toda essa confusão não fosse suficiente para que alguém arrisque afirmar com certeza quem seriam os descendentes ideológicos de Weishaupt, há aqueles que apontam para organizações em outras partes do globo como os “verdadeiros Illuminati”. Uma delas é chamada de Royal Institute of International Affairs (Instituto Real de Assuntos Internacionais), também conhecido por Chatham House, que atua na Inglaterra. Além dela há outras, menos conhecidas do grande público, mas de grande influência no campo político e econômico, localizadas em países como França e Alemanha. Todos têm em comum a acusação, de um ou outro pesquisador, de serem os Illuminati modernos, e todas fundam continuamente várias subsidiárias ou organizações de fachada que se infiltram em várias fases de transações comerciais. Um detalhe: essas organizações são controladas por banqueiros que, por sua vez, estão de uma forma ou de outra ligados à família Rothschild.

Há muito tempo a questão sobre quem seriam os Illuminati hoje levanta essas e outras perguntas que, em sua maioria, ficam sem resposta. Qualquer que seja o grupo acusado de esconder a verdade sobre sua verdadeira

identidade, resta saber o quanto esses grupos modernos estão longe de ser considerados seguidores de Weishaupt e quantos estariam dispostos a colocar planos milenares em andamento com os recursos modernos. Se levarmos isso em consideração, qualquer sociedade secreta atual, mesmo as mais conservadoras, poderia ser acusada de ser Illuminati na verdade. Até mesmo aquelas que insistem que não são. Afinal, o Olho Que Tudo Vê também pode ser confundido com o Olho de Deus, segundo a Maçonaria...

Rituais e estruturas



Capítulo 8

Como pudemos verificar nos capítulos anteriores, não faltam dados sobre os Illuminati. O problema maior dos pesquisadores e de qualquer um que se atreva a escrever um trabalho sobre o tema é separar o joio do trigo. Acusações, teorias e histórias sobre a ordem não faltam, mas pode-se contar nos dedos das mãos a quantidade de dados confiáveis.

O “conspirólogo” de plantão vai afirmar que isso se deve ao fato de os “iluminados” quererem se manter ocultos, por isso a troca de nomes e as participações encobertas. Já o historiador se manterá fiel aos fatos: se não pode ser provado, nunca existiu. E há o pesquisador, que se mantém entre o “conspirólogo” e o historiador, e leva ambos em consideração, na esperança de cruzar os dados e deles extrair algo que possa ser útil.

A verdade é que já foram veiculadas tantas histórias reais e fictícias sobre a ordem que atualmente é quase impossível saber o que é ou não característico dela. Por exemplo, a primeira pergunta que vem à nossa mente é: como se trata de uma sociedade secreta, quais são suas estruturas e rituais? É claro que encontraremos várias versões disponíveis. Por exemplo, já citei nos capítulos anteriores uma versão de como seriam os graus da hierarquia usada. Mas a leitura dos trabalhos consultados como referência para este livro mostra que há pelo menos mais uma meia dúzia de outras. E não há como saber se são verdadeiras ou não.

Em seu livro *Governantes invisíveis e sociedades secretas*, Serge Hutin afirma que Adam Weishaupt organizou os Illuminati da Baviera como um grupo que dispunha de uma hierarquia rigorosa, autocrática (em que o grande mestre tinha poderes absolutos) e uma estrutura em uma série vertical de “células” ou subgrupos, de maneira que os afiliados aos graus inferiores obedeciam os ligados aos graus superiores. Essa ligação era progressiva até chegar ao topo da pirâmide, formada pelo Grande Mestre e seus altíssimos dignitários, os únicos que conheciam os planos “iluminados” em seus mínimos detalhes.

Assim, os seguidores de Weishaupt tinham o que Hutin considera um “exemplo perfeito nesse tipo de organização”, que é muito comum nas sociedades secretas modernas: camadas de células ligadas a redes clandestinas superpostas, não havendo contatos diretos entre os militantes e as hierarquias mais elevadas. Esse sistema produz um esquema de compartimentos estanques eficazes no caso de infiltração ou espionagem.

Mas, afinal, como era essa hierarquia? Hutin dá uma versão diferente da já citada anteriormente neste livro. Para ele, os Illuminati da Baviera tinham os seguintes graus, divididos em duas categorias, chamadas Edifício Superior e Edifício Inferior. No Inferior estavam os graus de Noviço, Minerval, Iluminado Menor e Iluminado Maior. No Superior havia os graus de Aprendiz, Companheiro, Mestre, Escudeiro Escocês, Cavaleiro Escocês, Epopa, Príncipe, Mago-Filósofo e Homem-Rei, o grau máximo.

Outras fontes, incluindo históricas, apontam para outra versão da hierarquia Illuminati, que teria três classes chamadas: em ordem, Primeira ou Berçário, Segunda ou Maçonaria e, por fim, Terceira ou Mistérios. Na primeira temos os graus chamados de ascendentes (Ofício de Preparação, Noviciado, Minerval e Iluminado Menor, também conhecido como Illuminatus Minor). Na segunda, estão os graus ascendentes, compostos pelas denominações de Iluminado Maior (ou Illuminatus Major) e Illuminatus Dirigens ou Cavaleiro Escocês. Na terceira temos os graus dos Mistérios Menores (Presbítero e Regente) e Mistérios Maiores (Magus e Rex).

Para avançar nessa estrutura os Illuminati da Baviera tinham um esquema de estudo muito rígido. Eles começavam estudando conceitos simples e avançavam até os mais complexos, visando conquistar o título genérico de aeropagitas, nome extraído dos membros da antiga corte suprema de Atenas, na Grécia.

E justamente para proteger esse esquema de divulgação de ideias e segredos é que Weishaupt criou algumas “armadilhas”: ninguém que não fosse um aeropagita saberia sua verdadeira identidade; todos os escritos que envolviam assuntos da Ordem eram enviados em código e, como já foi mencionado, os líderes da Ordem, bem como os locais de suas reuniões, recebiam nomes secretos, retirados da história antiga.

Também era recomendado que seus membros espionassem uns aos outros e fizessem relatórios para entregar a seus superiores. A expansão da Ordem

atingiu outros países europeus, mas os associados nunca passaram da marca dos 2 mil. Um grupo que, interpretando nas palavras de Weishaupt, era, mais ou menos, pequeno e enxuto.

Essa estrutura é usada ainda hoje? Bem, se levarmos em consideração os grupos modernos que se autodenominam Illuminati e a Skull and Bones, um dos suspeitos de serem os verdadeiros seguidores de Weishaupt, pode-se traçar uma tabela comparativa de graus conforme observamos a seguir:

Illuminati da Baviera	Illuminati modernos	Skull and Bones
Noviço	Bruxo Noviço	Cavaleiros
Minerval	Bruxo Praticante	Patriarca
Mestre ou Iluminado Menor	Mestre Bruxo	Líder Skull and Bones
Iluminado Maior	Nível Neófito	Grupo de Confraria
Cavaleiro Escocês	Grande Mestre	Grupos de Távola Redonda
Príncipe	<i>Ipsissimus</i>	Sociedade de Peregrinos

Particularidades

Hutin relata ainda que os Illuminati bávaros aceitavam apenas homens, seguindo a tradição maçônica. Porém, se mostravam um passo à frente do pensamento da época, pois em 1778 um membro, um juiz de nome Zwackh, um dos homens de confiança de Weishaupt, propôs a criação de uma comunidade paralela de irmãs, que seria dividida em duas categorias: as virtuosas (que seguiriam os princípios de cumprimento de deveres domésticos e da fidelidade conjugal) e as libertas (que seriam “atraídas pela perspectiva de uma total e radiosa emancipação no campo social e moral). Pelo jeito, a criação não saiu do papel, pois não há nenhum indício de que o líder Illuminatus tenha considerado tal proposta.

Para estabelecer sua hierarquia, fosse ela qual fosse, Weishaupt e seus associados se inspiraram em rituais de antigas tradições. Segundo Hutin, o mago Aleister Crowley, considerado a própria besta do Apocalipse, teria sido filiado a um ramo Illuminati do começo do século XX dedicado ao estudo e à pesquisa de alta magia e da alquimia rosa-cruz. Esse ramo teria sua sede em Stein, na Suíça, e possuiria um museu cujo acervo conta com documentos do fim do século XVIII, que relatam algumas atividades ligadas aos rosa-cruzes e aos maçons. Edita, continuamente, um pequeno livro não-político, que fala sobre a luz interior, teoricamente escrito por Weishaupt, e uma revista mensal em alemão chamada *Oriflamme*.

Pouco se sabe, com certeza, sobre como eram os rituais adotados pelos Illuminati, o que faz com que escritores de ficção soltem a imaginação e criem, a exemplo de Dan Brown, ligações com obras de arte. Porém, os poucos fragmentos de informação que chegaram até os pesquisadores, pintam um retrato completamente diferente. Por exemplo, Hutin afirma que a iniciação de primeiro grau punha à prova a imaginação e o autocontrole do iniciado. Após um jejum obrigatório de três dias, ele era conduzido, durante a noite, para uma sala subterrânea, a exemplo da cerimônia da Câmara de Reflexão dos maçons, onde se preparava para a próxima etapa. Ao entrar no Templo, deveria estar completamente nu, com braços e órgãos genitais amarrados, em uma simbologia primal, que mostraria o homem profano e completamente desprovido de suas paixões e instintos bestiais, por isso as amarras. O objetivo é, conforme ele recebe informação e se inicia nos mistérios “iluminados”, passar a controlá-los e dominá-los. Os demais Illuminati, na condição de iniciadores, faziam então um interrogatório. Caso as respostas do candidato fossem consideradas satisfatórias, ele era convidado a prestar um juramento sobre a Bíblia.

No grau de Eopta, havia uma prova simbólica que servia para confirmar se o iniciado havia mesmo superado seu egocentrismo durante os graus anteriores. O Templo era preparado para a cerimônia e ficava com uma iluminação bem intensa e brilhante, rodeado de cortinas douradas. Quando o candidato a Eopta entrava, o presidente oferecia uma escolha: em uma mesa estavam, de um lado, uma coroa, um punhal e um manto real, símbolos do poder temporal. De outro, havia uma túnica de linho e um cinto vermelho, símbolos do poder espiritual. Se o julgado escolhia o primeiro grupo de objetos, significava que era incapaz de renunciar às suas ambições pessoais e encerrava por lá sua carreira nos Illuminati. Do contrário, era consagrado e reunia-se aos demais para ingerir um líquido composto de leite e mel, uma reminiscência de antigos rituais gregos. A partir daí, estaria pronto para continuar sua estada entre os “iluminados”.

Há um registro histórico de uma iniciação Illuminati para Regente descrita por um tal F. T. B. Clavel em um livro de 1844 chamado *Histoire Pittoresque de La Franc-Maçonnerie*, obra citada no livro de Hutin, onde se pode ler:

“Ele era levado para uma sala toda atapetada de preto; só se podia ver em volta manchas de sangue, punhais e instrumentos de tortura. No meio desse cenário repugnante estava um esqueleto humano, de pé, em cima dos atributos da realeza. Seu acompanhante fingia estar apavorado e procurava empurrá-lo para longe da cena sinistra. Outros ajudantes apareciam, querendo segurá-lo, mas, percebendo que ele tinha sido doutrinado na escola dos Iluminados, que tinha o brasão da Ordem sobre o coração e sobre a testa, deixavam-no livre para entrar em outro local. Aí, deveria submeter-se a outras cerimônias e a um cerrado interrogatório. Se as respostas fossem satisfatórias, ele era vestido com a indumentária de um Cavaleiro Cruzado”.

E o que acontecia com os noviços? Eles passavam pelo que parecia ser um procedimento mais simples, o de entregar uma confissão pormenorizada de seus “pecados” (seja lá o que for isso em um grupo que quer derrubar a Igreja Católica e pôr fim à religião), logo após a iniciação e responder a mais 24 perguntas. Entre essas pelo menos duas são conhecidas: “Pode você amar todos os membros da Ordem, mesmo se entre eles você encontrasse

seus inimigos?” e “Reconhece você, que a Ordem tem direitos de vida e de morte?”.

Se superasse todas essas provas, o que já parece ser muito, ele poderia ser promovido a Minerval, o segundo grau, cujo nome foi retirado da deusa romana da sabedoria Minerva (Palas Atena para os gregos). O próprio Weishaupt achava esse grau, em particular, especialmente importante. Sobre ele chegou a escrever:

“Nesse grau, se reunirão aqueles que têm maiores aptidões para os mistérios. Quero também que nesse grau se trabalhe para conhecer e eliminar os preconceitos. Todo discípulo terá de dizer-nos, uma vez por mês, quais os preconceitos que ele descobriu em sua própria mentalidade, qual é o mais forte e até que ponto ele conseguiu eliminá-los”.

Objetivos

Já sabemos o que os Illuminati pretendiam a longo prazo. Porém, há dúvida sobre se tais objetivos estariam com a ordem desde sua concepção. Afinal, como já foi comentado, há grupos hoje que se dizem “iluminados”, mas se dedicam ao estudo da alta magia. Como explicar essa discrepância no modo de pensar?

Para tanto, é necessário novamente apelarmos aos registros históricos e observar pistas deixadas pelos trechos de discursos usados nos rituais de iniciação pelo próprio Weishaupt e seus associados. Sabemos, pelas próprias declarações do líder Illuminati, que seu intento era organizar uma minoria ativa que pudesse conduzir os homens para a “realização do grande objetivo: a libertação total”.

Quando um de seus seguidores chegava ao grau de Eopta, era feito, um discurso do qual o trecho a seguir fazia parte:

“Aqui estás, como devias ser e como queríamos ver-te. De agora em diante, tu conduzirás os outros. O que tu já sabes e o que tu aprenderás, desvendará em tuas fraquezas. Nesta vantagem, reside o verdadeiro poder de um homem sobre outro”.

Hutin diz que Weishaupt achava possível a total regeneração do homem e que todo indivíduo ficava tão bom e harmonioso que qualquer autoridade ou governo seriam supérfluos. Vejamos o trecho a seguir, que pertence a seus escritos:

“As escolas secretas de filosofia são o instrumento para apressar uma revolução no espírito humano e para triunfar para sempre sobre a opressão. Desde sempre, essas escolas foram os arquivos da natureza e dos direitos do homem. Por meio dessas escolas, um dia será reparada a queda do gênero humano; os príncipes e as nações desaparecerão da terra, e a terra será somente a morada do homem racional. A Razão será então a única lei, o único código dos homens”.

Para encerrar a cerimônia de passagem para o grau de Eopta, o não-iniciado ganhava um barrete frígio, uma espécie de touca ou carapuça, originariamente utilizada pelos moradores da Frígia, atual região da Turquia. O mesmo barrete foi adotado, na cor vermelha, pelos republicanos franceses que lutaram pela Tomada da Bastilha em 1789. O barrete era o símbolo de sua libertação e vinha acompanhado da frase “cubra-se com este barrete, porque ele vale mais que uma coroa de rei”. Esse detalhe faz lembrar a data de 20 de junho de 1792, quando o rei Luís XVI foi obrigado pelo chefe dos revolucionários a cobrir sua cabeça com o mesmo barrete republicano. Um vestígio histórico da verdade?

Mas, afinal, os objetivos da Ordem se mantiveram ou mudaram? Para muitos pesquisadores, a segunda alternativa é completamente clara quando estudamos a história dos “iluminados”. Lembremos, antes de mais nada, que um dos nomes iniciais atribuídos aos Illuminati foi *Antigos e Iluminados Profetas da Baviera*. Na época, seus objetivos eram declaradamente simples: “estimular uma visão humana e social; inibir todos os impulsos viciosos; apoiar a Virtude, onde quer que seja ameaçada ou oprimida pelo vício; promover o progresso das pessoas de mérito e espalhar os conhecimentos úteis entre as numerosas pessoas que estão hoje privadas de toda educação”.

Weishaupt acreditava que os jesuítas, na época os dominadores da Bavária, eram os principais responsáveis pela condição sofrível em que o povo local vivia, e que o poder da Igreja que os apoiava deveria ser

desafiado e, em seguida, substituído. Além disso, também ficava de olho na organização da Maçonaria, sobre a qual escreveu:

“Tencionava explicar que a Franco-Maçonaria é vantajosa sob todos os pontos de vista, porque ela se dirige aos cristãos de todas as seitas, liberando-os de todos os preconceitos religiosos, cultivando e avivando as virtudes de uma sociedade com a perspectiva de uma felicidade universal, que pode realizar-se completa e rapidamente, num Estado onde vicejem a liberdade e a igualdade, num Estado livre dos obstáculos que a hierarquia e a riqueza põem no nosso caminho; meu sistema é completo e certo, e meus meios são eficazes e irresistíveis”.

O sistema Illuminati original, o adotado pela ramificação bávara, enumera com detalhes uma série de diretrizes, que seriam utilizadas para materializar o espírito humano e os meios que influenciariam todos os tipos de pessoas. Hutin diz que, nesse sentido, Weishaupt parece uma imitação perfeita de Maquiavel, quando pregava que o fim justificava os meios. E com esse tipo de filosofia em mente, administrava as cerimônias de iniciação dos graus, cada uma com uma característica diferente de pensamento, a maioria com conceitos que deixariam qualquer um com os cabelos em pé.

Por exemplo, quando o adepto chegava ao grau de Mago, recebia um ensinamento de cunho panteísta que afirmava que Deus e mundo são uma coisa só. E, no último grau, o de Homem-Rei, o iniciado aprendia que o último dos cidadãos era, na verdade, um soberano. Parte do texto, lido nessa ocasião, dizia:

“Como no Estado patriarcal, todas as nações deviam ser reconduzidas a este estado por todos os caminhos possíveis, com meios pacíficos se isso for possível, e, em caso contrário, pela força, porque toda subordinação deve desaparecer da face da Terra”.

No grau de Regente o iniciado aparecia em público vestido como um escravo da Antiguidade. Nessa condição, ele deveria denunciar as pessoas responsáveis por sua situação miserável. Os candidatos a vilões incluíam a sociedade, o Estado, a submissão e a falsa religião. Weishaupt proclamava,

a plenos pulmões, que quem divulgava o Iluminismo (ou seja, a doutrina dos Illuminati), aumentava a segurança geral, pois quando há Iluminação e segurança os príncipes se tornavam supérfluos.

Hutin continua suas explicações, falando sobre os meios para alcançar a sociedade tão almejada por Weishaupt e seus seguidores. Diz ele em seu livro:

“Para chegar a ela é necessário, em primeiro lugar, destruir totalmente a velha ordem. A repentina radicalização da Revolução Francesa durante o verão de 1792, pode ser entendida mais facilmente meditando sobre essa sentença encontrada entre as anotações pessoais de Weishaupt: ‘Temos de destruir tudo, cegamente, tendo um só pensamento: o mais possível e o mais rapidamente possível’”.

Se prestarmos atenção, um detalhe salta a nossos olhos: se os Illuminati pregavam a destruição completa de tudo que estava ligado à velha ordem, por que montar graus e cerimônias com símbolos que lembram essa mesma ordem? Para muitos pesquisadores tudo isso nada mais era do que um lembrete do trabalho que os Illuminati tinham à frente, ou seja, lembrar do velho para que este pudesse ser destruído e reconstruído sob uma nova forma.

Mas como chegar a esta destruição, sem apelar para o excesso de violência? Na avaliação do próprio Weishaupt, vários séculos ainda iriam passar antes que a humanidade conseguisse viver sem a figura dos governantes. Apenas quando esse ponto fosse alcançado, é que os homens poderiam “ser deixados sem freio”. É claro que tudo tem um preço, e, nesse caso, uma minoria ativa teria de assumir o controle para que a turba fosse dirigida e forjada de forma inflexível. Por bem ou por mal. Hutin não apenas concorda que esse seja o pensamento dos Illuminati como acrescenta:

“Para chegar à sociedade ideal, precisa-se passar durante várias gerações por uma sociedade autoritária. A ação revolucionária, antes secreta e depois aberta, longe de ser um movimento espontâneo, deve ser preparada metódica e maquiavelicamente. Derrubados os antigos governantes, as novas equipes devem estar prontas a assumir o poder”.

Para Hutin, Weishaupt assume, com os pensamentos acima, uma posição de precursor direto de outros movimentos revolucionários, como o encabeçado por Lenin e que culminou na Revolução Russa de outubro de 1917. Afinal, segundo os historiadores, o líder russo foi o primeiro a admitir em público que manifestações espontâneas não existem. Seria um sinal de que Lenin foi um Illuminatus ou seguidor de Weishaupt? Com certeza, as semelhanças de filosofia são um fator que chamam a atenção de qualquer um.

Outro detalhe sobre a maneira de organização dos Illuminati é que Weishaupt, ao considerar o recrutamento de novos adeptos, chegava a ponto de recomendar que se apelasse aos pontos fracos de cada um. Uma de suas máximas, ao que parece, era justamente “cada um, no começo, deve ser atraído pelo que ele gosta”. E quanto aos verdadeiros objetivos da Ordem, ele aconselhava apenas que tudo deveria permanecer cuidadosamente camuflado. Dizia que o poder dos Illuminati estava no segredo e que não deveriam hesitar ao se apresentarem como uma sociedade pacífica e tranquila.

E quais eram os objetivos dos noviços? Um trecho do estatuto datado de 1738 trata disso:

“Antes de mais nada, estudai o homem. Não nos livros, mas como ele se apresenta, observando as pessoas em volta. O noviço faz um estudo profundo sobre ele mesmo e os outros. Ele entrega as suas observações e geralmente observa mais do que lê... O meio mais seguro de passar aos graus superiores é fazer muitas anotações, aumentar os estudos de caráter e informar por escrito quando falavam descontroladamente, presa de paixões. O adepto deve manter em dia um registro no qual cada pessoa das suas relações é contemplada em três ou quatro páginas”.

Weishaupt, na verdade, inventou um sistema que foi imitado, consciente ou inconscientemente, por Lenin: uma hierarquia secreta e paralela que é desconhecida não apenas do público, mas também dos demais membros. Ele teria, até mesmo, introduzido a categoria de Insinuantes, um cargo conhecido apenas pelos dignitários do círculo mais alto da Ordem. Esses membros eram obrigados a escrever um diário e mostrá-lo duas vezes por mês ao próprio Grão-Mestre.

No grau de Regente, o adepto, em geral, não dispunha de renda pessoal e passava a viver sustentado pelos Illuminati. E apesar de ter em seu meio altas personalidades, Weishaupt não tinha à sua disposição altas verbas monetárias. Assim sendo, quem os financiava? Talvez os Rothschild, talvez os Rockefeller ou qualquer outra família rica e famosa.

O ponto maior é lembrar que, ao contrário do que livros, histórias em quadrinhos e até seriados de TV costumam pregar, não é nada fácil identificar os Illuminati ou seus verdadeiros ensinamentos. Para nós, em pleno século XXI, eles parecem funcionar bem apenas no mundo da ficção e jamais poderiam ser algo real. Ou talvez seja isso que eles querem que pensemos...

Os protocolos dos sábios de Sião



Capítulo 9

Seguir a trilha “iluminada” desde a supressão da Ordem na Alemanha não é uma tarefa fácil. Muitos afirmam que decretar o fim do grupo foi um tiro que saiu pela culatra, já que ajudou a disseminar os ideais Illuminati pelos quatro cantos do mundo. Aparentemente, a França foi o país europeu que mais demonstrou vontade de acolhê-los, porém outros países também se mostraram um terreno fértil para que as ideias de Weshaupt crescessem e frutificassem.

Ou, pelo menos, é assim que os atuais pesquisadores do assunto creem. Essa sensação de pisar em ovos e nadar em um terreno pantanoso também foi sentida quando da redação deste livro. De cada informação ou fonte consultada para escolher o conteúdo que você, leitor, tem diante de si, pelo menos 77% delas pertencem ao terreno das especulações. Algumas vão mais longe e pregam que os Illuminati são os guardiães do Anticristo, cujo nascimento já aconteceu e agora só esperam pelo momento em que tal figura se aproxime de seu destino de governante da Terra. Seria ele o tal líder unificado que a seita de Weishaupt tanto pregava no passado? Pessoalmente, acredito que isso nada tenha a ver com os Illuminati como sociedade secreta e que tudo não passa de conversa de desocupados na internet.

Porém persiste o fato de que os Estados Unidos foram a primeira das novas terras visadas pelos “iluminados”. É claro que não foi a única, ainda mais no Novo Continente. Outros países, entre eles o México e até Cuba, já foram apontados como centros de aglutinação de membros desse grupo. De fato, quando se passa por esses países, nota-se a presença, em vários locais, do símbolo máximo dos Illuminati, o Olho Que Tudo Vê. Mas, se essa mesma imagem também é utilizada pelos maçons, como ter certeza quando se trata de uma ou de outra sociedade secreta?

Para se ter uma pista é necessário voltarmos novamente para os documentos históricos europeus. Um deles, um artigo publicado na revista alemã *Französische Züstade*, de Hamburgo, datado de julho de 1842 e

assinado por um poeta menor ligado aos carbonários. Nele, há alguns parágrafos que advertem sobre “o comunismo que ainda não apareceu, mas aparecerá poderoso e será intrépido e desinteressado como o pensamento (...), se identificará com a ditadura do proletariado”. Curiosamente o termo *comunismo* não era tão usado como depois do surgimento do marxismo-leninismo, que levou à Revolução Russa. De fato, a palavra apareceu pela primeira vez na imprensa em 1827, quando o reformador galês Robert Owen (1771-1858) usou-a para se referir a socialistas e comunistas. Owen também foi o primeiro a considerar que o valor de uma mercadoria devia ser medido pelo trabalho a ela incorporado, e não pelo valor em dinheiro que lhe era atribuído.

Isso poderia significar, que esse poeta que assinou o artigo na revista alemã tinha uma ligação com os Illuminati? Em poucas linhas, o texto apresentava estranhas profecias, já que previa não apenas o advento do comunismo como também a guerra franco-prussiana de 1870 e até a globalização. Entre os termos usados, está um em particular, que deixou o pesquisador muito desconfiado: *ditadura do proletariado*, expressão que mais tarde se tornou quase uma marca registrada de Lenin e que é utilizado por Heinrich Heine.

Falemos um pouco sobre este último personagem: Heine (1797-1856) foi um importante poeta romântico alemão. Teve grande parte de sua poesia lírica, especialmente a publicada durante sua juventude, musicada por vários dos grandes compositores, entre eles Robert Schumann, Franz Schubert, Johannes Brahms, Richard Wagner e, mais recentemente, Hans Werner Henze e Lord Berners. Desconfiase de que o tal poeta da revista seja ele, mas uma vez mais não há maiores referências sobre o fato.

E por que ele é importante? Trata-se de um nome que consta em qualquer enciclopédia, impressa ou eletrônica, conhecido e estudado por diversas universidades do mundo todo. Ele foi um homem viajado, formado em direito e que se relacionou com personagens famosos, como o naturalista alemão Alexander von Humboldt, os escritores franceses Victor Hugo e Honoré de Balzac e o compositor alemão Richard Wagner. Ganhou fama pelo lirismo de sua obra. Essa é a parte conhecida.

Passemos agora para a parte oculta ou pouco conhecida. Heine era sobrinho do banqueiro Salomón Heine, de Hamburgo (o que já servia para ligá-lo ao poeta da revista). Na Universidade de Berlim, seu tio teve oportunidade de se relacionar com os Rothschild de Londres e era amigo

íntimo de Karl Marx. Koch relata que foi graças a Heine que Marx conseguiu chegar são e salvo na Inglaterra quando fugiu da perseguição das polícias prussiana e francesa. E, ainda, ressalta:

“Naquele momento, um maçom britânico, protegido também um dia pela mesma casa Rothschild, ocupava o assento de primeiroministro do Reino Unido: Benjamin Disraeli”.

Mais suspeitas

O evento relatado a seguir nunca (e vale a pena ressaltar nunca mesmo) teve algo a ver oficialmente com os Illuminati. Porém, os pesquisadores e “conspirólogos” (os historiadores ainda preferem se manter longe de tal episódio) insistem em que há dedos “iluminados” nessa manipulação que, de fato, ainda se mostra nebulosa. Trata-se de um livro tido como um dos mais difamadores do povo hebreu já escritos e que contribuiu muito para o surgimento do nazismo alemão.

Os protocolos dos sábios de Sião (que, acreditem se quiser, ainda hoje há quem creia que tal obra tenha relação com os conceitos de *O código da Vinci*, apenas pelo uso da palavra *Sião*) foi publicado originalmente em um jornal de São Petersburgo, entre agosto e setembro de 1903. O título original era *Programa judaico de conquista do mundo* e foi publicado em capítulos. Dois anos mais tarde, surgiu em edição completa em um folheto que levava o título absurdo de *A origem de nossos males*. Até hoje há um certo mal-estar quando alguém se atreve a procurar por tal livro em um sebo. Aparentemente, ninguém é louco de publicá-lo, pois invariavelmente ele acarreta para a editora que o faz exatamente como o observado quando alguém resolve soltar uma nova edição de *Mein Kampf*, de Hitler.

Não é nem preciso dizer que tal livro provocou grande constrangimento entre as autoridades russas. Mas a população em geral resolveu lê-lo e, como consequência, trechos suspeitos começaram a se disseminar. Vejamos um deles:

“Aqueles que seduzem o povo com ideias políticas e sociais estão sujeitos ao nosso jugo. Suas utopias irrealizáveis estão solapando o prestígio dos

governos nacionais e os pilares dos atuais Estados de Direito. (...) Depois de desprestigiar as monarquias, faremos que sejam eleitos presidentes aqueles que possam nos servir com submissão. Os eleitos devem ter algum ponto obscuro em seu passado para podermos tê-los amordaçados, por temor de ser por nós descoberto, ao mesmo tempo que, amarrados à posição do poder adquirido, desfrutando de honras e privilégios, sintam-se ansiosos por cooperar para não prendê-los. (...) Quando, decepcionados com seus governantes, os povos começarem a clamar por um governo único que traga paz e concórdia, será o momento de entronizar o nosso soberano”.

Com certeza, muita gente verá nesse trecho insinuações de que os judeus conspiram para dominar o mundo, assim como aconteceu com Hitler e seus seguidores. O problema maior que os pesquisadores modernos veem nessa obra é que, de fato, poderia haver uma conspiração, mas com marcas próprias dos Illuminati e não dos judeus.

Vale lembrar um detalhe no mínimo curioso: a verdadeira origem do texto não foi provada até hoje. A hipótese mais aceita pelos historiadores é que se trata de um texto forjado em 1897 pela Okhrana, a polícia secreta do czar Nicolau II (1868-1918), que foi executado com sua família pelos bolcheviques. Há ainda historiadores que creem que o texto foi roubado de uma mansão na Rússia, tendo sido posteriormente entregue ao czar e que este, após lê-lo, comentou que já era “tarde demais”.

O texto, em si, já é motivo de muitas desconfianças. Está no formato de uma ata de reunião que teria sido redigida por uma pessoa em um congresso realizado a portas fechadas, numa assembleia em Basileia, na Suíça, em 1807. Lá, um grupo de sábios judeus e maçons teria se reunido para estruturar um esquema de dominação mundial. Nessa ocasião, foram discutidos planos para se usar uma nação européia como exemplo para as demais que se atrevessem a atravessar o caminho dos conspiradores. Entre os objetivos desse suposto grupo, estariam (e é aqui que temos as mais elevadas suspeitas) o controle do ouro e das pedras preciosas de cada nação que se envolvesse no plano, criação de uma moeda amplamente aceita e que estaria sob o controle dos conspiradores, a utilização de dados econômicos e físicos para causar confusão entre aqueles que não estivessem participando do plano, e, o principal, gerar “pânico tamanho que fosse

capaz de fazer com que os países criassem uma organização supranacional, sob controle sionista, capaz de interferir em países rebeldes”.

Seriam esses, ecos de Illuminati? Para muitos pesquisadores e um grupo de historiadores de Yale, que já chegaram a publicar estudos sobre o assunto há alguns anos, com certeza. Essas pesquisas não falam sobre uma dominação judaica, mas, sim, de um grupo Illuminati disposto a levar seus planos a cabo, de maneira completa e irrestrita. Afinal, segundo seus argumentos, os Rothschild, supostos financiadores dos Illuminati, não são de origem judaica? Mais uma vez vamos dar uma espiada no que nos diz Koch:

“Hoje em dia é comumente aceito que Os Protocolos não são outra coisa, senão uma hábil falsificação da Okrana, a polícia secreta do czar, destinada a alimentar o tradicional ódio do povo russo aos judeus, e inclusive se indica Piotr Ivanovitch Ratchkovsky, que dirigiu a polícia secreta, como o autor material do texto. Por outro lado, até o advento do nacional-socialismo (mais conhecido como nazismo) na Alemanha, a imensa maioria dos judeus não só estava integrada na sociedade alemã, assim como na francesa ou na inglesa, mas também ocupava ali uma alta porcentagem de cargos relevantes, o que não ocorria nos países eslavos e especialmente na Rússia e na Polônia, onde os pogroms (atos em massa de violência, espontânea ou premeditada, contra judeus e outras minorias étnicas da Europa) sempre desfrutaram de grande aceitação popular”.

Oficialmente, também se acredita que o texto visava não apenas difamar os judeus, mas também acabar com as sociedades secretas, cujos rituais e simbolismos tinham clara influência direta de filosofias sionistas, como a da Cabala. Porém, é bom lembrarmos de que, naqueles dias, ninguém levou essa hipótese em conta, considerando a obra possuidora de informações relevantes e até mesmo importantes. Também vale lembrar que, assim como na maioria dos países europeus, a Rússia também era um palco preparado para que conspirações florescessem. As autoridades estavam preparadas para mover céus e terras para conter qualquer onda de natureza revolucionária que pudesse aparecer. O que, como todos sabem, não adiantou muito...

O livro ganhou fama por toda a Europa, graças a uma crítica elogiosa que o jornalista britânico Wicham Steed fez para o jornal de Londres, o *The Times*. A data era maio de 1920 e o livro havia ganhado sua primeira edição em inglês. Trechos dessa crítica falavam sobre a existência, há séculos, de “organizações secretas e políticas de judeus” encarregadas de projetar “ódio tradicional e eterno” à Cristandade, assim como oferecer um domínio mundial que beira à tirania.

E esse foi apenas o primeiro passo. O livro correu o mundo e causou impacto por onde passou. Ainda em 1920 foi publicado pela primeira vez nos Estados Unidos e, a partir do ano seguinte, na França, na Alemanha, na Itália e na Espanha.

O clima de conspiração espalhou-se como fogo em palha. Afinal, a Europa ainda não tinha se recuperado das últimas intrigas e revoluções que vivenciara e elevou à enésima potência o medo e o temor de tudo que remotamente estivesse relacionado com os judeus. Foi também peça-chave para, nas palavras de Koch, “refazer o ambiente no território alemão”, facilitando a disseminação das ideias nazistas que defendiam a necessidade de se lidar com a “ameaça judaica” para se obter o “livre desenvolvimento da Alemanha e da Europa”.

As origens obscuras

Vejamos o que se sabe historicamente desse possível documento Illuminati. As suspeitas sobre a posição da ordem como a verdadeira autora do livro cresceram entre o público, mas como o texto falava diretamente dos judeus, simplesmente esqueceu-se qualquer referência de participação “iluminada” para se concentrar na ameaça à mão. Os pesquisadores afirmam categoricamente que, como Adam Weishaupt pregava que os fins justificam os meios, seria um indício de que os Illuminati estavam dispostos a sacrificar seus aliados judeus, para que estes levassem a culpa por serem conspiradores, o que deixaria o caminho livre para que eles se concentrassem em seu trabalho.

Em Londres, numerosas investigações provaram que o livro era um embuste, em especial uma série de artigos no *The Times*, publicados entre 16 e 18 de agosto de 1921. Segundo eles, muito do que prega o livro foi extraído de textos de autoria de Serge Nilus (também grafado como Serguei Nilus), um russo proprietário de terras que se tornou um maníaco religioso

depois de perder sua fortuna. Outros analistas da obra afirmam que muito do que lá está veio de sátiras políticas, principalmente do livro *O diálogo no inferno entre Maquiavel e Montesquieu*, do escritor e advogado francês Maurice Joly (1829-1878), publicado em 1865.

Há ainda quem creia que a base da história de *Os protocolos...* teria sido criada originalmente por um romancista alemão anti-semita chamado Hermann Goedsche (1815-1878), que teria assinado muito de seu trabalho com o pseudônimo de *Sir John Retcliffe*. Segundo essa linha de análise, foi Goedsche quem introduziu os judeus como os conspiradores para a conquista do mundo.

Koch e outros autores de trabalhos sobre os Illuminati afirmam que pouco importa quem sejam os verdadeiros autores do texto. Para eles, o importante é reconhecer naquelas páginas os planos dos Illuminati. Uma teoria que parece ganhar força atribui a redação do livro à direção dos “iluminados”. Koch afirma:

“(Os Illuminati) haviam-se limitado a tornar públicos seus planos com total impunidade, garantindo assim que estes chegassem a todos os seus agentes no mundo ocidental, graças ao escândalo gerado por sua difusão literária e camuflando sua identidade ao introduzir referências de caráter judaico. Dessa forma, também, fariam recair as suspeitas sobre o sionismo político e iriam preparando o terreno para os próximos conflitos mundiais prognosticados nas cartas trocadas por Pike e Mazzini”.

Em resumo, *Os protocolos* têm alguns pontos de destaque nas seguintes áreas:

1. Religião – descreve um ataque sistemático contra o cristianismo em todas as suas formas, ao alimentar todo tipo de cismas e igrejas que fossem diferentes e o desprezo público pela doutrina e hierarquia eclesíásticas.
2. Ordem político-econômica – utilização de dinheiro para comprar e corromper a classe política, além de uso da imprensa para manejar e reorientar a opinião pública.
3. Moral – ressaltar sempre as condições e vantagens para a organização sobre qualquer consideração de caráter moral e argumentar com

mentira, corrupção e traição “sempre que for de utilidade”.

Entre as coisas descritas n’Os *Protocolos* estão eventos como as duas guerras mundiais, a implantação do comunismo, a tendência cada vez maior para o estabelecimento de um governo mundial, a supressão progressiva da pena de morte e o estabelecimento do terrorismo no cotidiano moderno. E vale lembrar que catorze anos após ser publicado na Rússia, explodiu a Revolução naquele país.

Assim, o que deixa todos intrigados não é saber quem escreveu tal obra ou mesmo se ela tem ou não algo a ver com os judeus. A pergunta que não quer calar ainda é: por que uma obra tão estranha, sendo ou não uma falsificação, se parece tanto com os planos dos Illuminati e como alguns dos fatos que ela previu de fato se concretizaram? Teriam os Illuminati excelentes profetas que escreveram o texto ou se tratava apenas de uma espécie de “relatório de intenção” dos seguidores de Weishaupt?

Até onde se sabe, ainda há quem estude o livro para desvendar seus segredos. Quem sabe o que mais existe nele, disfarçado de conspiração judaica?

Expansão dos Illuminati



Capítulo 10

Ao chegarmos ao fim de nossa jornada pelo mundo estranho e nebuloso dos Illuminati, percebemos que várias perguntas permanecem sem resposta. Com a massificação da Ordem pela de mídia, ninguém em seu juízo perfeito levaria as teorias de conspiração a sério. E para aqueles que apelam para os fatos, como os historiadores, os “iluminados” foram suprimidos há anos.

Porém, os boatos insistem em falar sobre as atuais atividades dos Illuminati. E algumas dão detalhes escabrosos, como a suposição de eles terem influenciado por tanto tempo o governo de George W. Bush (ligado à Skull and Bones), para que continuasse a guerra contra os terroristas do 11 de Setembro (um modo de minimizar a influência de uma das três maiores religiões do mundo, a islâmica). É claro que o fato de que isso era mais uma guerra religiosa disfarçada de guerra política não escapou aos olhos mais atentos, mas poucos (ou ninguém) tomou conhecimento desse detalhe.

Hoje é fácil tomar qualquer exemplo de conflito político-religioso como uma atividade manipulada por obra e graça dos seguidores de Weishaupt. O problema maior é conseguir provar sem que tudo soe como uma enorme teoria da conspiração. Nesse sentido, os pesquisadores que ainda se arriscam nesse campo passam por maus bocados e muitas vezes, ao expor suas teorias, são desacreditados, desmoralizados e até ridicularizados.

Já vimos, nos capítulos anteriores, como a Ordem conseguiu se expandir e atravessar as fronteiras alemãs para se imiscuir na França e nos Estados Unidos. Porém é bom lembrar que, de certa maneira, seus ideais nunca abandonaram sua região ou seu país natal. Apenas adormeceram para depois voltarem com força total. Enquanto alguns historiadores afirmam que Adam Weishaupt se contentou em se isolar em Gotha, passar seus últimos dias como preceptor do herdeiro daquele condado e que chegou a fazer as pazes com seu antigo inimigo, a Igreja Católica, outros alegam que ele levava uma vida dupla: enquanto se esforçava para manter uma aparência inocente durante o dia, de noite continuava a cuidar de seus

interesses escusos e a coordenar a Ordem. Para estes últimos, o líder Illuminatus estaria contente com os resultados da Revolução Francesa e, mais tarde, com a coroação de um de seus protegidos, ninguém menos que Napoleão Bonaparte, que, graças à sua ligação com os Illuminati, conseguiu a façanha de invadir o Vaticano em 1799 e roubar seus arquivos.

O fato é que, se analisarmos com cuidado, as monarquias absolutistas passaram por um período em que perderam poder e prestígio. O fato de cada vez mais haver movimentos dispostos a acabar ou minimizar essa forma de governo fez com que muitos acreditassem que havia, de fato, um poder oculto que manipulava os acontecimentos nesse sentido, para obter esses resultados.

O momento que os “iluminados” esperavam havia chegado. Enquanto aguardavam o que aconteceria com a França e sua breve restauração da monarquia, voltaram suas atenções para sua terra natal, a Alemanha. Atualmente, a maioria conhece o país unificado, mas a verdade é que ao longo de sua história aquela não foi sempre desse jeito. Mesmo muito antes dos conflitos mundiais em que se envolveu, o país teve sua extensão de território de tamanhos tão variados que mais parecia o esticar e o encolher de um acordeão. O que hoje conhecemos como República Federal da Alemanha teve um processo de reunificação impulsionado após a Queda do Muro de Berlim em 1989. O modelo atual político baseia-se, segundo Koch, em um modelo medieval de coexistência entre diversos reinos (incluindo a Baviera e Hesse) e cidades-Estado como Hamburgo ou Bremen.

Dessa maneira é fácil entender a necessidade alemã de ter um país unificado. Koch afirma:

“Esta breve reflexão nos ajuda a compreender a angústia essencial dos patriotas alemães que, sem necessidade de pertencer aos Illuminati, suspiraram ao longo dos séculos pela possibilidade de edificar uma nação unida e centralizada seguindo os modelos de países politicamente mais ‘maduros’ como a Espanha, a França ou o justamente chamado Reino Unido. E porque, uma vez recebido o conveniente impulso, assim como a orientação adequada do grupo de Weishaupt, começou a se desenvolver com vigor, como aconteceu na Itália, o conceito e a necessidade da unificação”.

Uma pista que pode levar a uma possível participação Illuminati no pensamento alemão é uma carta assinada por alguns “maçons admiradores” e enviada pouco depois da dissolução oficial da Ordem para um professor da Universidade de Leipzig chamado Charles Frederick Bahrdt, um membro pouco conhecido dos Illuminati. Nela havia papéis que registravam planos para o desenvolvimento de um grupo que apoiasse uma união futura entre nobres e políticos para a constituição de um Estado alemão. Segundo Koch, Bahrdt havia feito propaganda religiosa para Weishaupt e sabia com detalhes os planos para promover a integração dos povos europeus. Assim, ele se pôs a colocar esses planos em prática e recrutou muitos dos membros que restaram dos Iluminados da Baviera, todos que conseguiram escapar da perseguição. Ativou contatos com a maçonaria inglesa e surgiu um grupo chamado União Alemã, que apareceu originalmente como um clube de leitura e discussão.

Não demorou muito para que a expansão desse novo clube começasse. Outras cidades abriram filiais, como a de Landshut, capital da região de Niederbayern, na Baviera. O curioso nesse caso é que tal filial ficava na casa de um antigo lugar-tenente de Weishaupt, chamado Von Zwack. Tais filiais funcionavam como associações que ofereciam ao novato acesso limitado, além de funcionar como livraria de subscritor, ou seja, de profissionais que vendem seus serviços em determinados setores sob contratação. Essas livrarias distribuíam um tipo de literatura que, se muitos não consideram Illuminati, outros concordam que chegava perto de o ser.

Nesse ambiente, Bahrdt escreveu e publicou um panfleto que tinha o singelo título de “A Todos os Amigos da Razão, da Verdade e da Virtude”. Nele estava claro que um dos propósitos desse grupo era “iluminar os cidadãos a fim de promover uma religião sem preconceitos populares e na qual a superstição seja arrancada pela raiz, restaurando assim a liberdade da humanidade”.

Tal escrito cresceu em popularidade a tal ponto que o rei da Prússia, Frederick Wilhelm, ordenou, em 1788, que seu ministro Johan Christian von Wollner escrevesse um panfleto que iria contra o que Bahrdt pregava. O texto ganhou o nome de “Édito da Religião” e, mal chegou às mãos do líder da União Alemã, recebeu uma resposta em tons satíricos que recebeu o mesmo nome.

Porém, o velho ditado de que a verdade sempre vem à tona não podia ser mais verdadeiro. E depois, para todos os que sabiam sobre os Illuminati,

estava mais do que claro que a tal União Alemã era um novo nome para um velho mal. Assim, em 1789, um livreiro chamado Goschen publicou um panfleto (uma arte que hoje não é mais aplicada a não ser em publicidade), em que revelou ao mundo que a União nada mais era do que uma mera continuação dos Illuminati da Baviera. E os seguidores de Bahrtdt nem mesmo tiveram tempo para retrucar as acusações, já que pouco tempo depois explodiu a Revolução Francesa e os dirigentes políticos de todo o continente europeu resolveram, mais uma vez, reprimir todas as sociedades secretas existentes.

Os registros históricos apontam que Bahrtdt não demorou para deixar o grupo e abrir uma taberna. À primeira vista parece apenas um gesto de alguém que cansou de lidar com as sociedades secretas, mas os “conspirólogos” logo lembraram que tais estabelecimentos eram lugares habituais de maçons. Ele morreu oficialmente em 1793, e a União Alemã se extinguiu pouco tempo depois. Qual teria sido o verdadeiro propósito dele ao abrir e administrar tal grupo continua sendo um mistério, mas apenas seus laços com o grupo original de Illuminati já era o suficiente para deixar muita gente de cabelos em pé.

Aleister Crowley

Muita coisa já foi escrita (entre estudos, considerações, asneiras e piadas) sobre o mago considerado o pior homem do mundo e a encarnação da besta do Apocalipse. Mas há quem acredite na ligação entre Crowley e os Illuminati e que, por algum tempo, os dois teriam compartilhado dos mesmos objetivos.

Vejam os que as fontes consultadas para este livro podem nos dizer sobre isso. Começamos por nos situar no tempo e no espaço. Estamos na Europa entre os séculos XIX e XX. Naquele cenário era extremamente comum o surgimento das mais diversas seitas, pequenos grupos esotéricos e de estudos ocultos, cujos membros pertenciam aos mais diferentes segmentos da sociedade, alguns deles inclusive provenientes da Igreja Católica, embora ninguém saiba dizer com segurança se estavam lá por vontade própria ou se espionavam as atividades para relatar a seus superiores. O fato é que o que atraía as pessoas, eram os ideais revolucionários e políticos que ofereciam. Muitos deles, inclusive, se organizavam de acordo com o modelo maçônico herdado de séculos

anteriores, ao passo que outros buscavam um esoterismo libertário com influência orientalista ou teosófica. Tudo pela perspectiva de explorar o além “de uma forma científica”, como prega até hoje a doutrina espírita.

Não havia praticamente quem não se interessasse pelo ocultismo. Assim, quando uma nova ordem chamada OTO (*Ordo Templi Orientis* ou Ordem do Templo do Oriente) surgiu, se apresentou como a herdeira dos Illuminati da Baviera. A alegação não é tão absurda quanto alguém poderia pensar, já que a loja maçônica onde Weishaupt havia atuado mudara seu nome para Estrita Observância Templária.

Seguindo um costume illuminatus, o fundador oficial da OTO, o químico austríaco Karl Kellner, adotou um nome simbólico latino, Frater Renatus. Sua influência, entretanto, é pequena perto da de seu sucessor, que assumiu a liderança depois da morte de Kellner, em 1905. Theodor Reuss, jornalista e ocultista anglo-germânico, assumiu o nome de Frater Peregrinus e foi sob sua direção que a constituição da Ordem foi redigida.

E o que era a OTO? Ela surgiu a partir dos Ritos de Menfis-Misraim, estabelecidos pelo maçom e oculista britânico John Yarker, que mantinha contatos constantes com a Sociedade Rosa-Cruz da Inglaterra. Esse era um dos muitos grupos que alegavam ser herdeiros da verdadeira herança Rosa-Cruz, mas que, segundo muitos pesquisadores, nada tinha a ver com os verdadeiros membros dessa antiga sociedade.

Reuss havia sido encarregado de instaurar o Ritual em 1902, a pedido do Soberano Santuário de Menfis-Misraim. Após a morte de Yarker, em 1913, assumiu o cargo de líder do Rito. A história oficial da OTO afirma, segundo artigo de sua revista *Oriflamma*:

“(A Ordem possuía) a chave que abre todos os segredos, tanto maçônicos como herméticos; isto é, o ensino da magia sexual, que torna compreensíveis todos os segredos da natureza, todo o simbolismo da franco-maçonaria e de todos os sistemas religiosos”.

O tantrismo ou magia sexual vem principalmente de três fontes orientais. A saber: o faquir árabe Solimán ben Haifa e os iogues hindus Bhima Sem Pratap e Sri Mahatma Aganya Guru Paramahansa. Uma busca pela internet revelou que tais figuras podem ser míticas, já que não há nenhum registro de terem existido ou de haver uma biografia dessas pessoas.

A OTO recebeu Aleister Crowley em seu meio em 1910. O nome que ele adotou então foi Frater Bafomet, referência ao suposto ídolo que os Templários foram acusados de adorar por Felipe IV. Ele havia sido iniciado primeiro na Ordem da Aurora Dourada (Golden Dawn) e estudara Cabala, magia e ioga enquanto viajava pela Europa e pelo Oriente. Foi nessa época que começou a esboçar seu próprio sistema filosófico, o hoje famoso “Faça o Que Quiser”. Fontes diversas confirmam que ele baseava seus pensamentos e filosofia em informações ditadas por “entidades superiores”, como Aiwass, um espírito que teria aparecido inicialmente para ele no Cairo, Egito. Sua obra mais famosa é *O livro da lei*, em que se pode ler trechos um tanto estranhos, como:

“Graças à minha cabeça de falcão, pico os olhos de Jesus enquanto ele pende da cruz. Bato minhas asas diante do rosto de Maomé e o deixo cego. Com minhas garras arranco a carne do hindu, do budista, do mongol e de todo aquele que recita orações”.

Apenas dois anos após seu ingresso na OTO, Crowley assumiu a chefia do ramo inglês. Queria mudar o nome de OTO para *Mysteria Mystica Máxima* (ou Máximos Mistérios Místicos). Como ele conseguiu tal façanha ainda é objeto de discussões acaloradas. Ele já havia publicado vários livros quando, em 1912, recebeu a visita de Reuss, que o acusou de ter revelado o segredo mais exclusivo da Ordem, referente ao grau nove. Após uma longa discussão, os dois terminaram por reconhecer que havia algo a mais nessa história, já que Crowley não pertencia ao citado grau e, por isso, não poderia saber sobre o tal segredo. Reuss teria ficado muito impressionado com Crowley, pois, quando foi embora, prometeu torná-lo Rei Supremo. E cumpriu sua promessa. Kovh comenta a respeito:

“Aleister Crowley foi chefe da Ordem a partir de 1921, quando o ciclo se fechava: o ritual havia ido da Inglaterra para a Alemanha e agora voltava para a Inglaterra, havendo reativado em terras germânicas os planos Illuminati. O ramo alemão ficou então nas mãos de Karl Germer, o Frater Saturnus, que se estabeleceu em Munique para dali impulsionar a Pansofia (Sabedoria Total) e se dedicou a editar os livros do britânico, assim como a expandir suas ideias”.

Hoje a OTO continua na ativa, porém dividida em duas: o ramo norte-americano e o ramo espanhol. Este último foi fundado por Gabriel Lopes de Rojas, chamado de Frater Prometeo, que afirma ter obtido o 33º grau do Rito Escocês Antigo e Aceito na loja Albert Pike. Esta loja, segundo definição própria, é voltada para “membros da Ordem Illuminati e maçons catalães”. Rojas disse em textos recentes que, em 2000, recebeu “ordens dos membros superiores da Ordem Illuminati para reestruturar a única OTO herdeira de Aleister Crowley por sua condição de grão-mestre dos Illuminati”. Em fevereiro do ano seguinte ele teria recontatado os Illuminati norte-americanos e então refundado a OTO em Barcelona.

Essa é a história tal como contada. É fácil encontrar sites na internet ligados a grupos Illuminati que fazem referências à OTO como uma encarnação dos “iluminados”. O certo é que hoje cerca de 25 países abrigam filiais Illuminati. Um texto oficial diz que a Ordem transmite a centenas de interessados “uma iniciação que elimina ‘cadeias’ escravistas, que permite descobrir a verdadeira grandeza interior e que entrega as ferramentas necessárias para que o próprio iniciado possa se transformar e transformar o meio ambiente”.

Esse sistema de iniciação se chama Rojismo, referência a Gabriel Rojas, e está dividido em duas ordens: a Illuminati e a OTO. Utiliza dois ritos: os chamados Rito Operativo dos Iluminados de Baviera da Ordem Illuminati e o Rito Operativo de Memphis-Misraim das Sociedades OTO.

Tudo gira em torno da publicidade que os modernos Illuminati fazem de seu papel na sociedade moderna. Seu *slogan* é *Homo est deus* (O homem é Deus) e proclama que “os Illuminati foram, com o tempo, vítimas de falsas acusações e alarmismo social, com o propósito de serem exterminados”. Apenas o tempo poderá dizer se isso é real ou não. Talvez a própria Ordem não passe de uma alucinação do inconsciente coletivo...

Bibliografia Consultada



- Albuquerque, A. Tenório. *Sociedades secretas*. Editora Aurora, 1970.
- Beaurepaire, Pierre-Yves. “Contra as Forças Obscuras, a Luz”. *Revista História Viva*, 2008.
- Camacho, Santiago. *La Conspiración de los Illuminati*. La Esfera, 2005.
- Carr, William Guy. *Pawns in the Game*. Legion for the Survival of Freedom, 1978.
- Chandelle, Rene. *Os Illuminati e a Grande Conspiração Mundial*. Editorial Estampa, 2005.
- Ferguson, Niall. *House of the Rothschild*. USA: Penguin, , 2000.
- Hutchinson, Roger. *Aleister Crowley: The Beast Demystified*. Trafalgar Square, 2005.
- Hutin, Serge. *Governantes invisíveis e sociedades secretas*. Hemus, 1971.
- Introvigne, Massimo. *Los Illuminati y El Priorato de Sion: La Verdad*. Rialp, 2005.
- Koch, Paul H. *Illuminati*. Planeta, 2005.
- Lewis, Ralph Maxwell. A Verdade Sobre os “Illuminati”. *Revista O Rosacruz*, 1981.
- Manchester, William. *A Rockefeller Family Portrait: From John D. to Nelson*. Little Brown, 1958.
- Millegan, Kris. *Fleshing Out Skull & Bones: Investigations into America’s Most Powerful Secret Society*. Independent Publisher, 2004.
- Pizzinga, R. D. “O Governo Oculto do Mundo”. Livro eletrônico da IOK Brasil.
- Stauffer, Vernon. *The Bavarian Illuminati in America: The New England Conspiracy Scare, 1798*. Dover Publications, 2006.
- Wilkinson, Robert John Goodman. *El Libro Negro de los Illuminati*. Robinbook, 2004.

Wilson, Robert A. *Cosmic Trigger: Final Secret of the Illuminati*. New Falcon Publications, 1991.

Sites consultados

Dinheiro Online

www.terra.com.br/dinheironaweb/122/john_rockefeller.htm

Ordem Illuminati

www.grandorient.org

Os Iluminados de Kemet

<http://ordoilluminatorum.net/>